

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**  
**INSTITUTO DE ARTES**  
**PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS**

**VANESSA GARCIA DOS SANTOS**

**A FORMAÇÃO DE PRATICANTES DE DANÇAS URBANAS EM CURSOS DE  
GRADUAÇÃO EM DANÇA NO BRASIL DE 2007 A 2017**

**UBERLÂNDIA**

**2019**

**VANESSA GARCIA DOS SANTOS**

**A FORMAÇÃO DE PRATICANTES DE DANÇAS URBANAS EM CURSOS DE  
GRADUAÇÃO EM DANÇA NO BRASIL DE 2007 A 2017**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação Artes Cênicas/Mestrado do Instituto de Artes (IARTE), da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Artes Cênicas.

Área de Concentração: Artes Cênicas  
Linha de pesquisa: Estudos em Artes Cênicas  
–Conhecimentos e Interfaces da Cena.

Orientação: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Daniella de Aguiar

**UBERLÂNDIA**

**2019**

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU  
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

S237 Santos, Vanessa Garcia dos, 1994-  
2019 A formação de praticantes de Danças Urbanas em cursos de  
graduação em Dança no Brasil de 2007 a 2017 [recurso eletrônico]  
/ Vanessa Garcia dos Santos. - 2019.

Orientadora: Daniella de Aguiar.  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,  
Pós-graduação em Artes Cênicas.  
Modo de acesso: Internet.  
Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2019.2335>  
Inclui bibliografia.  
Inclui ilustrações.

1. Teatro. I. de Aguiar, Daniella , 1980-, (Orient.). II.  
Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em Artes  
Cênicas. III. Título.

CDU: 792



### ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Artes Cênicas				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico				
Data:	30 de agosto de 2019	Hora de início:	15:30	Hora de encerramento:	17h45
Matrícula do Discente:	11712ARC012				
Nome do Discente:	Vanessa Garcia dos Santos				
Título do Trabalho:	A formação de praticantes de Danças Urbanas em cursos de graduação em dança no Brasil de 2007 a 2017				
Área de concentração:	Artes Cênicas				
Linha de pesquisa:	Estudos em Artes Cênicas: Conhecimentos e Interfaces da Cena				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Tradução Intersemiótica como ferramenta na criação em dança				

Reuniu-se no Anfiteatro 3C, Campus Santa Mônica, da Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas, assim composta: Professores Doutores: Daniella de Aguiar (IARTE-UFU) orientadora da candidata, Alexandre José Molina (IARTE-UFU) e Lara Seidler de Oliveira (UFRJ).

Iniciando os trabalhos a presidente da mesa, Dra. Daniella de Aguiar, apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público, e concedeu à Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da Discente e o tempo de arguição e resposta obedeceram as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

**Aprovada.**

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Daniella de Aguiar, Professor(a) do Magistério Superior**, em 30/08/2019, às 17:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Alexandre José Molina, Presidente**, em 30/08/2019, às 17:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **LARA SEIDLER DE OLIVEIRA**, **Usuário Externo**, em 30/08/2019, às 19:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).

---



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://www.sei.ufu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1504953** e o código CRC **7DE738C6**.

---

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Instituto de Artes e ao Mestrado em Artes Cênicas por viabilizarem esta pesquisa;

À Daniella de Aguiar pela orientação paciente e dedicada ao estudo;

Ao Alexandre Molina e a Lara Seidler pelas inúmeras contribuições na banca de qualificação e na banca de defesa;

Aos 95 praticantes de Danças Urbanas que se disponibilizaram em responder as questões do questionário e relataram suas experiências como estudantes em cursos de graduação em Dança no Brasil;

À todas as pessoas pertencentes à Cultura Hip Hop que a fomentam pelo mundo.

## RESUMO

Esta pesquisa apresenta um levantamento de praticantes de Danças Urbanas que cursem ou tenham cursado Graduações em Dança no Brasil de 2007 a 2017. A partir do método de pesquisa mista com coleta de dados e estratégia de modo concomitante foi possível obter dados que são analisados de modo quantitativo e qualitativo. A coleta de dados se deu por meio de questionário composto por 25 questões dissertativas e de múltipla escolha, cuja aplicação obteve 104 respostas, das quais 95 foram consideradas válidas. A perspectiva teórica escolhida para análise e interpretação dos dados foi o conceito de campo abordado pelo sociólogo Pierre Bourdieu. O objetivo deste trabalho é observar de que maneira a graduação em Dança pode ser um espaço de formação para praticantes de Danças Urbanas a partir da perspectiva dos estudantes. O levantamento mapeou praticantes nas 5 regiões do Brasil, em 14 estados, e em 25 das 35 instituições que possuem graduações em Dança no Brasil. Foi possível observar que o número de ingressantes e egressos cresceu no decorrer dos anos e que a graduação em Dança pode contribuir de diversas maneiras na formação de praticantes de Danças Urbanas. Além disso, foi possível apontar possíveis alterações no campo emergente de Danças Urbanas, principalmente a partir do aumento do capital simbólico dos agentes ao se graduarem em Dança.

**Palavras-chave:** Danças Urbanas. Graduação em Dança. Formação. Pierre Bourdieu. Campo Emergente. Hip Hop.

## **ABSTRACT**

This research presents a survey of urban dancers who attend or have attended Dance undergraduate courses in Brazil from 2007 to 2017. Through the mixed research method with data collection and concomitant strategy it was possible to obtain data that were analyzed in both quantitative and qualitative ways. The data collection was done through questionnaire composed of 25 dissertative and multiple-choice questions which application obtained 104 responses, of which 95 were considered valid. The theoretical perspective analyzes and interpret the data is the concept of field by the sociologist Pierre Bourdieu. The objective of this work is to observe in what Dance undergraduate courses can be an education context for Urban Dances practitioners, from the students' point of view. The survey mapped practitioners in the 5 regions of Brazil, in 14 states, and 25 of the 35 institutions that have Dance undergraduate courses in Brazil. It was possible to observe that the number of newcomers and graduates has grown over the years and that the Dance undergraduate courses can contribute in different ways in the education of the Urban Dances practitioners. In addition, it is noted the occurrence of changes in the emergent field of Urban Dances, especially due to the increase of the agents' symbolic capital when they graduate in Dance.

**Keywords:** Urban Dances. Graduation in Dance. Education. Pierre Bourdieu. Emergent Field. Hip Hop.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>07</b>
<b>1 DANÇAS URBANAS COMO CAMPO EMERGENTE.....</b>	<b>16</b>
<b>2 PERFIL DOS PRATICANTES DE DANÇAS URBANAS NAS GRADUAÇÕES EM DANÇA NO BRASIL DE 2007 A 2017.....</b>	<b>26</b>
<b>3 GRADUAÇÕES EM DANÇA NO BRASIL COMO POSSÍVEL ESPAÇO DE FORMAÇÃO DE PRATICANTES DE DANÇAS URBANAS.....</b>	<b>46</b>
<b>3.1 Motivadores pela formação superior em Dança e pretensões de atuação profissional.....</b>	<b>47</b>
<b>3.2 Articulação das Danças Urbanas com as disciplinas dos cursos de graduação em Dança .....</b>	<b>61</b>
<b>3.3 Discriminação com praticantes de Danças Urbanas dentro e fora do curso.....</b>	<b>72</b>
<b>3.4 Como a graduação em Dança pode contribuir para a formação de praticantes de Danças Urbanas.....</b>	<b>86</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>96</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>100</b>
<b>APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO.....</b>	<b>102</b>
<b>APÊNDICE B – GRADUAÇÕES EM DANÇA NO BRASIL.....</b>	<b>103</b>

## LISTA DE FIGURAS

Gráfico 1- Gênero dos praticantes de Danças Urbanas nas graduações em Dança no Brasil de 2007 a 2017. ....	27
Gráfico 2 – Praticantes de Danças Urbanas nas graduações em Dança no Brasil de 2007 a 2017 por regiões do país.....	29
Gráfico 3 – Praticantes de Danças Urbanas por estado e região nas graduações em Dança no Brasil de 2007 a 2017. ....	30
Gráfico 4 – Praticantes de Danças Urbanas por instituição e regiões do país nas graduações em Dança no Brasil de 2007 a 2017.....	31
Gráfico 5 – Tipo de processo seletivo que os praticantes de Danças Urbanas participaram para ingresso nas graduações em Dança no Brasil de 2007 a 2017.. ....	33
Gráfico 6 – Idade dos praticantes de Danças Urbanas ao ingressar nas graduações em Dança no Brasil de 2007 a 2017. ....	35
Gráfico 7 – Tempo de prática de dança dos praticantes de Danças Urbanas ao ingressar nas graduações em Dança no Brasil de 2007 a 2017. ....	36
Gráfico 8 – Quantidade de praticantes de Danças Urbanas graduados e graduandos em cursos de Dança no Brasil de 2007 a 2017. ....	37
Gráfico 9 – Períodos que os praticantes de Danças Urbanas em graduações em Dança no Brasil estavam cursando quando responderam ao questionário. ....	39
Gráfico 10 – Quantidade de praticantes de Danças Urbanas nas graduações em Dança no Brasil de 2007 a 2017 que possuem ou possuíram algum tipo de bolsa. ....	40
Gráfico 11 – Tipos de bolsas que os praticantes de Danças Urbanas nas graduações em Dança no Brasil de 2007 a 2017 possuem ou possuíram.....	41
Gráfico 12 – Quantidade de praticantes de Danças Urbanas ingressantes e egressos em cursos de Dança no Brasil de 2007 a 2017. ....	43
Gráfico 13 – Tipos de curso de graduação dos praticantes de Danças Urbanas nas graduações em Dança no Brasil de 2007 a 2017.....	53
Gráfico 14 – Pretensão de atuação profissional dos praticantes de Danças Urbanas em formação nas graduações em Dança no Brasil de 2007 a 2017.....	56
Gráfico 15 – Tipos de disciplina em que os praticantes de Danças Urbanas conseguem estabelecer relação nas graduações em Dança no Brasil de 2007 a 2017. ....	62
Gráfico 16 – Quantidade de praticantes de Danças Urbanas das graduações em Dança no Brasil de 2007 a 2017 que pesquisam Danças Urbanas durante o curso.....	66
Gráfico 17 – Tipos de pesquisa e espaços de estudo dos praticantes de Danças Urbanas nas graduações em Dança no Brasil de 2007 a 2017. ....	67
Gráfico 18 – Quantidade de praticantes de Danças Urbanas que já sofreu ou não algum tipo de preconceito/discriminação nas graduações em Dança no Brasil de 2007 a 2017 por serem praticantes de Danças Urbanas. ....	73
Gráfico 19 – Quantidade de praticantes de Danças Urbanas nas graduações em Dança no Brasil de 2007 a 2017 que percebem que os praticantes de fora da graduação expressam resistência à entrada das Danças Urbanas na universidade.. ....	80
Gráfico 20 – Percepção da contribuição da graduação em Dança para praticantes de Danças Urbanas nas graduações em Dança no Brasil de 2007 a 2017. ....	87

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa realizou um levantamento de praticantes de Danças Urbanas<sup>1</sup> graduados ou graduandos em Dança durante o período de 2007 a 2017, com o intuito de observar como tem se dado a formação de praticantes nesse espaço de ensino. Trata-se de uma pesquisa de método misto, e a metodologia utilizada foi a de aplicação de questionário.

O estudo utiliza o termo “praticante” para nomear as pessoas que praticam Danças Urbanas, foco desta pesquisa. Embora o termo possa parecer estranho aos pesquisadores em dança e, aparentemente, relacionado a uma dualidade entre teoria e prática, é utilizado aqui pois é um termo corrente neste campo em emergência. Por ser este o modo como as pessoas do campo se reconhecem, a escolha de outro termo poderia causar um estranhamento entre os agentes do campo, que poderiam, inclusive, não se sentir representados. Além disso, apesar do termo usado ser praticante, aqui entende-se que a prática das Danças Urbanas é também uma forma de conhecimento, e não é separada da teoria.

Este estudo é um desdobramento do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) desenvolvido no Bacharelado em Dança na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), no ano de 2016 sob orientação do Prof. Dr. Alexandre José Molina. Intitulado “Danças Urbanas no Brasil: Terminologias, Profissionalização e Festivais”, o estudo realizou pesquisa de campo em dois festivais de Danças Urbanas no Brasil para analisar a importância de eventos específicos para esse tipo de dança, além disso, abordou as possibilidades de profissionalização e discutiu as terminologias Dança de Rua e Danças Urbanas.

No tema profissionalização, o TCC abordou a legislação vigente para o exercício da profissão de artista, expôs dados referentes ao consumo cultural dos brasileiros, apresentou diferentes modos de se definir o que é ser um profissional de Danças Urbanas, e elencou possíveis espaços de formação e atuação desse profissional. Dentre os espaços listados, os cursos técnicos e as graduações em Dança são possibilidades de formação do praticante, e também possibilidades de atuação como professor, pesquisador ou técnico-administrativo.

A partir da observação desse espaço como uma possibilidade de formação para praticantes de Danças Urbanas, me interessei em aprofundar este estudo e compreender de que maneira ocorre esse processo formativo. Esse desejo também surge devido a minha formação em uma graduação em Dança enquanto praticante de Danças Urbanas, na qual obtive inúmeros ganhos, transformando o meu conhecimento sobre dança. Dessa forma,

---

<sup>1</sup> Para uma discussão sobre o uso dos termos Danças Urbanas e Dança de Rua consultar Santos (2016).

busco estabelecer o perfil dos praticantes que buscam esse tipo de formação e compreender como esse espaço de formação pode alterar o fazer dos praticantes.

O problema central desta pesquisa é: de que maneira tem ocorrido a formação de praticantes de Danças Urbanas em cursos de graduação em Dança no Brasil? Assim, busco compreender, entre outras questões as razões pelas quais os praticantes optam por esse caminho formativo, de que maneira ingressam na graduação, como dialogam com o curso a partir de sua prática e se a graduação contribui para sua formação profissional em Danças Urbanas.

O intuito é observar como este espaço de formação pode auxiliar praticantes de Danças Urbanas na busca pela sua profissionalização, a partir do ponto de vista desses praticantes. A graduação é um espaço de formação profissional que segue diretrizes nacionais com profissionais qualificados que visam o ensino e o preparo do estudante para atuação na profissão desejada. Por se tratar de um espaço formal de ensino regulamentado nacionalmente, ainda que cada curso possua uma matriz curricular e cada experiência seja individual, há diretrizes comuns que possibilitam observar como essa formação ocorre. Diferentemente dos espaços informais em que os parâmetros de ensino não são regulamentados dificultando sua análise.

A partir desta problemática o estudo apresenta dados sobre os praticantes nesse espaço de formação, desde os motivadores pela escolha da graduação até as principais contribuições do curso em sua prática profissional. Os dados apresentados se baseiam na experiência dos praticantes de Danças Urbanas em uma formação superior em Dança a partir de seus relatos. A exposição desses relatos na dissertação aponta semelhanças e discrepâncias de acordo com o contexto de cada praticante a partir das questões apresentadas. Além disso, a pesquisa demonstra as potencialidades e as problemáticas desse espaço de formação, o que pode contribuir para a construção de cursos de Dança cada vez mais democráticos e acessíveis aos diferentes tipos de pessoas e práticas.

Ressalta-se que esta dissertação utiliza a voz dos estudantes como norteadora, assim é preciso relativizar os relatos, pois eles abordam apenas uma perspectiva de eventos complexos e não tem a pretensão de se apresentar como uma verdade única. Dar foco para esta perspectiva, dar voz aos estudantes, foi uma escolha metodológica e política deste estudo.

É relevante para a contextualização desta pesquisa apresentar uma definição das Danças Urbanas<sup>2</sup>, que se constituem como uma série de técnicas<sup>3</sup> de dança que começaram a

---

<sup>2</sup> Utilizo durante o trabalho o termo Danças Urbanas sempre em maiúsculo por se tratar de um campo emergente como será abordado no capítulo 1 desta dissertação.

surgir na década de 1970, ligadas à Cultura Hip Hop. Ainda não há um consenso sobre quais técnicas fazem parte das Danças Urbanas, mas elencarei as que são consideradas usualmente pelos praticantes, são elas: Breaking, Popping, Locking, House, Krumping, Dance Hall, Waacking, Voguing e Hip Hop Dance. Há outras técnicas que também podem ser chamadas de Danças Urbanas, mas por serem mais recentes ainda há dissenso sobre a questão. Assim, ao utilizar o termo Danças Urbanas me refiro ao conjunto de técnicas citados acima. Lembrando que esse é um termo muito complexo por se referir a danças diferentes, com surgimentos em períodos e contextos diversos. Dessa forma, algumas questões serão comuns a todas as técnicas e outras não.<sup>4</sup>

Como perspectiva teórica desta pesquisa utilizo o conceito de campo do sociólogo Pierre Bourdieu que guia a análise e a interpretação dos dados. O conceito é utilizado para analisar as Danças Urbanas não apenas como um conjunto de técnicas de dança, mas como um campo emergente composto por agentes, espaços sociais, problemas comuns e modos de funcionamento próprios. Assim, busca-se observar de que maneira a formação de praticantes em cursos de graduação em Dança se relacionam com o campo emergente, destacando possíveis caminhos profissionais a se seguir após a conclusão do curso e como esse espaço de formação pode alterar os modos de funcionamento do campo de Danças Urbanas.

O campo é constituído por agentes que se situam em diferentes posições a partir da quantidade e do tipo de capital que possuem. O capital pode ser simbólico, social, econômico e cultural e os modos de aquisição são determinados pelo campo. A graduação em Dança surge como uma nova forma de aquisição de capital, por isso a importância de se analisar a relação dos praticantes com esse espaço de formação. Os dados sobre o campo auxiliam na sua construção e definição, a partir da observação das formas pelas quais os agentes adquirem capital, como será explorado de forma mais detalhada no capítulo 1.

Como perspectiva teórica para analisar brevemente a graduação em Dança como espaço de formação utiliza-se o autor Paulo Freire a partir do conceito de pedagogia da autonomia. Ao partir de uma perspectiva de horizontalidade entre professor e estudante, considerando que o aprendizado se dá na experiência. Sabe-se que é um texto voltado para a

---

<sup>3</sup> Ao adotar a abordagem de Aguiar (2008, p. 27), entende-se técnica de dança como coleções de artefatos cognitivos que “interferem, restringem e direcionam a ação de dançarinos a partir da elaboração de uma certa organização do movimento corporal.” Desta forma, as técnicas são parte de um contexto maior, um “espaço de problemas”, em que aspectos sociais, artísticos, políticos e pedagógicos contribuem e interferem em seus resultados e no modo de alcançá-los.

<sup>4</sup> Para uma discussão mais aprofundada sobre a história da Dança de Rua ver Santos (2016), Yoshinaga (2014), Ribeiro e Cardoso (2011) e Guarato (2008).

formação do professor, entretanto, aqui é usado para uma leitura do papel do estudante, de maneira ainda inicial.

A pesquisa em Danças Urbanas no Brasil é bastante recente, devido aos poucos anos de sua existência, e também pelo pequeno número de praticantes ocupando os espaços acadêmicos até o momento. Dessa maneira, a pesquisa sobre a temática é escassa, e a maioria dos estudos desenvolvidos focam em aspectos pedagógicos, expondo estudos de caso sobre o ensino de Danças Urbanas. Estudos que observem aspectos econômicos, mercadológicos, teóricos e de formação profissional dessa dança ainda são raros. Sobre a temática desta pesquisa foi possível encontrar apenas uma publicação: “As Danças Urbanas nas Universidade Brasileiras”<sup>5</sup>, publicado no portal Idança em 2016 de autoria de Vanilton Lakka. Neste texto, o autor, que é coreógrafo, intérprete e, desde 2018, professor do curso de Dança da UFU, discorre sobre o aumento dos cursos de graduação em Dança no Brasil e aborda algumas questões referentes à entrada de praticantes de Danças Urbanas nesse espaço de formação.

Como as graduações em Dança enquanto espaço de formação de praticantes de Danças Urbanas é o foco desta discussão, é importante abordar, mesmo que brevemente, a criação dos cursos de Dança nas instituições de ensino superior brasileiras. De acordo com Alexandre Molina (2008, p. 37), a primeira graduação em Dança do Brasil foi criada em Salvador em 1956 na Universidade Federal da Bahia (UFBA); a segunda, em Curitiba na Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), antiga (FAP), em 1984; a terceira, em 1985, no Centro Universitário da Cidade (Univercidade); e a quarta no mesmo ano em Campinas na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), porém seu reconhecimento se deu apenas em 1992.

A partir da década de 1990 foram criadas inúmeras graduações em diferentes regiões do país principalmente devido à mobilização da classe artística. Conforme afirma Vieira (2015, p. 26), a partir de 2008, essa proliferação de cursos também foi impulsionada pelo Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni) que visava ampliar o número de graduações e a quantidade de estudantes nas instituições de ensino superior brasileiras. Muitos cursos de Dança foram criados a partir desse programa nas universidades e outros cursos foram criados com os institutos federais a partir de 2002.

---

<sup>5</sup> Disponível em: <http://beta.idanca.net/as-dancas-urbanas-nas-universidades-brasileiras/>.

De acordo com o Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Educação Superior e-MEC<sup>6</sup>, encontrado no *website* do Ministério da Educação (MEC), especificamente na tabela do apêndice B (página 102), atualmente existem 35 instituições de ensino superior brasileiras que possuem graduações em Dança, ofertando 46 cursos divididos em 13 de bacharelado, 32 de licenciatura e 1 tecnológico. Os cursos tecnológicos são cursos superiores de Tecnologia em Dança, diferentes dos cursos técnicos que são de nível médio.

Entre os 26 estados e o Distrito Federal, 17 possuem cursos de Graduação em Dança e 10 não possuem. Os estados que não possuem essa possibilidade de formação são: Roraima, Amapá, Tocantins, Rondônia e Acre na Região Norte; Maranhão e Piauí na Região Nordeste; Mato Grosso e Mato Grosso do Sul na Região Centro-Oeste; e Espírito Santo na Região Sudeste. O que limita as possibilidades formativas para os habitantes desses estados, pois, caso desejem realizar um curso superior em Dança, terão que se mudar para outro estado do país.

Apesar dos cursos serem recentes e de não estarem presentes em todos os estados, o aumento e a distribuição desses cursos de Dança no Brasil apresenta uma nova e real possibilidade de formação para praticantes de Danças Urbanas. Deste modo, esta pesquisa neste período se faz necessária para uma possível indicação de como a oferta de cursos de Dança pode ser uma possibilidade formativa para o campo emergente das Danças Urbanas.

Após uma breve contextualização das questões da pesquisa, será abordada a metodologia utilizada. Tradicionalmente, as pesquisas acadêmicas utilizam métodos quantitativos ou qualitativos, de acordo com os objetivos de cada estudo. As pesquisas quantitativas têm como foco a produção ou análise de dados quantificáveis. Já as pesquisas qualitativas analisam os aspectos subjetivos dos objetos de estudo, observando questões para além dos resultados numéricos. Recentemente, alguns pesquisadores têm utilizado os dois métodos conjuntamente em uma mesma pesquisa, chamando-o de método misto.

Creswell e Plano Clark (2011) definem métodos mistos como um procedimento de coleta, análise e combinação de técnicas quantitativas e qualitativas em um mesmo desenho de pesquisa. O pressuposto central que justifica a abordagem multimétodo é o de que a interação entre eles fornece melhores possibilidades analíticas. (PARANHOS et al., 2016, p. 391).

Assim a abordagem multimétodo é a que mais se encaixa nesta pesquisa por levantar dados quantitativos e qualitativos e abordar discussões em ambas as técnicas. Este levantamento apresenta o perfil dos praticantes de Danças Urbanas que optam por uma formação superior em Dança a partir de dados quantitativos; e de modo qualitativo observa as

---

<sup>6</sup> Disponível em: <http://emec.mec.gov.br/>.

razões pelas quais eles optam por essa formação e de que maneira ela tem ocorrido no decorrer dos anos. Para obter essas diferentes informações é necessário um método que combine técnicas quantitativas e qualitativas, por isso opta-se pelo método misto. Pois, como Paranhos (et al. 2016, p. 389) afirma: “a vantagem da integração consiste em retirar o melhor de cada uma para responder uma questão específica”. Devido aos objetivos desta pesquisa a combinação de ambos os métodos se apresenta como a melhor opção para chegar aos resultados esperados, possibilitando uma análise mais aprofundada do objeto de estudo.

Na pesquisa de método misto há alguns tipos de estratégia para coleta de dados, as mais utilizadas são: estratégia sequencial e concomitante. Na estratégia sequencial a coleta dos dados qualitativos e quantitativos ocorre em duas fases separadamente, uma após a outra, e o pesquisador opta por quais dados deseja coletar primeiro. Já a estratégia concomitante, utilizada neste estudo, a coleta de dados quantitativos e qualitativos ocorre ao mesmo tempo.

Procedimentos *concomitantes*, nos quais o pesquisador faz a convergência de dados quantitativos e qualitativos a fim de obter uma análise ampla do problema de pesquisa. Nesse projeto, o investigador coleta as duas formas de dados ao mesmo tempo durante o estudo e depois integra as informações na interpretação dos resultados gerais. Além disso, nesse projeto, o pesquisador acomoda uma forma de dados dentro de um procedimento de coleta de dados maior para analisar diferentes questões ou níveis de unidades em uma organização. (CRESWELL, 2007, p. 33).

A opção pela estratégia concomitante se dá devido ao principal instrumento metodológico desta pesquisa que foi a aplicação de um questionário composto por questões dissertativas e de múltipla escolha. As questões visam obter dados quantitativos e qualitativos sobre a formação de praticantes de Danças Urbanas em cursos de Graduação em Dança no período de 2007 a 2017. Desse modo, os dados quantitativos e qualitativos foram colhidos ao mesmo tempo, possibilitando apresentar resultados numéricos sobre os praticantes e também analisar os relatos dos respondentes sobre como essa formação tem ocorrido. Ou seja, utilizo a pesquisa de método misto com a estratégia concomitante que consiste em coletar dados quantitativos e qualitativos ao mesmo tempo, sem dar prioridade para a técnica quantitativa ou para a qualitativa, pois os dados de ambas as técnicas são coletados, analisados e interpretados simultaneamente.

De acordo com Paranhos (et al 2016, p. 392), a pesquisa se divide em 5 etapas, são elas: (1) questão de pesquisa; (2) unidade de análise; (3) amostra; (4) coleta de dados; (5) estratégias de análise. A partir do método misto concomitante abordo as etapas da pesquisa com o objetivo de conduzir o leitor pelo caminho percorrido do início até a conclusão do estudo. As etapas são:



- (1) Esta pesquisa tem como problema central a questão: de que maneira tem ocorrido a formação de praticantes de Danças Urbanas em cursos de graduação em Dança no Brasil?
- (2) A unidade de análise desta pesquisa são os indivíduos: praticantes de Danças Urbanas estudantes de graduações em Dança; e as instituições: graduações em Dança do Brasil;
- (3) A amostra do estudo são 95 praticantes que responderam ao questionário;
- (4) A coleta de dados se deu por meio de questionário *online* composto por 23 questões dissertativas e 2 de múltipla escolha;
- (5) A estratégia de análise é concomitante, pois os dados foram coletados, analisados e interpretados simultaneamente.

O método misto aplicado de modo concomitante através dessas etapas possibilita produzir dados sobre o número de praticantes, gênero, idade, região geográfica, quantidade de ingressantes e egressos ao longo dos anos, tempo de prática de dança, tipos de processo seletivo, quantidade e tipos de bolsas, quantos alunos estão realizando pesquisas com essa temática, entre outros dados. E o método qualitativo analisou de que maneira os estudantes têm entrado e permanecido nesse espaço de formação. Por meio dos diversos relatos, obtidos como respostas das questões dissertativas, é possível identificar os motivos pelos quais esses praticantes optam por esse espaço de formação, como se dá a relação da sua prática em Danças Urbanas com as disciplinas, como eles são recebidos nos cursos, de que maneira a graduação contribui para sua formação em Danças Urbanas, de que modo pretendem atuar profissionalmente, entre outras questões que foram suscitadas pelos próprios relatos.

O levantamento de praticantes de Danças Urbanas nas graduações em Dança começou antes do meu ingresso no mestrado com a criação de um grupo na rede social *Facebook* no dia 7 de junho de 2016. A proposta do grupo era criar uma rede de contatos para o diálogo e troca de informações entre pessoas interessadas no estudo das Danças Urbanas e praticantes que se encaixem no perfil da pesquisa. Facilitando o meu acesso ao público alvo da pesquisa para divulgação do questionário. Além disso, foram enviados *e-mails* para algumas coordenações de cursos de Dança do Brasil para que replicassem aos seus alunos com o objetivo de chegar até os estudantes que sejam praticantes de Danças Urbanas.

Composto por 25 questões, o questionário que segue no apêndice A (página 101) foi disponibilizado por meio da ferramenta *Google Forms*, que permite a criação de formulários *online*, no dia 05 de janeiro de 2018 e permaneceu disponível durante um ano. O questionário

recebeu 104 respostas, das quais 95 são válidas, pois as demais se tratavam de pessoas que não se encaixam no perfil da pesquisa<sup>7</sup>.

As respostas válidas foram quantificadas e são apresentadas por meio de gráficos. Algumas respostas foram utilizadas como citação afim de apresentar dados qualitativos sobre os assuntos discutidos, além de abrir espaço de fala para os praticantes relatarem suas diferentes experiências nesse espaço de formação. A escolha dos relatos utilizados como citação se dá primeiramente por respostas em que é possível compreender o sentido das frases, pois há casos em que erros de escrita e português são tão graves que comprometem o entendimento do discurso apresentado. O segundo critério foi escolher respostas mais elaboradas em que o respondente disserta sobre a questão. Os relatos foram mantidos conforme enviados, assim quaisquer erros são dos originais.

Esta pesquisa traz à superfície questões pouco discutidas e é pioneira no levantamento de dados e informações sobre praticantes de Danças Urbanas inseridos em graduações em Dança no Brasil. Desse modo, pode ser uma referência não só para pesquisas em Danças Urbanas, mas também para praticantes de outras técnicas de dança que se interessem por esse tipo de levantamento de dados e construção de perfil. Além de abordar temas cruciais para o desenvolvimento do campo, a pesquisa coloca em evidência uma prática periférica pouco reconhecida pela academia, ampliando sua visibilidade por meio do estudo e da pesquisa.

Ao saber quem são os praticantes, quantos são, onde estão localizados é possível apresentar o perfil dos praticantes que optam por essa formação e de que maneira esse pode ser um espaço formativo para as Danças Urbanas. A pesquisa poderá auxiliar na criação de dados futuros sobre como a formação desses profissionais impactará na economia da cultura, em quais campos atuarão, demonstrando a relevância da formação superior em Dança e auxiliando a construção do campo de Danças Urbanas.

Esta dissertação se organiza em 3 capítulos e as considerações finais. O primeiro capítulo traz a perspectiva teórica do trabalho tendo como base o conceito de campo do sociólogo Pierre Bourdieu. O segundo capítulo apresenta o perfil dos praticantes que optam por essa formação, expondo dados como: sexo, localização geográfica, instituições, processos seletivos, idade, tempo de prática de dança, quantos já concluíram o curso e os períodos dos que ainda estão em processo de formação, além da relação de ingressantes e egressos durante os anos de 2007 e 2017.

---

<sup>7</sup> O perfil da pesquisa pede praticantes de Danças Urbanas que ingressaram ou se graduaram em Dança no Brasil entre 2007 e 2017. Deste modo, praticantes que cursaram outras graduações, por exemplo, que faziam parte do grupo do *Facebook* não entraram como parte do levantamento.

O terceiro capítulo aborda a graduação em Dança como espaço de formação de praticantes de Danças Urbanas; apresenta os motivos pelos quais os praticantes optam por essa formação, como desejam atuar profissionalmente, como articulam sua experiência em Danças Urbanas com as disciplinas, pesquisa, se ocorre discriminação dentro do curso, resistência dos praticantes à entrada das Danças Urbanas na universidade e as principais contribuições da graduação para a formação do praticante de Danças Urbanas. As considerações finais apresentam as conclusões da pesquisa e os possíveis desdobramentos do estudo. Além disso, este trabalho possui dois apêndices, apêndice A: questionário aplicado aos praticantes de Danças Urbanas; e apêndice B: Cursos de Graduação em Dança no Brasil.

## 1 DANÇAS URBANAS COMO CAMPO EMERGENTE

O primeiro capítulo desta dissertação apresenta o conceito de campo criado pelo sociólogo Pierre Bourdieu e sua possível aplicação às Danças Urbanas. Ao analisar as Danças Urbanas enquanto um campo, busca-se observar a complexidade de relações que se estabelecem no espaço social, quem são os agentes desse campo, que posições ocupam e quem são os “nobres” neste campo. Assim, o capítulo apresenta o conceito de campo, os elementos que tornam as Danças Urbanas um campo e, a partir da análise dos dados coletados no estudo explora como a entrada de praticantes em cursos de graduação em Dança pode alterar os modos de funcionamento deste campo.

De acordo com Bourdieu, (1989, p. 135), um campo social pode ser descrito como:

Um espaço multidimensional de posições tal que cada posição actual pode ser definida em função de um sistema multidimensional de coordenadas cujos valores correspondem aos valores das diferentes variáveis pertinentes: os agentes distribuem-se assim nele, na primeira dimensão, segundo o volume global do capital que possuem e, na segunda dimensão, segundo a composição do seu capital – quer dizer, segundo o peso relativo das diferentes espécies no conjunto de suas posses.

Este campo social ao qual me refiro é formado pelas pessoas que praticam, ensinam, pesquisam, produzem e dedicam o seu fazer às Danças Urbanas. Assim, as Danças Urbanas podem ser entendidas como um espaço multidimensional composto por agentes que se situam a partir da quantidade e do tipo de capital que possuem. Esse capital pode ser simbólico, econômico, social e cultural e as formas de aquisição de capital são determinadas pelo campo e seus agentes.

É importante destacar que o campo é dinâmico, seus elementos, agentes e formas de aquisição de capital se alteram com o decorrer do tempo, contudo é preciso apontar suas características para sua identificação e delimitação. Ainda em tempo, ressalto que as informações aqui apresentadas se referem à prática de Danças Urbanas realizada no Brasil, especialmente a partir da minha experiência em meu contexto e a partir dos dados coletados nesta pesquisa. Busco a título de investigação levantar possíveis recorrências e construir inicialmente o que pode vir a ser a compreensão das Danças Urbanas como campo. Por se tratar de um campo em construção as informações aqui apresentadas podem e provavelmente irão se modificar ao longo do tempo, bem como dependem do contexto do observador, desse modo cabe aos futuros pesquisadores continuarem e aprofundarem sua observação.

Rita Aquino, professora do curso de Dança da UFBA, em sua dissertação de mestrado mapeou as pesquisas acadêmicas sobre dança realizadas em programas de pós-graduação no

Brasil, em um certo período, apontando a construção de um campo de pesquisa acadêmica sobre dança no Brasil. Sobre a noção de campo, a autora afirma:

Deve-se compreender o campo enquanto um espaço social fortemente estabelecido, cujas práticas possuem especificidades reconhecidas. Isto é, o capital em jogo, as formas de relação entre os agentes, a natureza das estratégias traçadas, os parâmetros de reconhecimento, em suma, todas as dinâmicas de produção deste espaço já atingiram certa consolidação que permitem seu reconhecimento pelos agentes deste e de outros espaços. O campo é, portanto, uma forma de espaço social que desenvolveu sua autonomia. A estabilidade de um campo não deve ser confundida com uma forma de engessamento: se trata da identificação de propriedades, estruturas e funcionamentos que caracterizam uma ação específica. O campo é, por natureza, dinâmico, assim como são transitórias as atitudes dos grupos de seus agentes: elas dependem de que posições ocupam no espaço social e de qual a situação de oferta de bens e práticas em cada momento. (AQUINO, 2008, p. 25).

O modo como as Danças Urbanas se organizam a partir de suas especificidades como tipos de movimentos, vestimentas, linguajar, perfil dos agentes, espaços de formação e atuação as fazem ser percebidas como um campo. Pois, há padrões de reconhecimento que possibilitam a identificação do espaço social que se estabelece a partir dessas relações. O fato das Danças Urbanas se originarem de um contexto cultural rico e diverso como a Cultura Hip Hop faz com que essas danças funcionem como campo. Contudo, a definição e delimitação deste campo vem ocorrendo há pouco tempo, assim é possível perceber a busca por sua autonomia, mas ainda não se trata de um espaço fortemente estabelecido. A busca por essa definição e estabilidade estão diretamente ligadas à qualificação de seus agentes e ao refinamento de seu capital.

O argumento que apresento é que as Danças Urbanas são um campo em constituição que emerge da confluência de dois outros campos já existentes: a Cultura Hip Hop e a Dança.<sup>8</sup> As Danças Urbanas podem se configurar como um campo emergente, pois de acordo com Aquino (2008, p. 35),

Os campos emergentes são, [...] campos gestados no interior de outros campos, ou frutos da confluência de campos distintos, cujas especificidades demandam um tratamento autônomo. Isto, pois o jogo ali instaurado já não é comportado pelo ambiente no qual estava inserido, o poder simbólico se especializou, juntamente com seus agentes e com as relações produzidas por suas interações. As especificidades dos campos emergentes demandam que se lance sobre eles um olhar que não esteja mais comprometido com outro campo, mas sim que possibilite extrair daquilo que lhes é próprio suas lógicas de funcionamento.

---

<sup>8</sup> Agradeço a sugestão certeira do prof. Dr. Alexandre J. Molina na banca de defesa sobre o campo das Danças Urbanas emergir não só da Cultura Hip Hop, mas também do campo da Dança.

Devido ao crescimento das Danças Urbanas enquanto prática profissional, ela passa a operar com características e modos de funcionamento próprios, e dessa forma, há a necessidade de se existir independentemente. Assim, o campo de Danças Urbanas foi gestado a partir da convergência dos campos da Cultura Hip Hop e da Dança e agora apresenta-se como um campo emergente. A Cultura Hip Hop<sup>9</sup> é formada por 5 elementos: Dança, MC, DJ, Grafitti e o conhecimento que é a base para todos os outros elementos. Os elementos possuem conexão entre si por fazerem parte de uma mesma cultura, mas cada elemento possui características próprias, diferentes formas de organização e existem de forma independente. Contudo, existir de forma independente não é necessariamente se configurar como um campo autônomo. A autonomia do campo se dá quando é possível analisa-lo, sem estar comprometido com o campo do qual emergiu, é o momento em que suas características se tornam únicas e sólidas o suficiente para se manterem como campo. Assim, interessa compreender de onde o campo emerge, pois isso diz sobre suas características, mas é preciso que seus elementos sejam específicos ao ponto de não depender mais do campo do qual emergiu.

Associo o processo de autonomia ao momento em que as Danças Urbanas passam a ser vistas como um conjunto de técnicas ao invés de ser apenas o “elemento dança” da Cultura Hip Hop. Ao passo que quando surgem novas técnicas de Danças Urbanas com modos de se mover completamente diferentes já não há como dizer “a dança da Cultura Hip Hop”, pois não se trata mais de uma dança, e sim de várias. Associado a essa ideia, por vezes apenas o Breaking é considerado como a dança da Cultura Hip Hop, por ser a técnica que esteve no início da Cultura. Com o surgimento de novas técnicas, inclusive algumas que não surgem em contextos periféricos, é necessário a criação de um termo guarda-chuva que dê conta de reunir e nomear essas diferentes danças, assim opta-se pelo termo Danças Urbanas. Desse modo, não se trata mais de uma dança, mas de uma série de técnicas muito diferentes entre si e algumas não estão diretamente ligadas à Cultura Hip Hop. Aliado a isso ocorre a criação de espaços de formação e atuação específicos de Danças Urbanas, aulas de diferentes técnicas nas academias, batalhas e eventos que promovem a construção de conhecimentos específicos que já não demandam mais a Cultura Hip Hop como base. Nesse momento, as Danças Urbanas passam a funcionar como um campo emergente em busca de sua autonomia, pois se especializam e constroem elementos que são específicos, sem dependerem do campo da Cultura Hip Hop.

---

<sup>9</sup> Para uma discussão mais aprofundada sobre a história da Cultura Hip Hop ver Santos (2016), Leal (2007), Pimentel (1999) e Yoshinaga (2014).

Assim, a autonomia do campo não ocorre apenas por um desejo dos agentes, mas por uma complexificação dos aspectos que o compõem: as relações que se estabelecem entre os agentes, as hierarquias e os diferentes capitais. Apenas quando o campo se torna autônomo é que é possível analisar suas questões específicas, buscando os meios de solucionar as questões e observar com mais profundidade seus modos organizacionais separadamente da Cultura Hip Hop. Assim, as Danças Urbanas se tornam um campo emergente quando o campo da Cultura Hip Hop não comporta mais suas especificidades.

Deste modo, aqui busca-se analisar as Danças Urbanas não só como uma junção de técnicas de dança, mas como um coletivo de pessoas com interesses, práticas e hábitos comuns que as constituem como agentes de um campo. O campo é formado por todos os agentes de Danças Urbanas que são os praticantes, produtores, professores, diretores, jurados, escritores, pesquisadores e demais pessoas que tenham ações dedicadas a esse campo. Assim, os praticantes que estão nos cursos de graduação em Dança são apenas uma parcela deste campo. Essa parcela é importante, pois está ligada ao principal espaço de formação profissional em dança atual, onde se permite e estimula a análise e o estudo do próprio campo.

Ao se definir as Danças Urbanas como um campo é possível analisar de modo mais complexo as suas camadas.

Por isso, entre todas as invenções que acompanham a emergência do campo de produção, umas das mais importantes é, sem dúvida, a elaboração de uma linguagem artística: antes de mais, uma maneira de nomear o pintor, de falar dele, da natureza do seu trabalho e do modo de remuneração desse trabalho, através da qual se elabora uma definição autônoma do valor propriamente artístico, irreduzível, enquanto tal, ao valor estritamente econômico; e também, pela mesma lógica, uma maneira de falar da própria pintura, da técnica pictórica, com palavras apropriadas, muitas vezes pares de adjetivos, que permitem que se exprima a arte pictórica, a *manifattura*, e até mesmo o cunho próprio de um pintor, para cuja existência social ela contribui ao nomeá-la. (BOURDIEU, 1989, p. 290).

A importância de se nomear as Danças Urbanas como campo é justamente afirmar sua existência enquanto um espaço social estabelecido. Para além de uma junção de técnicas de dança, há diversos outros elementos inerentes a esse campo. Ao analisar esses elementos direciona-se a atenção para especificidades que talvez passassem despercebidas. Observando o praticante, seus espaços de formação e atuação, o modo como se profissionaliza, o mercado de trabalho analisa-se o campo a partir da complexidade de relações que o formam.

Devido ao fato das Danças Urbanas se configurarem como um campo emergente sua análise se torna ainda mais complexa, pois os elementos que definem esse campo mudam com frequência. Contudo, já é possível observar recorrências que fazem com que se inicie a

construção do campo, como os modos de dançar, vestimentas, linguajar, hobbies, tipos de lazer, lugares que os agentes frequentam, como se relacionam, como os grupos se organizam, as hierarquias estabelecidas dentro do campo e as formas de se obter capital. Ao elencar as características deste campo, é possível falar sobre os agentes, sobre como as Danças Urbanas se organizam, suas possibilidades de formação e atuação, como o campo se constitui e valida sua prática.

O campo de Danças Urbanas é formado por vários tipos de agentes, contudo devido ao foco desta pesquisa considero principalmente os praticantes de Danças Urbanas que são as pessoas que participaram do estudo.

Conrado (2006) faz apontamentos se referindo à capoeira, relatando que a atribuição de uma nova identidade é importante para seu praticante. Quando o este é nomeado capoeirista, ele se torna – no nível pessoal, emocional e coletivo – uma pessoa diferenciada, à qual se atribui um significado pelo seu desempenho que reflete no social que proporcionando o crescimento de sua autoestima, não só o diferencia como agrega valor a autoestima. O orgulho de ser parte de um grupo específico no qual ele é valorizado, por ser detentor de um determinado conhecimento que muitos procuram. Na Cultura Hip Hop, a relação de pertencimento é similar, ao se nomear um jovem de periferia de B.Boy/B.Girl, rapper, grafiteiro, MC ou DJ. Em um nível pragmático, a comunidade e a sociedade identificam que este jovem possui conhecimentos específicos, adquiridos pelo seu próprio esforço e que o diferencia de outros que estiveram em situação semelhante. Já em um nível subjetivo, singular os sentimentos variam, mas se assemelham ao capoeirista, auxiliando a autoestima. Fazer parte de um grupo específico é compartilhar as mesmas afinidades e códigos. (SILVA, 2014, p. 79).

Assim como um capoeirista, ao se nomear praticante de Danças Urbanas, afirma-se pertencer a um determinado grupo e informa sobre suas características pessoais. A nomeação é importante pois ela valida, diferencia dos demais e demonstra que aquela pessoa possui conhecimentos específicos que a fazem pertencer a determinado grupo. Enquanto membros de uma sociedade é fundamental fazer parte de determinados grupos sociais, pois são nesses espaços em que se encontram ressonâncias de seus desejos, percebe-se que suas aspirações não tratam apenas de sua individualidade, mas sim de uma coletividade que está ligada a um contexto maior.

A premissa apresentada é a de que as Danças Urbanas se constituem como um campo emergente, e aqui exploro brevemente como a entrada de praticantes em cursos de graduação em Dança pode alterar os modos de funcionamento deste campo, o que será mais desenvolvido nos próximos capítulos a partir dos dados e relatos dos praticantes mapeados. A entrada dos praticantes na universidade pode auxiliar na observação e análise do campo por meio da pesquisa acadêmica, pois permite o aprofundamento em determinadas temáticas. Ao



se aprofundar em uma temática se produz conhecimento sobre aquele campo, impulsionando o seu crescimento e avanço. Além disso, os praticantes que ingressam na graduação são uma parcela deste campo que busca nesse espaço de formação a ampliação de seu capital simbólico.

Os praticantes de Danças Urbanas que buscam a formação superior em Dança podem ser considerados uma *classe* dentro do campo, pois, de acordo com Bourdieu (1989, p. 136),

Com base no conhecimento do espaço das posições, podemos recortar *classes* no sentido lógico do termo, quer dizer, conjuntos de agentes que ocupam posições semelhantes e que, colocados em condições semelhantes e sujeitos a condicionamentos semelhantes, têm, com toda probabilidade, atitudes e interesses semelhantes, logo, práticas e tomadas de posição semelhantes.

Os praticantes de Danças Urbanas que buscam a formação superior em Dança podem ser considerados uma *classe* pois pertencem a um mesmo campo e buscam um mesmo espaço de formação. A graduação em Dança é um espaço formal de formação em dança que segue diretrizes nacionais e que fornecerá as ferramentas necessárias para a atuação profissional do agente. E como os próximos capítulos apontam, há diversas semelhanças entre os praticantes que optam por essa formação, principalmente as razões pelas quais eles optaram por esse caminho formativo, como busca por qualificação, reconhecimento da prática que possuem e ampliação de seus conhecimentos sobre Danças Urbanas.

As posições dos agentes no campo são determinadas pela quantidade de capital que possuem, como nos explica Bourdieu (1989, p. 134):

O capital – que pode existir no estado objectivado, em forma de propriedades materiais, ou, no caso do capital cultural, no estado incorporado, e que pode ser juridicamente garantido – representa um poder sobre um campo (num dado momento) e, mais precisamente, sobre o produto acumulado do trabalho passado (em particular sobre o conjunto de instrumentos de produção), logo sobre os mecanismos que contribuem para assegurar a produção de uma categoria de bens e, deste modo, sobre um conjunto de rendimentos e de ganhos. (BOURDIEU, 1989, p. 134).

Assim, detêm maior capital os agentes que estão ligados à produtividade daquele campo e às formas de obter rendimentos, e aqueles que possuem maior capital, tem conseqüentemente, maior poder sobre o campo, podendo alterar seus modos de funcionamento. Nas Danças Urbanas o capital simbólico está ligado diretamente à visibilidade e ao reconhecimento que as pessoas possuem no espaço social. Por exemplo, líderes de grupos, donos de academias, organizadores de eventos e praticantes com alto nível técnico possuem maior capital simbólico em relação aos demais.

A posição de um determinado agente no espaço social pode assim ser definida pela posição que ele ocupa nos diferentes campos, quer dizer, na distribuição dos poderes que atuam em cada um deles, seja, sobretudo, o capital econômico – nas suas diferentes espécies –, o capital cultural e o capital social e também o capital simbólico geralmente chamado prestígio, reputação, fama, etc. que é a forma percebida e reconhecida como legítima das diferentes espécies de capital. Pode-se assim construir um modelo simplificado do campo social no seu conjunto que permite pensar a posição de cada agente em todos os espaços de jogos possíveis (dando-se por entendido que, se cada campo tem sua lógica própria e a sua hierarquia própria, a hierarquia que se estabelece entre as espécies do capital e a ligação estatística entre os diferentes haveres fazem com que o campo econômico tenda a impor sua estrutura aos outros campos. (BOURDIEU, 1989, p. 134).

Nas Danças Urbanas o principal tipo de capital que define a posição de seus agentes é o simbólico, pois, por se tratar de uma prática periférica são raras as pessoas que acumulam capital econômico através dessa dança. Assim, as posições dos agentes no campo são quase sempre determinadas pelo reconhecimento e prestígio que possuem entre os agentes do campo, ou seja, seu capital simbólico. Neste campo emergente o capital econômico ainda não prevalece sobre o capital simbólico, mas ele é um facilitador para a aquisição desse tipo de capital. Pois, onde se adquire maior capital simbólico são nos festivais renomados nacionalmente, que exigem capital econômico para participação. Essa aquisição de capital simbólico se dá nesses eventos, pois ocorre uma intensificação de atividades como aulas, apresentações, competições, batalhas, palestras e encontro entre diferentes pessoas. Assim, quem possui capital econômico pode estar presente nesses eventos se formando, se profissionalizando e ampliando seu capital simbólico que determina sua posição no espaço social do campo.

Como as posições no campo são determinadas pela quantidade de capital que seus agentes possuem, agentes com maior quantidade de capital são reconhecidos como “nobres” pelo campo. De acordo com Bourdieu (1989, p. 148),

O nobre não é somente aquele que é conhecido, célebre, e mesmo conhecido como bem, prestigioso, em resumo *nobilis*. Ele é também aquele que é reconhecido por uma instância *oficial*, <<universal>>, quer dizer, conhecido e reconhecido por todos. O título profissional ou escolar é uma espécie de regra jurídica de percepção social, um ser-percebido que é garantido como um direito. É um capital simbólico institucionalizado, legal (e não apenas legítimo).

No caso das Danças Urbanas a “instância oficial” são os próprios agentes do campo, principalmente os que possuem posições de destaque e maior capital simbólico, assim apenas quem é “nobre” reconhece e valida outro “nobre”. Por isso a importância não só de se nomear, mas de ser reconhecido pelos agentes do campo do qual se faz parte. Esse

reconhecimento é o capital simbólico que esse agente possui no campo. Como afirma Bourdieu (1989, p. 145), “na luta pela imposição da visão legítima do mundo social, em que a própria ciência está inevitavelmente envolvida, os agentes detêm um poder à proporção do seu capital, quer dizer, em proporção ao reconhecimento que recebem de um grupo”. Assim, a posição que um agente possui no campo nos informa sobre o capital que ele possui, o que o valida perante os demais no espaço social do campo.

Identifico os seguintes aspectos que influenciam na possibilidade de acumulação de capital simbólico dos agentes no campo emergente das Danças Urbanas: capital econômico, tempo de prática e localização geográfica.

O capital econômico pode facilitar o acesso do praticante ao conhecimento pela possibilidade de deslocamento para diferentes locais de treino, apresentação, eventos, aulas, cursos etc. Pessoas que possuem maior capital econômico tem mais acesso aos meios de comunicação, informação e conhecimento, seja ele físico ou virtual, além de poderem investir em sua formação participando de aulas, eventos, competições sejam elas na cidade em que residem ou não. Podem investir em roupas e sapatos adequados para treino aumentando seu desempenho; tem acesso a câmeras de vídeo, computadores para edição de fotos, vídeos e músicas, celulares com sistemas operacionais atualizados que facilitam a produção de material pessoal e podem dar mais visibilidade para seu trabalho. Também podem investir no próprio corpo, principal instrumento de trabalho na dança, fazendo aulas de dança, mantendo uma alimentação balanceada, entre outros. Além da possibilidade de se dedicar integralmente à prática de dança, pois não precisam trabalhar para se manter financeiramente.

O tempo de prática também é fator determinante, pois há uma transferência de saber nas Danças Urbanas, especificamente nos grupos e *crews*, em que um praticante mais velho é líder e que com o tempo passa esse conhecimento para os praticantes mais novos de acordo com a dedicação do mesmo. Com o tempo esse novo praticante começa a atuar como monitor nas aulas, depois pode começar a dar aulas e se tornar um professor ou líder de grupo. Existe no campo um respeito às pessoas que conseguiram se manter ativas nas Danças Urbanas ao longo dos anos tomando-as como referência. Esse respeito e admiração são frutos de uma percepção do quão difícil é se manter ativo nessa prática de dança e essas pessoas são as que mais possuem capital simbólico no campo e reconhecimento perante os demais, sendo considerados os “nobres” do campo.

A localização geográfica do praticante também influencia na sua acumulação de capital, devido às atualizações dessa dança se darem, em sua maioria, nas capitais, onde se tem um mercado mais amplo e maiores oportunidades de trabalho. Os agentes que estão

localizados nas capitais e principalmente no eixo Rio-São Paulo possuem mais facilidades perante os demais, justamente por ser nesses grandes centros onde os eventos se concentram e onde há mais possibilidades de formação e atuação. Como exemplo, um grupo que ensaia no centro da cidade pode possuir mais visibilidade no campo do que um grupo que ensaia em um bairro periférico.

Nas Danças Urbanas há inúmeras formas de se iniciar uma prática, como discorro em meu TCC (SANTOS, 2016, p. 55) os principais espaços de formação são: projetos sociais, igrejas, escolas de ensino básico, academias de dança, vivência em grupos independentes, companhias de dança, treinos coletivos ou individuais, estudo de vídeos do *Youtube*, participação em *workshops*, aulas, oficinas e eventos, festivais de Danças Urbanas, cursos técnicos de Dança e Graduações em Dança. Justamente pelas inúmeras formas de acesso a esse conhecimento e por não haver uma instituição exclusiva de ensino e averiguação dessa prática não há como mensurar a qualificação dos agentes. Devido a essa impossibilidade de mensuração do capital, as hierarquias dentro do campo podem se estabelecer por tempo de prática, ocupando posições mais altas hierarquicamente na organização de eventos e condução de grupos os praticantes mais velhos. Há agentes que se destacam pela sua habilidade técnica, pela dedicação ao ensino e organização de ações, mas ainda são poucos. Lakka (2016) confirma algumas dessas ideias ao afirmar que as Danças Urbanas

[...] são uma manifestação juvenil, com poucos integrantes acima dos 40 anos. E por que isso interessa? Porque são raros os indivíduos mais jovens que assumem papéis de destaque na cultura. Na maioria das vezes começam dançando e, só com o tempo e com a idade, tornam-se professores, produtores ou coreógrafos. E estas funções são fundamentais para a manutenção, elaboração e renovação da cultura hip hop.

Assim, cabe refletir se apenas com o tempo os praticantes teriam papel de destaque, esses seriam poucos, pois devido às responsabilidades da vida adulta, dentre elas a de se ter um trabalho, muitos precisam abandonar a dança por não conseguirem fazer dela sua fonte de renda. Ou seja, haviam poucas pessoas com papéis de destaque no campo. Entretanto, como surge uma nova forma de aquisição de capital ainda mais veloz, há de se supor que haverá cada vez mais agentes com maior capital buscando ocupar esses espaços de destaque. Como Lakka (2016) afirma, essas funções são fundamentais para renovação da Cultura Hip Hop, assim o campo de Danças Urbanas irá se consolidar de forma mais efetiva, pois os agentes possuirão outros tipos de conhecimentos construídos durante a graduação. Conhecimentos esses que os praticantes mais velhos não possuirão, pois passaram por outros caminhos formativos.

A partir das informações apresentadas neste capítulo ressalta-se que o campo emergente de Danças Urbanas é formado por diversos agentes, e que os praticantes que buscam a formação superior em Dança se constituem como uma *classe* dentro deste campo. A graduação em Dança pode alterar o campo necessariamente por ser um espaço de formação formal que amplia de forma rápida e significativa a quantidade de capital simbólico dos agentes como explorarei com mais detalhes nos próximos capítulos. Quanto maior o capital dos agentes de um campo, maior sua produção de conhecimento, e conseqüentemente sua estruturação enquanto um espaço social estabelecido e reconhecido.

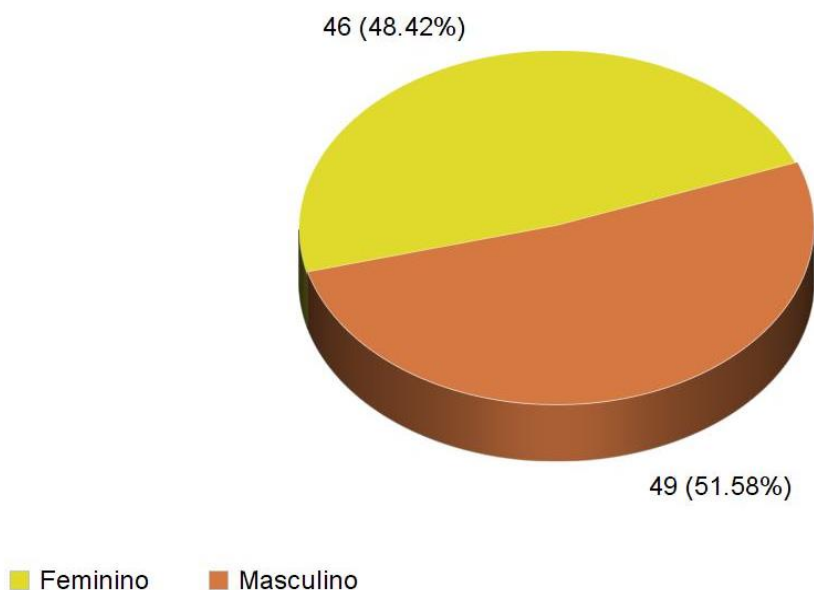
## **2 PERFIL DOS PRATICANTES DE DANÇAS URBANAS NAS GRADUAÇÕES EM DANÇA NO BRASIL DE 2007 A 2017**

Este capítulo apresenta o perfil dos praticantes de Danças Urbanas graduados ou graduandos em Dança no Brasil de 2007 a 2017, a partir dos dados coletados na aplicação do questionário. A partir das respostas foi possível estabelecer um perfil descritivo quantitativo dos praticantes que optam por essa formação com uma breve reflexão sobre os resultados apresentados. Identificar o perfil do praticante que busca a formação superior em Dança auxilia na análise do campo, pois como foi discutido no capítulo anterior, de acordo com o conceito de Bourdieu (1989) eles são uma *classe* dentro do campo.

As respostas recebidas no questionário foram organizadas, quantificadas e transformadas em dados que se apresentam por meio de gráficos. As informações a seguir apresentam dados relativos ao 1) gênero; 2) região e estado onde os praticantes estão se graduando ou se graduaram; 3) instituições em que os praticantes estão se graduando ou se graduaram; 4) tipo de processo seletivo para ingresso nos cursos; 5) idade e tempo de prática dos praticantes ao ingressarem no curso; 6) quantidade de praticantes que já se formaram e que ainda estão em formação; 7) períodos dos praticantes que ainda estão se graduando; 8) bolsas e tipos de bolsas que possuem; 9) relação de ingressantes e egressos de 2007 a 2017.

O primeiro assunto a ser abordado é o gênero dos praticantes, a pergunta no questionário apresenta as seguintes opções: feminino, masculino e outro, caso a pessoa não quisesse responder ou não se enquadrasse nas opções anteriores. O gráfico abaixo apresenta o resultado das respostas.

Gráfico 1- Gênero dos praticantes de Danças Urbanas nas graduações em Dança no Brasil de 2007 a 2017.



Fonte: a autora.

A partir do gráfico é possível perceber que há 46 respostas para gênero feminino e 49 para gênero masculino, não houve nenhuma resposta para a opção outro. As respostas demonstram que não há predominância de um gênero sobre o outro, visto que a diferença entre eles é de apenas três pessoas, isso indica que a graduação em Dança é uma opção escolhida por ambos os gêneros. Recentemente, ocorre uma alteração nas Danças Urbanas e na Cultura Hip Hop que possuía predominância masculina. Como Alves (2009, p. 34) afirma:

O hip hop, em parte por ser uma cultura de rua, apresenta alta predominância masculina. O break, por ser composto de movimentos vigorosos e de força, supostamente não favoreceria a presença feminina. Nos grupos estudados por Weller (2005), a participação feminina é pequena e se restringe a um papel secundário, com as mulheres disponibilizando seu corpo para melhorar a imagem do grupo, como apresentadoras, ou como decoração no fundo do palco. Nas teses e dissertações existentes sobre o break, a mulher não é objeto de estudo e, no movimento hip hop como um todo sua participação só é tema central em quatro estudos num grupo de oitenta e sete (...).

Historicamente a Cultura Hip Hop e suas danças foram protagonizadas por homens, a autora aponta isto como uma consequência por ser uma cultura de rua, em que a presença de mulheres era limitada. Assim a presença das mulheres era pequena e como coadjuvantes, mantendo o protagonismo sempre com os homens.

Nas Danças Urbanas, há uma grande presença feminina, contudo na maioria das vezes, elas são apenas reprodutoras de coreografias criadas por homens, em grupos comandados por homens, dançando em eventos produzidos por homens, sendo julgadas por homens.

Raramente a mulher ocupa um papel de protagonismo e destaque nas Danças Urbanas e na Cultura Hip Hop. Na maioria das vezes, apenas compõem o corpo de baile dos grupos e companhias, mas raramente ocupam posições de liderança como coreógrafas, professoras, diretoras, produtoras, pesquisadoras, entre outras. Isso reforça uma ideia equivocada de que o gênero masculino é superior ao gênero feminino. Dessa forma, as posições mais bem situadas no campo ainda são ocupadas por homens estabelecendo as hierarquias e as formas de obtenção de capital.

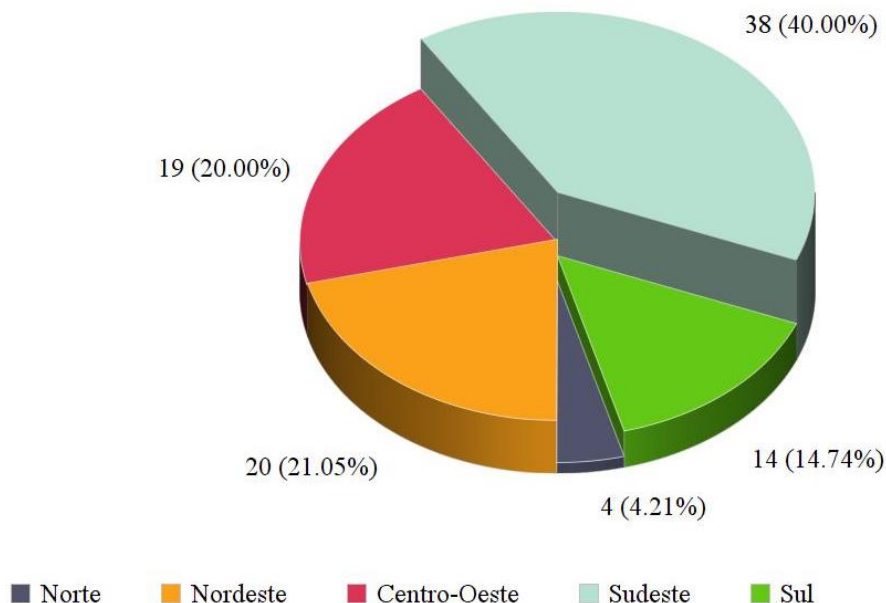
Felizmente, com o decorrer do tempo esse cenário tem se alterado e as mulheres estão ocupando cada vez mais lugares de destaque e representatividade dentro da Cultura Hip Hop e nas Danças Urbanas. O “(...) *hip hop* se constitui como uma prática corporal hegemonicamente praticada por homens no espaço artístico da dança, no qual as mulheres começaram a conquistar espaço recentemente, provocando, assim, problematizações em torno das relações de gênero na contemporaneidade.” (SANTOS, 2009, p. 19). Trata-se de um processo a longo prazo que não é simples de ser feito, pois se trata de uma disputa de poder, como exemplo há muitos homens que se sentem inferiorizados quando uma mulher executa algo melhor do que eles ou quando está em uma posição de maior poder. Assim, há uma disputa por essas posições de destaque, pois os agentes que possuem maior capital simbólico ocuparão melhores posições no campo e poderão determinar os aspectos relativos à ele.

Essa é uma conquista diária e é possível perceber o início dessa alteração a partir do número equilibrado de praticantes de ambos os sexos que optam pela formação superior em Dança. Isso demonstra que as mulheres estão buscando qualificação e aquisição de capital para ocuparem os espaços de poder nas Danças Urbanas atuando nas tomadas de decisão do campo.

Para construção do perfil do praticante é importante observar como eles estão distribuídos geograficamente no país, apontando a quantidade de praticantes em cada região, estado e instituição. A distribuição dos praticantes nas cinco regiões geográficas do Brasil onde se graduam ou se graduaram é apresentada no gráfico 2.



Gráfico 2 – Praticantes de Danças Urbanas nas graduações em Dança no Brasil de 2007 a 2017 por regiões do país.



Fonte: a autora.

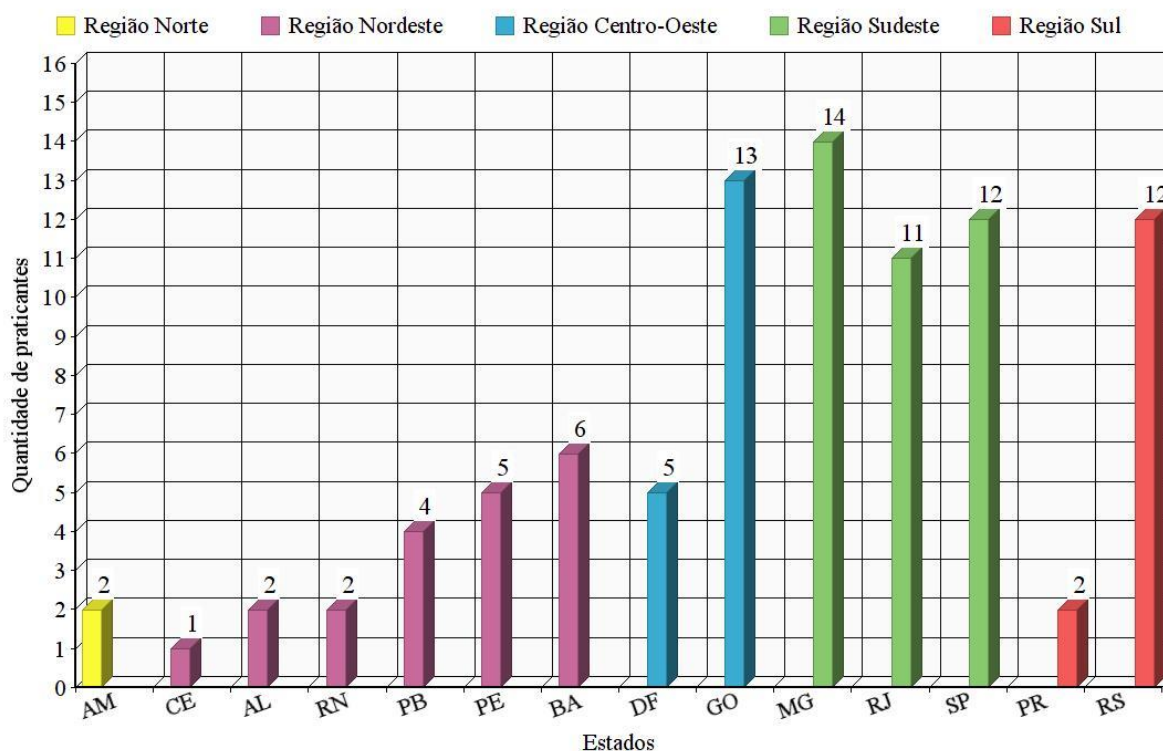
A região Sudeste aparece com maior número de praticantes (40%), seguida das regiões Nordeste (21,05%), Centro-Oeste (20%), Sul (14,74%) e por último Norte (4,21%). O Sudeste é a região em que há mais possibilidades de formação superior em Dança, são 20 cursos que se dividem em Licenciatura e Bacharelado em 14 instituições distribuídos em 3 estados e em 8 cidades. A região Nordeste possui 10 cursos em 8 instituições que se localizam em 7 estados e em 8 cidades que ofertam cursos de Dança. Do Nordeste, apenas uma instituição, Universidade Federal de Sergipe, não foi representada no levantamento. Logo em seguida, temos a região Centro-Oeste que possui 3 cursos em 3 instituições em 2 estados e em 3 cidades, mas em um desses cursos há uma grande concentração de praticantes como aponta o próximo gráfico e por isso essa região aparece como a terceira com maior número de praticantes. Em penúltimo lugar aparece a região Sul com 10 cursos em 8 instituições localizadas em 3 estados e em 8 cidades diferentes. Em último lugar temos a região Norte que, apesar de ser a maior do país em extensão, possui menos cursos de Dança: dos 7 estados que compõem a região apenas 2 possuem graduações em Dança, com a oferta de 3 cursos em 2 instituições, das quais apenas uma instituição foi representada no levantamento.

Observa-se que a quantidade de praticantes por região não está diretamente relacionada à quantidade de cursos ofertados, pois a região Sul aparece em penúltimo lugar

mesmo possuindo 10 cursos, e a região Centro-Oeste com apenas 3 cursos aparece em terceiro lugar.

O gráfico abaixo apresenta a quantidade de praticantes distribuída nos cursos de Dança por estado e região do país.

Gráfico 3 – Praticantes de Danças Urbanas por estado e região nas graduações em Dança no Brasil de 2007 a 2017.



Fonte: a autora.

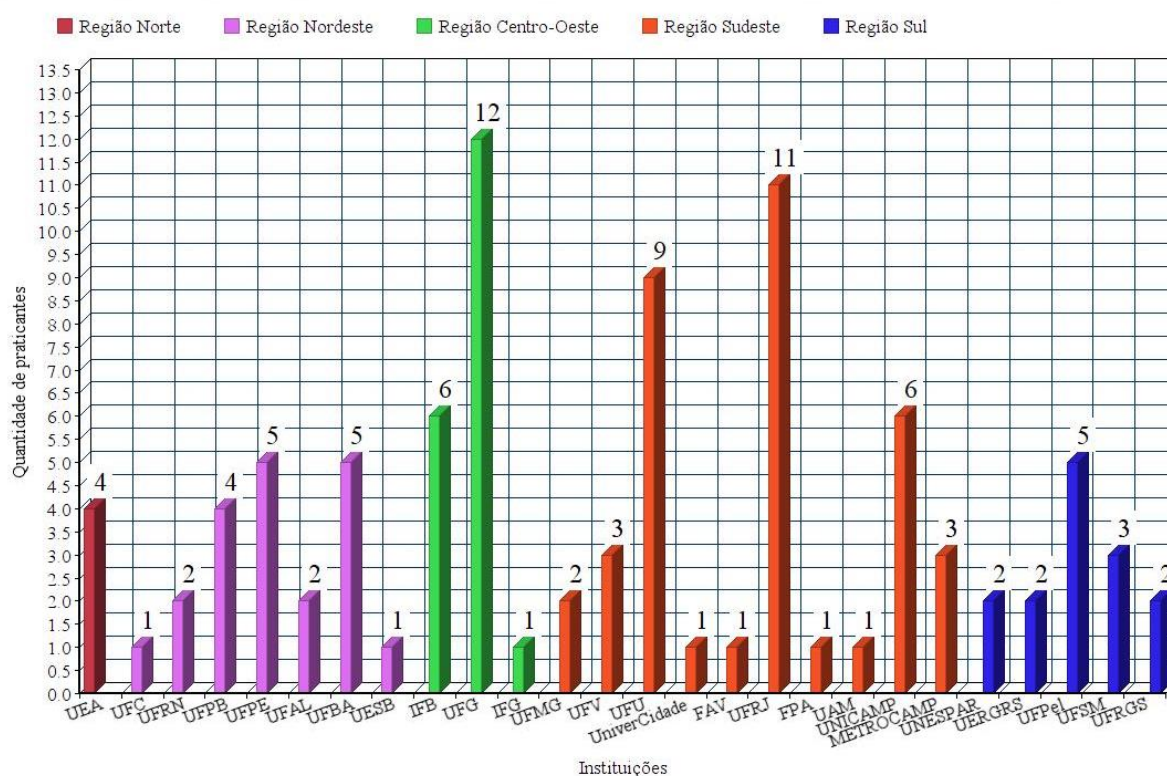
A região Nordeste apresenta praticantes em 6 dos 7 estados que possuem graduação em Dança. Na região Centro-Oeste os praticantes se dividem em Goiás, com 2 cursos, e o Distrito Federal, que possui apenas 1 curso. Observa-se que na região Sudeste que apresenta mais praticantes como se explicita no gráfico anterior, os praticantes estão bem distribuídos entre os 3 estados (MG, RJ, SP), e que Minas Gerais aparece com maior número de praticantes mapeados. Na região Sul, o Rio Grande do Sul é o segundo estado do país que possui mais graduações em Dança com 5 instituições ofertando 4 cursos de Licenciatura, 1 de Bacharelado e o único curso tecnológico do país.

A partir desses dados é possível afirmar que o levantamento traz uma amostra abrangente, pois apresenta praticantes em 14 dos 17 estados que possuem graduações em

Dança no Brasil. Os estados com graduação em Dança e sem praticantes mapeados são: Sergipe, Pará e Santa Catarina.

Com a intenção de levantar dados específicos sobre onde os praticantes realizam formação superior em Dança, o próximo gráfico apresenta as instituições de ensino em que os praticantes cursam ou cursaram Dança destacando as regiões do país. Como apontado na introdução, atualmente existem 35 instituições de ensino superior que ofertam 46 cursos de Dança, em 25 dessas instituições foram mapeados praticantes. Em 2008 foi criado o Reuni que impulsionou a criação de cursos de graduação no Brasil, dentre eles os de Dança. Como esta pesquisa tem como recorte temporal o período de 2007 a 2017, muitos dos cursos representados neste levantamento foram criados por esse programa oportunizando que mais praticantes pudessem cursar o ensino superior em Dança. Os praticantes mapeados distribuídos por instituição e estado é apresentado no gráfico 4.

Gráfico 4 – Praticantes de Danças Urbanas por instituição e regiões do país nas graduações em Dança no Brasil de 2007 a 2017.



Fonte: a autora.

Como é possível observar no gráfico, há praticantes em 25 instituições que estão em funcionamento e 1 praticante mapeado se graduou no Centro Universitário da Cidade do Rio de Janeiro (Univercidade), que foi descredenciado pelo Ministério da Educação (MEC) em

2014. A Universidade Federal de Goiás (UFG) é a instituição que mais possui praticantes mapeados, seguida da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e a Universidade Federal de Uberlândia (UFU), instituição pela qual esta pesquisa foi realizada. O gráfico apresenta a distribuição dos praticantes por diversas instituições dentro dos estados, ainda que, em algumas instituições tenha sido mapeado apenas um praticante, já é possível constatar sua presença e também sua opinião em relação às questões do questionário.

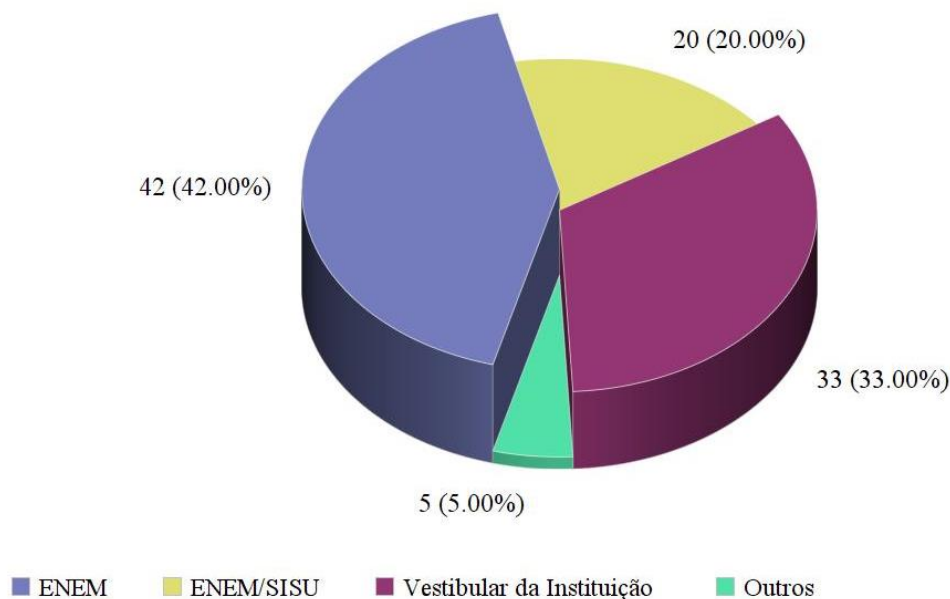
Dentre os 95 praticantes mapeados, 88 cursam ou cursaram Dança em instituições públicas, e 7, em instituições particulares. Este dado aponta a predominância de praticantes em cursos em instituições públicas. Assim, percebe-se a extrema importância da oferta de cursos de Graduação em Dança em instituições públicas para a formação superior de praticantes de Danças Urbanas.

Nesta pesquisa foram mapeados praticantes de Danças Urbanas que cursam ou cursaram Dança nas 5 regiões do país, em 14 estados e em 71% das instituições brasileiras que possuem graduação em Dança. Quantidade significativa por se tratar de um conjunto de técnicas de dança muito recente, que foram criadas, em sua maioria, em contextos periféricos e ainda estão em processo de constituição, consolidação e reconhecimento como prática profissional.

Ao descrever o perfil dos praticantes que optam por uma formação superior em Dança esta pesquisa destaca a distribuição geográfica desses praticantes no país, nas regiões, estados e instituições. Apresento agora o tipo de processo seletivo que os praticantes realizaram para ingressar na graduação. O tipo de processo seletivo utilizado para ingresso nos cursos é importante, pois traz informações sobre as formas de acesso ao ensino superior.

Por se tratar de uma questão dissertativa no questionário as respostas são variadas. Algumas pessoas responderam dois processos seletivos distintos, impossibilitando saber por qual deles ocorreu o ingresso, nesses casos, foram contabilizados os dois processos seletivos, considerando as duas respostas dadas pelo estudante. Ocorreu um equívoco metodológico, pois essa questão deveria ser de múltipla escolha, assim o praticante assinalaria apenas o processo seletivo pelo qual ingressou. Contudo, este equívoco foi observado apenas com a chegada das respostas e nesse momento já não seria possível alterar o questionário, dessa forma a solução encontrada foi considerar todas as respostas. A partir dos processos seletivos mais citados foram criadas categorias e as demais respostas foram categorizadas como “outros”, como é possível observar no gráfico a seguir:

Gráfico 5 – Tipo de processo seletivo pelos quais os praticantes de Danças Urbanas ingressaram nas graduações em Dança no Brasil de 2007 a 2017.



Fonte: a autora.

O tipo de entrada predominante é através do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), aplicado anualmente pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Há casos em que a instituição considera a nota do ENEM do candidato como nota do vestibular institucional, e há casos em que a nota é aplicada no Sistema de Seleção Unificada (SISU) e o candidato tem a possibilidade de utilizar a nota do ENEM para ingressar em instituições de todo o país. Somando as duas porcentagens que consideram a nota do ENEM obtém-se o resultado de 62% de estudantes que ingressaram por meio desse tipo de processo seletivo, demonstrando a predominância da utilização dessa prova em âmbito nacional para ingresso no ensino superior em Dança.<sup>10</sup>

Em segundo lugar aparece o vestibular, que consiste na aplicação de uma prova criada pela instituição ou por uma fundação para preenchimento das vagas ofertadas. Algumas instituições públicas e privadas possuem o vestibular como única forma de ingresso, já outras utilizam a nota do ENEM para ingresso no primeiro semestre e realizam vestibulares institucionais para ingresso no segundo semestre. Além disso, há instituições particulares que oferecem bolsas de desconto na mensalidade de acordo com a nota obtida pelo candidato no ENEM. Na categoria “outros” estão os processos seletivos que foram citados apenas uma vez,

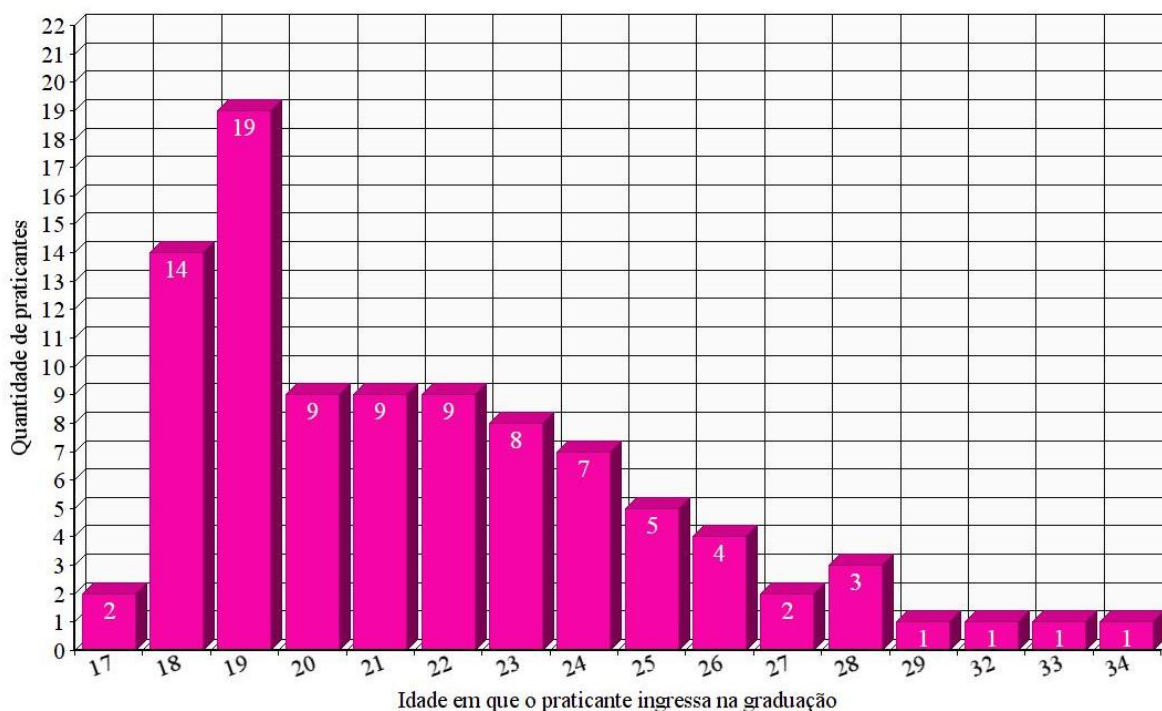
<sup>10</sup> É importante notar que pode haver pessoas que ingressaram por meio do SISU com a nota do ENEM, mas que responderam apenas ENEM.

são eles: transferência interna, transferência externa, portador de diploma e sistema de ingresso seriado.

Ainda que este gráfico não seja uma representação real dos processos seletivos dos praticantes mapeados, devido ao equívoco metodológico, considero importante mantê-lo para demonstrar a predominância do ENEM para o ingresso de praticantes de Danças Urbanas em cursos de Dança no Brasil. Um exame nacional que possibilita o ingresso de pessoas com diferentes perfis socioeconômicos em cursos superiores. Um dos pontos positivos desse exame é que ele pode ser realizado na cidade em que o candidato reside e sua nota ser utilizada para o ingresso em instituições de todo país. Salvo as exceções de cursos que possuem habilidade específica em que o candidato precisa realizar uma prova prática na instituição que pretende ingressar. Em oposição a isso, no vestibular institucional em alguns casos, o candidato precisa se deslocar até a instituição para prestá-lo. Essa necessidade de deslocamento pode inviabilizar a tentativa do candidato em ingressar no ensino superior, caso ele não possua recursos para a viagem. Além disso, candidatos que por algum motivo não tenham concluído o ensino médio podem fazê-lo através do ENEM ao obter uma nota mínima. Ou seja, por meio de uma única prova o candidato pode concluir o ensino médio e tentar o ingresso no ensino superior. Por meio do SISU também é possível ver em quais cursos o candidato pode ingressar a partir da nota que obteve.

Com o objetivo de destacar a faixa etária em que os praticantes ingressam nas graduações apresenta-se o gráfico abaixo:

Gráfico 6 – Idade dos praticantes de Danças Urbanas ao ingressar nas graduações em Dança no Brasil de 2007 a 2017.



Fonte: a autora.

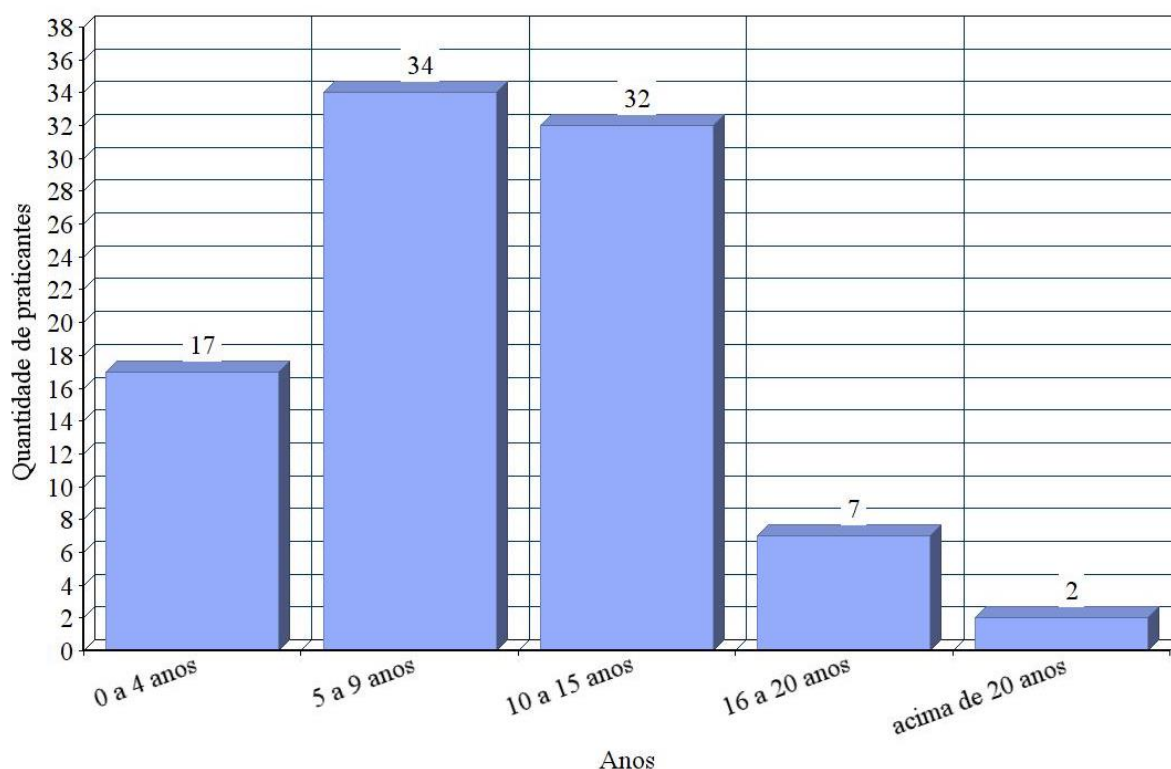
Os praticantes mapeados nesta pesquisa ingressam nos cursos de Dança dos 17 aos 34 anos de idade. Observam-se muitos ingressantes aos 18 e 19 anos, idade em que os jovens que cursaram o ensino fundamental e médio no tempo regular concluem o ensino médio e podem ingressar no ensino superior. A maioria dos praticantes ingressa dos 18 aos 22 anos, e observa-se também que quanto mais avançada a idade, menor o número de praticantes que ingressam. Esse dado aponta que a maioria dos praticantes ingressa no curso de Dança logo após, ou com um intervalo de 1 a 4 anos, da conclusão do ensino médio. Percebe-se que a graduação em Dança é uma opção de formação pouco escolhida para praticantes que tenham mais do que 25 anos, como a maior parte das graduações em Dança surgiu na última década, provavelmente essas pessoas traçaram outros caminhos formativos e construíram capital simbólico por outros meios.

Considerando que a dança, diferentemente de outras profissões, é uma prática artística que possui diversos espaços de formação e a graduação é uma possibilidade que passa a ter maior adesão recentemente a partir da proliferação dos cursos, supõe-se que as pessoas que buscam essa formação já possuem experiência anterior com dança. Assim, interessa saber o tempo de prática que o estudante possui ao ingressar, pois traz informações sobre a quantidade de capital simbólico que possui e a posição que ocupa no campo, considerando



que os praticantes que possuem maior tempo de prática tendem a ocupar posições de destaque. Dessa forma, interessa saber se esse praticante entra na graduação com pouco tempo de experiência e irá construir seus conhecimentos durante o curso, ou se passou por outros espaços formativos e já atua na área. O próximo gráfico apresenta o tempo de prática de dança que os praticantes possuíam ao ingressar no curso.

Gráfico 7 – Tempo de prática de dança dos praticantes de Danças Urbanas ao ingressar nas graduações em Dança no Brasil de 2007 a 2017.



Fonte: a autora.

Para essa questão há respostas entre 0 e 23 anos de prática de dança ao ingressar na graduação, com uma concentração maior entre 5 e 15 anos de prática. Um tempo longo considerando que a maioria dos praticantes ingressam dos 18 aos 22 anos. Vale ressaltar que essa questão não se restringe à prática de Danças Urbanas e sim à prática de dança. Logo, as respostas podem corresponder ao tempo de prática específica de Danças Urbanas como de outros tipos de dança.

Apenas 2 praticantes não possuem prática de dança ao ingressar, a grande maioria, 93, possui alguma experiência em dança ao entrar no curso. Isso demonstra que a maior parte dos praticantes já está inserida no campo de Danças Urbanas e percorreu outros caminhos

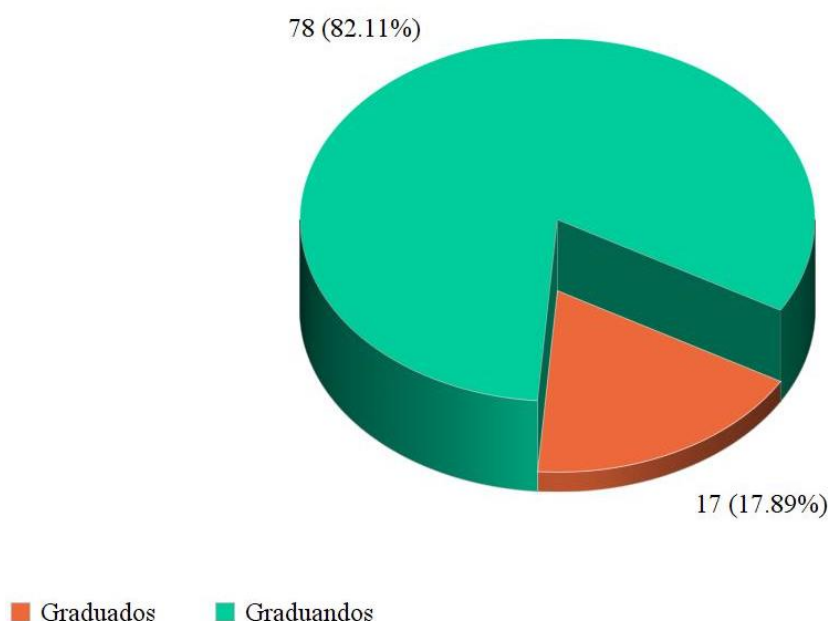


formativos até a chegada na graduação, assim, já chegam com conhecimentos prévios em dança e com capital simbólico que adquiriram nesses espaços.

Ao cruzar os dados da idade de ingresso com o tempo de prática ao ingressar, percebe-se que a maioria dos praticantes inicia a prática de dança na infância ou na adolescência. Esse dado é importante, pois uma das questões ramificada a partir do problema desta pesquisa são as razões pelas quais o praticante escolhe fazer uma formação superior em Dança e ser praticante de dança é um dos motivos citados para essa escolha como aponta o capítulo 3. Isso demonstra que praticar dança na infância ou adolescência é um fator determinante para a busca por uma formação superior na área.

Com o intuito de observar de que maneira a formação dos praticantes tem ocorrido nos cursos, uma das informações mais relevantes, é se de fato, os praticantes conseguem concluir a graduação. Ao passo que os praticantes que se graduarem terão maior capital simbólico a partir dos conhecimentos construídos no curso, é relevante saber quantos praticantes já são diplomados e quantos ainda estão em seu processo formativo. Pois, a consolidação do campo se dá a partir do capital de seus agentes. O resultado é apresentado no gráfico a seguir:

Gráfico 8 – Quantidade de praticantes de Danças Urbanas graduados e graduandos em cursos de Dança no Brasil de 2007 a 2017.



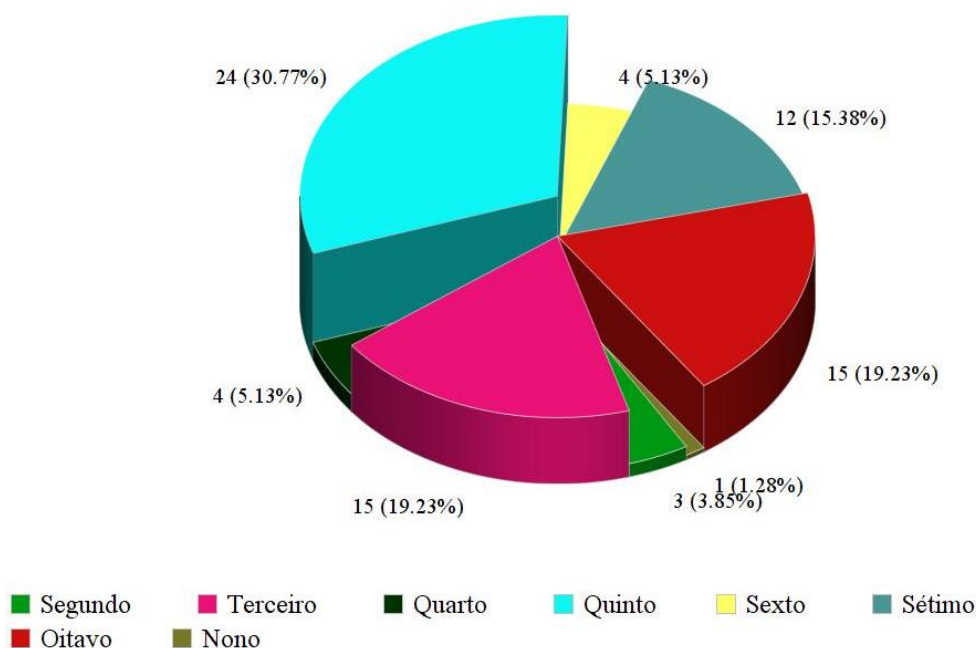
Fonte: a autora.

Até o momento de recebimento das respostas, dos 95 praticantes mapeados, 78 estão cursando a graduação e 17 já concluíram. A maior parte dos praticantes ainda está inserida

nas graduações realizando seu processo formativo, uma parcela já concluiu e possui a titulação de bacharel e/ou licenciado. A conclusão da graduação pode impulsionar a entrada do praticante no mercado de trabalho, visto que a formação superior em Dança comprova aptidão para atuar nesta profissão. Ainda que esses praticantes formados já estivessem trabalhando com dança, com a conclusão da graduação as possibilidades se ampliam para trabalhos que exigem uma titulação específica. O diploma de graduação em Dança também é uma das formas de definir um profissional da área, visto que após a conclusão do curso é possível obter o registro no Diretório Regional do Trabalho (DRT) principal documento que comprova que o profissional da dança está apto para atuar na área e é imprescindível em alguns tipos de contratações. Além disso, esses praticantes passam a ter maior capital simbólico e com isso podem impulsionar o crescimento do campo, pois poderão atuar em funções de maior destaque do que anteriormente à graduação.

Dos 78 praticantes que ainda estão em processo de formação interessa saber em que período da graduação se encontram. O período do curso em que o praticante está nos informa sobre quais experiências ele pôde ter acesso até o momento, as disciplinas que cursou, suas oportunidades de pesquisa e realização de atividades. Esse dado pode influenciar outros assuntos neste estudo, como a pesquisa acadêmica, relação com as disciplinas, como pretende atuar profissionalmente e contribuição da graduação para sua formação em Danças Urbanas, que serão discutidos no próximo capítulo. O período em que os praticantes estavam no momento da resposta ao questionário pode ser visualizado no próximo gráfico.

Gráfico 9 – Períodos em que os praticantes de Danças Urbanas em graduações em Dança no Brasil estavam cursando quando responderam ao questionário.

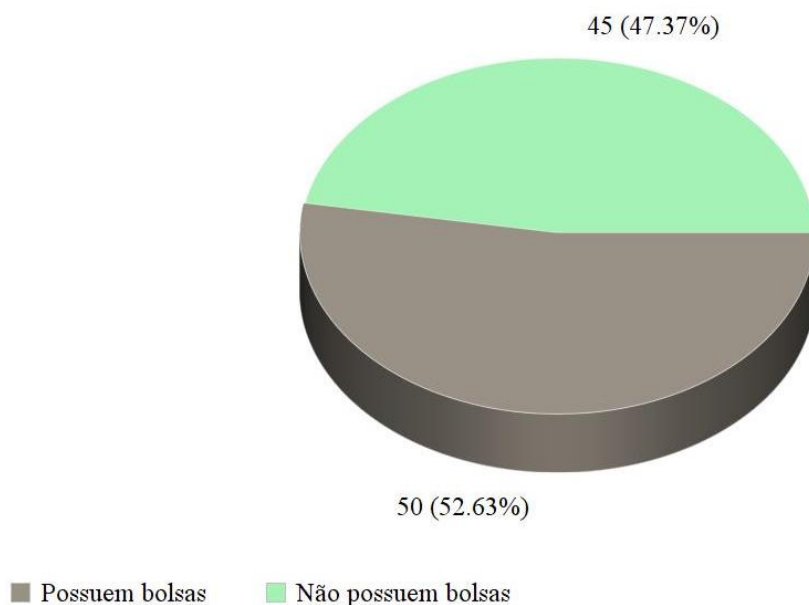


Fonte: a autora.

Dos 78 praticantes que estão cursando graduação em Dança, 56 estão do 5º ao 9º período, ou seja, a maioria dos praticantes está cursando a segunda metade do curso. Isso é um dado positivo, pois aponta que, além de ingressar, eles estão conseguindo se manter no curso. Também demonstra que as respostas dadas pelos estudantes para as demais questões sobre sua formação em uma graduação em Dança não partem de um conhecimento inicial sobre a formação superior, visto que a maioria passou da metade do curso, as informações são embasadas em sua experiência no curso.

Um fator que pode ser relevante na permanência desse estudante no ensino superior são as bolsas ofertadas pela instituição. Uma das questões do questionário é sobre obtenção de algum tipo de bolsa. A pergunta aborda diferentes tipos de bolsa, pois o que interessa é saber se há algum tipo de renda vinda através da universidade ou fundações de pesquisa que auxilie na permanência do estudante no curso. O próximo gráfico apresenta a quantidade de praticantes que tem ou tiveram acesso a algum tipo de bolsa durante a graduação.

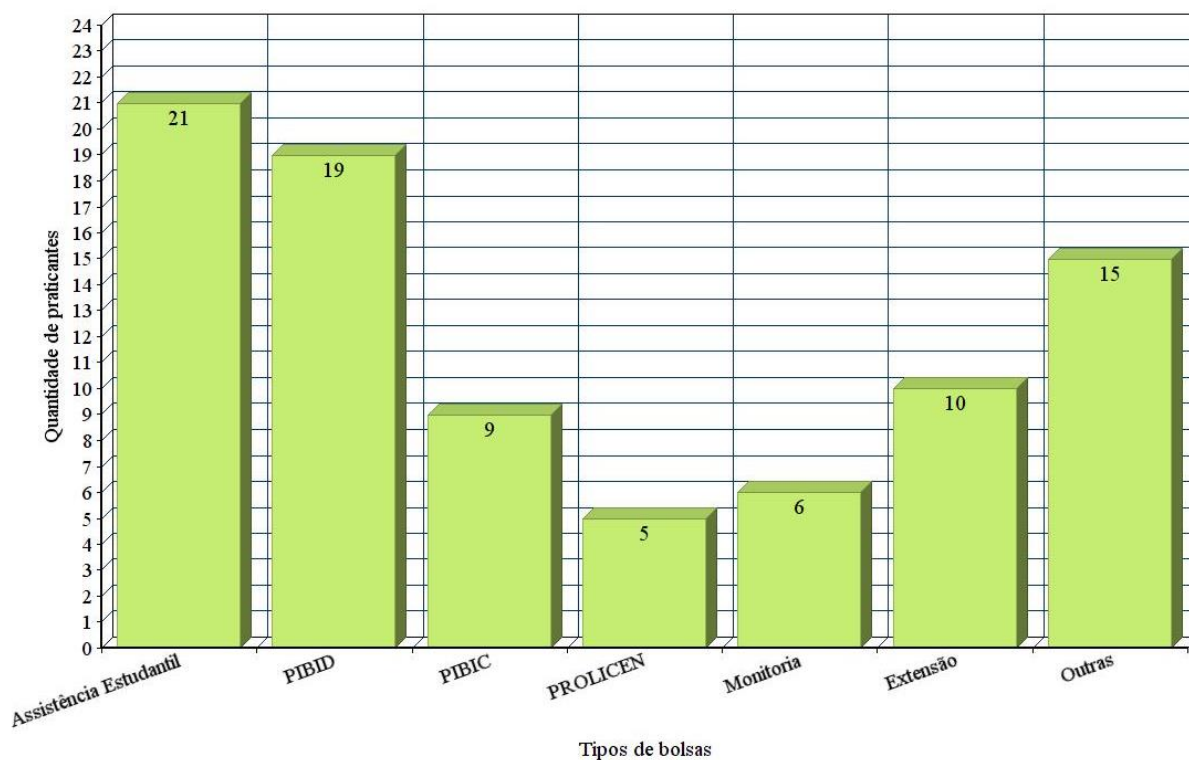
Gráfico 10 – Quantidade de praticantes de Danças Urbanas nas graduações em Dança no Brasil de 2007 a 2017 que possuem ou possuíram algum tipo de bolsa.



Fonte: a autora.

O gráfico indica que a maioria dos praticantes possui ou possuiu algum tipo de bolsa durante sua formação, ou seja, teve algum tipo de auxílio financeiro que facilitou sua permanência no curso, seja em pesquisa, assistência estudantil ou em projetos de extensão. Esse dado aponta que obter bolsa não é algo raro entre os estudantes, ao menos neste período da pesquisa, e que é um fator de auxílio em sua formação. Os praticantes que responderam que possuíam bolsa deveriam especificar o tipo de bolsa e a que projeto estava vinculada. As respostas foram agrupadas em categorias que seguem no próximo gráfico.

Gráfico 11 – Tipos de bolsas dos praticantes de Danças Urbanas nas graduações em Dança no Brasil de 2007 a 2017 possuem ou possuíram.



Fonte: a autora.

As bolsas se dividem em vários tipos e possuem diferentes objetivos, desde a permanência na graduação, iniciação à docência, iniciação à pesquisa, monitoria em disciplinas, oferta de atividades à comunidade externa, entre outras. A quantidade de bolsas apresentadas no gráfico é superior à quantidade de alunos que informaram possuírem bolsas, pois alguns obtiveram mais de uma bolsa durante seu percurso formativo, assim a cada menção uma bolsa foi quantificada.

O tipo de bolsa mais citado é o de assistência estudantil que pode englobar: 1) auxílio-moradia, que consiste no oferecimento de vaga na moradia estudantil ou concessão de valor em dinheiro para estudantes de outras cidades se manterem na cidade da instituição; 2) alimentação, refeições oferecidas gratuitamente no refeitório do campus ou auxílio financeiro destinado para tal; 3) auxílio transporte, que consiste no fornecimento de passe escolar para o deslocamento até o campus. É importante destacar que as bolsas de assistência estudantil são fornecidas apenas a estudantes de baixa renda que comprovem a necessidade do benefício e tem como objetivo auxiliar na permanência do estudante na graduação.

Dos 95 estudantes, 21 afirmaram receber bolsa de assistência estudantil, isso quer dizer que pelo menos 22% dos estudantes mapeados nesta pesquisa possuem baixa renda

familiar e dependem do auxílio da instituição para realizar sua formação. Essa informação demonstra que a maior parte dos praticantes que busca a formação superior não possui baixa renda familiar, ainda que esta prática tenha surgido de forma periférica a realidade dos agentes que buscam a formação superior em Dança parece ser diferente.

A qualidade da formação que o praticante obteve no ensino fundamental e médio influencia em seu preparo para participação em um processo seletivo e consequentemente sua possibilidade de aprovação; se teve um ensino frágil nas formações anteriores, pode ter dificuldades para ingressar no ensino superior. Nogueira (apud CASTELO BRANCO et al. 2016, p. 22) afirma que “nos processos seletivos para ingresso no ensino superior os indivíduos tendem a se candidatar aos diversos cursos em função do seu perfil socioeconômico, escolar, cultural e de variáveis pessoais”. Assim, o contexto em que o indivíduo está inserido, sua renda familiar e o acesso à educação e à cultura podem influenciar na sua escolha pela formação superior.

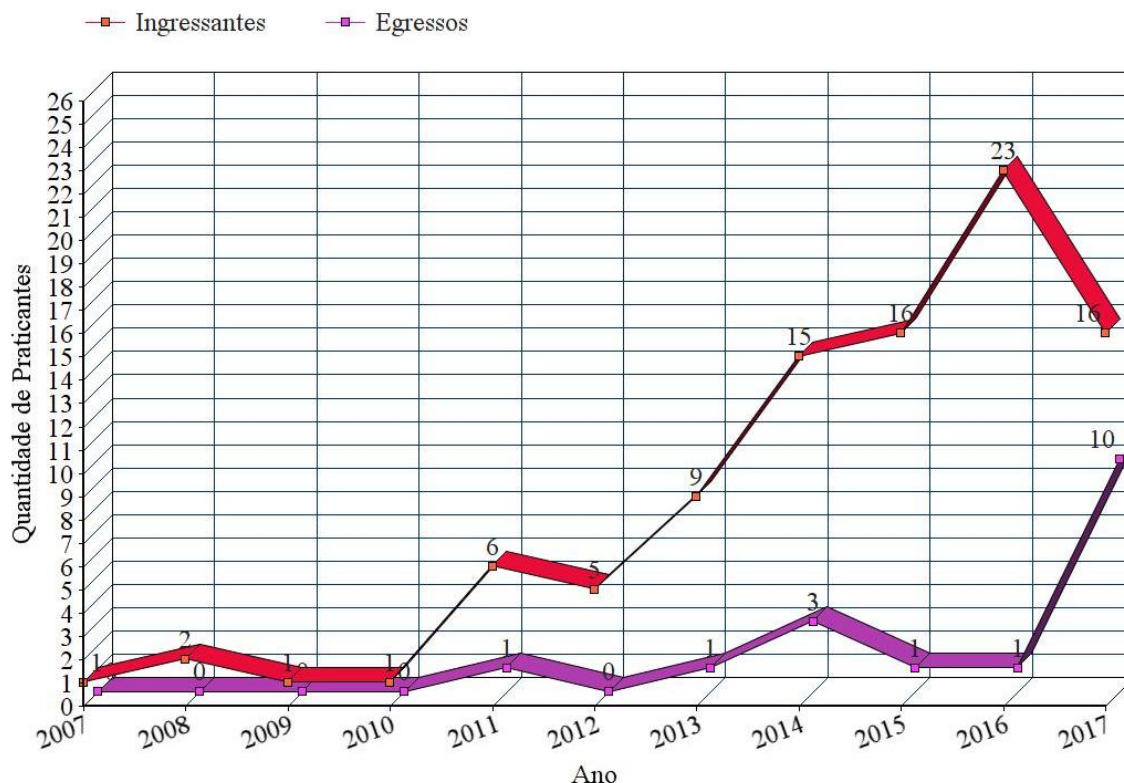
O segundo tipo de bolsa mais citado foi a de PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), ofertada em cursos de licenciatura para projetos ou atividades pedagógicas em escolas de ensino básico, financiada pela Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). A bolsa PROLICEN (Programa de Licenciaturas) é uma bolsa concedida às licenciaturas. As bolsas de extensão estão ligadas à projetos de extensão mantidos por professores que visam desenvolver atividades junto à comunidade externa. O tempo de duração de cada bolsa depende de cada projeto. A bolsa de PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica) visa iniciar o estudante na pesquisa científica e tem duração de um ano. As bolsas de monitoria são ofertadas para estudantes realizarem monitoria em disciplinas do curso nas quais já tenham sido aprovados, a duração varia de acordo com a disciplina, geralmente um semestre. A categoria “outros” engloba as bolsas que foram citadas apenas uma vez que não se encaixam nas demais opções, tais como: bolsa de estágio, bolsa-arte, bolsa de pesquisa, bolsa artística e bolsa de produção criadas pela instituição em que o praticante se gradua.

Mais da metade dos praticantes teve acesso a algum tipo de bolsa e há praticantes que tiveram mais de uma bolsa durante a graduação. Essa informação é relevante, pois as bolsas podem complementar a renda do praticante ou até ser sua única fonte de recurso, se tornando determinante para a realização do curso, principalmente para os 22% que dependem da assistência estudantil.

A partir dos dados de quantos praticantes estão cursando a graduação e quantos já a concluíram, apresento a relação de praticantes ingressantes e egressos de 2007 a 2017 com o

intuito de observar como tem se alterado a quantidade de ingressantes e egressos ao longo dos anos.

Gráfico 12 – Quantidade de praticantes de Danças Urbanas ingressantes e egressos em cursos de Dança no Brasil de 2007 a 2017.



Fonte: a autora.

O primeiro ano que aparece como resposta para o ano de ingresso é 2007 e o último é 2017, já o primeiro ano de conclusão é 2011 e o último 2017. Percebe-se que no período temporal de 10 anos a quantidade de ingressantes e de egressos cresceu significativamente, principalmente entre os anos de 2014 e 2017 em que o número de ingressantes foi superior a 15 por ano. Além disso, no último ano mapeado por esta pesquisa, 2017, há 10 egressos, um grande aumento em relação ao ano anterior que teve apenas 1 egresso. Desse modo, é possível afirmar que a graduação em Dança é uma possibilidade cada vez mais considerada para a formação de praticantes de Danças Urbanas.

A quantidade de ingressantes e, principalmente, o seu crescimento no decorrer dos anos é significativo, pois

(...) no futuro, esse volume de profissionais saindo da universidade irá impactar diretamente os caminhos que a dança brasileira irá tomar nos próximos anos, seja como professores, coreógrafos e bailarinos ou como produtores ou críticos de dança. (LAKKA, 2016).

Atualmente há 17 praticantes de Danças Urbanas graduados em Dança, e espera-se que os demais 78 concluam a graduação nos próximos anos. Ao considerar que os praticantes continuarão a ingressar e a se formar nos cursos, com o decorrer dos anos teremos cada vez mais praticantes diplomados em Dança. Essa quantidade de praticantes diplomados poderá alterar o funcionamento do campo, pois esses agentes possuirão maior capital simbólico e poderão atuar de forma mais ampla no campo. Quanto maior a quantidade de capital dos agentes maiores são suas possibilidades de construção de conhecimentos e com isso, maior o reconhecimento do campo enquanto produtor de saberes. Além disso, quanto melhor qualificados os agentes maiores são suas possibilidades de atuação em outros campos para além das Danças Urbanas.

A partir dos dados deste capítulo, apresenta-se o perfil dos praticantes de Danças Urbanas que cursam ou cursaram graduação em Dança no Brasil no período de 2007 a 2017. As informações foram coletadas a partir de 95 respostas válidas no questionário. O perfil apresentado é:

1. Gênero: 49 do gênero masculino e 46 do gênero feminino;
2. Região e estado: há praticantes mapeados em todas as regiões e em 14 dos 17 estados que possuem graduação em Dança. A maioria dos praticantes está localizada na região Sudeste, nos estados de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro, na região Centro-Oeste no estado de Goiás, e na região Sul no estado do Rio Grande do Sul;
3. Instituições: há praticantes mapeados em 25 das 35 instituições que possuem graduação em Dança e as instituições que mais possuem alunos mapeados são a UFG e a UFRJ;
4. Processo seletivo: o principal meio de ingresso dos estudantes é através do ENEM;
5. Idade e tempo de prática: a idade varia entre 17 e 34 anos, com uma concentração maior entre 18 e 22 anos, ou seja, a maioria dos discentes ingressou logo após, ou com 1 a 4 anos após concluírem o ensino médio. O tempo de prática de dança ao ingressar varia de 0 a 23 anos com uma concentração entre 5 e 15 anos de prática.
6. Quantidade de praticantes formados e em formação: dos 95 praticantes mapeados, 78 estão cursando a graduação e 17 já concluíram;
7. Períodos dos praticantes que ainda estão se graduando: a maioria dos praticantes está cursando do 5º ao 8º período, ou seja, está na segunda metade do curso;
8. Bolsas e tipos de bolsas: mais da metade dos praticantes, 50, possui ou já possuiu algum tipo de bolsa, as mais citadas foram as de assistência estudantil e PIBID;



9. Relação ingressantes *versus* egressos de 2007 a 2017: a quantidade de praticantes ingressantes e egressos tem subido a cada ano, dos 95 praticantes, 70 ingressaram entre os anos de 2014 e 2017. Dos 17 egressos, 10 concluíram o curso no ano de 2017, ou seja, mais da metade dos formandos mapeados por essa pesquisa se formou há 2 anos.

A partir desses dados, percebe-se que o perfil do praticante que opta por essa formação superior é composto, em sua maioria, por jovens de ambos os sexos que praticam dança e que concluíram recentemente o ensino médio. Há praticantes em 71% das instituições que possuem graduação em Dança, em quase todos os estados do país, com uma concentração na região Sudeste. Além disso, percebe-se que a adesão dos praticantes a esse espaço de formação tem aumentado significativamente ao longo dos anos.

Compreender o perfil do praticante que opta por essa formação é fundamental para se obter dados sobre o campo de Danças Urbanas, e principalmente o caminho profissional que essa prática de dança seguirá nos próximos anos. A formação superior impacta diretamente na quantidade de capital simbólico que os agentes possuem auxiliando na constituição do campo, além da sua desestigmatização enquanto prática periférica, marginal e sem perspectiva profissional.

Olhar para os ingressantes agora é avistar seu impacto no futuro não só no campo de Danças Urbanas, mas também na formação superior em Dança, pois os praticantes que ocupam esse espaço são modificados por ele e também o modificam. Os dados apontados nesta pesquisa poderão servir como subsídio para pesquisas futuras sobre a formação em Dança, em Danças Urbanas e como o campo de Danças Urbanas se constrói e se modifica com o decorrer do tempo.

### **3 A GRADUAÇÃO EM DANÇA COMO POSSÍVEL ESPAÇO DE FORMAÇÃO DE PRATICANTES DE DANÇAS URBANAS**

Este capítulo discute de que maneira a graduação em Dança pode auxiliar na formação do praticante de Danças Urbanas. Como apontado na introdução desta dissertação, durante minha pesquisa de TCC elenquei possíveis espaços de formação do praticante de Danças Urbanas, e a graduação em Dança foi um desses espaços. Como o problema desta pesquisa é observar de que maneira tem se dado a formação de praticantes de Danças Urbanas em cursos de graduação em Dança, este capítulo discute este problema levantando discussões a partir das respostas dos praticantes mapeados. As questões desse tipo foram organizadas em 4 grupos de tópicos para discussão neste capítulo, são eles: 1) Motivadores para a formação superior em Dança e pretensões de atuação profissional (razões pelas quais o praticante optou pela formação superior em Dança, escolha por licenciatura, bacharelado ou ambos, e pretensões de atuação profissional após a conclusão da graduação); 2) Articulação da experiência em Danças Urbanas com as disciplinas do curso, e realização de estudos ou pesquisas sobre Danças Urbanas; 3) Preconceito e discriminação no curso por ser de Danças Urbanas, e percepção de resistência dos praticantes fora da graduação com a entrada no curso; 4) Contribuição da graduação em Dança para a formação do praticante de Danças Urbanas.

Como perspectiva teórica aborda-se o conceito de pedagogia da autonomia do notório educador brasileiro Paulo Freire para discutir alguns aspectos da formação dos praticantes de Danças Urbanas nos cursos de graduação em Dança. O conceito apresenta “uma pedagogia fundada na ética, no respeito à dignidade e à própria autonomia do educando” (FREIRE, 1996, p. 7). O educador ganhou popularidade ao defender uma educação que parte da experiência do educando e não na transferência de conhecimento. Partindo da perspectiva de uma educação plural e democrática em que o estudante é o protagonista de sua própria formação, indo contra a ideia de conhecimento depositário em que o estudante aguarda de modo passivo que o professor transfira o conhecimento.

A ideia que será desenvolvida neste capítulo centra-se na autonomia do estudante na busca pelos conhecimentos que deseja construir na graduação. Compreendendo que não se adquire conhecimento, mas se constrói a partir das experiências que o educando vive. Tendo como base o pensamento de que “formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas (...)” (FREIRE, 1996, p. 7), mas sim oferecer ferramentas para que ele construa seus caminhos na busca pelo conhecimento em uma relação contínua com o educador, com o espaço de formação e com o meio em que está inserido. Assim, os assuntos

aqui abordados partem de um pensamento de que professores e estudantes devem trabalhar de maneira horizontal na construção do conhecimento. Dessa forma, os conhecimentos construídos pelo estudante não dependem apenas do ensino do professor, mas também da postura ativa do estudante em aprender.

### **3.1 Motivadores para formação superior em Dança e pretensões de atuação profissional**

A primeira questão ramificada a partir do problema desta pesquisa é a compreensão das razões pelas quais o praticante de Danças Urbanas escolhe realizar uma formação superior em Dança. Busca-se analisar porque esse espaço de formação passa a ser considerado como uma opção para os praticantes. Há respostas diversas para essa questão, desse modo elenquei os motivos mais recorrentes que serão apresentados a seguir.

Para alguns estudantes o fato de serem praticantes de dança antes do ingresso no curso foi o principal motivador para que eles optassem pela formação superior em Dança. É o caso de Almeida Junior (IFB) que escolheu a graduação “pela pratica que tinha até o momento da conclusão do ensino médio.”<sup>11</sup> Desse modo, a prática que ele tinha nesse período o fez optar pela formação superior em Dança. As Danças Urbanas são praticadas em diferentes espaços, assim, há possibilidades diversas de se entrar em contato com essa dança e iniciar a sua prática.

Costa (UFV) escolheu o curso “porque danço a bastante tempo e gosto. Pretendo aprender mais sobre e poder me profissionalizar, especialmente de forma teórica. Cursar dança me abrirá portas que talvez não se abrissem caso eu não estivesse lá”. O estudante apresenta diferentes motivos pelos quais escolheu o curso, mas todos decorrentes do fato dele praticar dança há bastante tempo e gostar do que faz. Além disso, ele percebe que a formação superior em Dança lhe possibilita ter acesso a caminhos profissionais que ele não teria em outros espaços. Assim, a prática é um ponto de partida para aprofundar seus conhecimentos e se profissionalizar.

Como abordado no capítulo 2, entre os 95 praticantes mapeados nesta pesquisa apenas 2 não possuíam qualquer prática de dança ao ingressar no curso; a maioria possuía de 5 a 15 anos de prática ao ingressar como apresenta o gráfico 7 (página 35). Outro dado relevante é que a maioria dos praticantes ingressaram dos 18 aos 22 anos como apresentado no gráfico 6 (página 34), ou seja, a prática de dança mencionada por eles ocorreu na infância e/ou

---

<sup>11</sup> Os relatos citados foram mantidos conforme as respostas enviadas no questionário pelos praticantes, sem qualquer tipo de correção ou alteração.

adolescência. Isso demonstra que uma pessoa que praticou dança nesse período tem mais chances de optar por uma formação superior em Dança, por isso é relevante que existam oportunidades de inserção na dança durante a infância e a adolescência. No mesmo sentido, eu optei pela graduação em Dança justamente por dançar desde os 11 anos de idade e pelo desejo de tornar essa prática a minha profissão.

Para outros praticantes o que motivou o ingresso no curso foi a busca por aprofundar ou aprimorar o conhecimento que já possuem sobre dança, buscando conhecer novas possibilidades e aprender mais sobre esse fazer.

O meio acadêmico traz uma outra perspectiva em relação a dança, é um ambiente que aumenta as possibilidades de campo e ensina o que muitas vezes passa batido pra quem ensina a prática da dança sem ter uma base teórica aprofundada, é um processo riquíssimo. (AGUIAR, UFG).

A estudante aponta que essa formação amplia sua visão sobre dança lhe mostrando novas possibilidades de atuação, destacando determinados tipos de saber que nem sempre recebem a devida atenção nos ambientes formativos informais. Assim, a escolha pela graduação se dá com a intenção de ampliar os conhecimentos e aprender conteúdos específicos que essa formação proporciona. No caso de Pinheiro (Unicamp), a escolha pela graduação foi para “agregar conhecimentos e adquirir novos caminhos para atingir meus objetivos nas danças urbanas”. Percebe-se que a estudante ingressou no curso de Dança tendo como foco ampliar seus conhecimentos em prol de sua técnica de dança específica.

Esses são casos em que o praticante já possui uma formação em dança anterior ao curso, contudo percebe que a graduação possui conhecimentos específicos que não serão encontrados em outros espaços. Como relata Magalhães (UFG), sua escolha foi com o intuito de “me aprofundar em um campo do qual eu já fazia parte, já estudava mas foi só com a universidade que obtive a sensação e de fato ouve o aprofundamento em saberes da Dança sob um ponto de vista mais amplo.” A possibilidade de ampliar a visão sobre o campo da dança é algo recorrente nas falas dos praticantes, demonstrando que a graduação possibilita ao discente ver a dança a partir de uma perspectiva mais abrangente. Isso é benéfico para o campo de Danças Urbanas, pois o praticante deixa de ver apenas o seu contexto e começa a se abrir para outros, buscando a real dimensão sobre o campo em que está inserido. O praticante passa a compreender que suas atitudes não desrespeitam somente a ele, mas a todo um contexto que se altera a partir de suas ações e de outros agentes.

Considero essa ampliação do olhar uma das principais transformações que ocorreram durante meu percurso formativo, pois a minha vivência anterior à graduação foi apenas em um grupo de Dança de Rua, assim por muitos anos tudo que eu sabia sobre dança partia única

e exclusivamente do ponto de vista do diretor desse grupo. Tudo que era dito por ele era entendido e reproduzido como única verdade. Na graduação eu tive acesso a inúmeras formas de se fazer dança, e os diversos caminhos profissionais a serem seguidos, o que até então, devido à minha vivência, se limitavam ao ensino de dança, algo que não me interessava. Dessa forma, a graduação ampliou a minha visão sobre dança e me mostrou que o que eu trazia como verdade era apenas uma possibilidade dentre os diversos caminhos profissionais que eu poderia seguir, tais como: criação, produção, direção, iluminação, figurino, cenário, crítica, pesquisa, entre outros. A partir desse leque de opções eu optei por atuar como dançarina, produtora e pesquisadora algumas funções das quais eu nem sabia da existência antes do ingresso na graduação. Assim, a graduação ampliou a minha visão para os possíveis caminhos profissionais a serem seguidos e me capacitou para atuar neles.

Outro fator bastante citado pelos estudantes é o intuito de entrar para o mercado de trabalho em dança, considerando a graduação como um facilitador para esse objetivo. É o caso de Magnesi (Unicamp) que optou pelo curso “porque era necessário para mim ter uma formação acadêmica antes de ir para o mercado de trabalho”. Observa-se que a estudante considerou importante se qualificar profissionalmente para depois se inserir no mercado de trabalho. Já Silva (IFB) escolheu a graduação “por vontade de fazer da dança a minha fonte de renda primária”. Ou seja, o estudante já obtém renda por meio da dança, mas não como fonte principal. Dessa forma, ele vê a graduação como um meio de se qualificar para obter melhores remunerações no trabalho que já executa.

Duarte (UFPel), buscou a formação com a intenção de “abrir novas possibilidades de meio de trabalho com a dança”. No mesmo sentido, Pinheiro (Unicamp) acredita que a formação irá trazer “maior segurança no mercado de trabalho futuramente”. Como os dois relatos apontam, os estudantes percebem na formação uma ligação direta com o mercado de trabalho, seja para ingressar nele ou para ampliar as possibilidades existentes. Eles percebem que os conhecimentos que irão construir durante essa formação poderão fornecer oportunidades de trabalho singulares.

Silva (UFBA) tem como objetivo “conseguir um emprego melhor na área e conseguir lecionar em instituições públicas”. Como o estudante relata, ele já trabalha na área, mas busca um emprego com melhores benefícios por meio da formação acadêmica em dança. E como aponta, “conseguir um emprego melhor” seria lecionar em instituições públicas e espaços formais de ensino o que poderá ser possível após a conclusão do curso, pois ele possuirá qualificação para tal função. É importante destacar que, a partir dos relatos dos praticantes, a busca pela formação superior está diretamente ligada a busca por estabilidade e melhores

condições de trabalho. Assim, além de oferecer ferramentas para construção de conhecimentos singulares, a graduação pode ser uma garantia de melhores opções de trabalho com dança. Seja pelas oportunidades de ampliar as capacidades de execução dos praticantes, seja pelos trabalhos que dependem de um diploma de formação específica na área.

Isso aponta uma busca dessa *classe* pela profissionalização de seus agentes, em melhorar suas condições de trabalho, conquistar direitos trabalhistas e obter melhores remunerações. A graduação em Dança amplia a quantidade de capital simbólico e, conseqüentemente, as possibilidades de aquisição de capital econômico. Quanto maior a quantidade de capital de um agente, melhores são suas posições no campo. Assim, essa busca por qualificação demonstra um interesse dos agentes em se profissionalizar e se situar em posições melhores dentro do campo.

Assim como Melo (UFBA) que buscou a graduação “para me proporcionar uma formação com titulação formal. Sabemos que no âmbito profissional, as academias possuem uma certificação de maior prestígio, pois presa o ensino, a formação, a pesquisa”. Como apontado pelo estudante, a graduação é um dos espaços que possibilitará uma titulação formal e por isso é mais reconhecida em detrimento dos espaços informais. Esse reconhecimento se dá justamente devido à formalidade, rigor e amplitude desse ensino.

O desejo pela docência também é outra razão que motiva os praticantes a buscar esse espaço de formação. Como Nascimento (UFSM), que viu na graduação a possibilidade de “aperfeiçoar meus conhecimentos, ‘aprender’ a ser professora (conhecer metodologias da Dança) e refletir acerca das minhas práticas seja como bailarina ou como docente da Dança”. A estudante buscou o curso com o intuito de entrar em contato com as ferramentas necessárias para se tornar uma professora de dança crítica sobre sua própria prática.

Já em outro caso, o praticante foi contratado como professor e isso o motivou a buscar a graduação.

Sou artista de rua, dançarino de rua, e recebi uma proposta para ensinar crianças e adolescentes em uma ONG, e senti a necessidade de apropriar-se de uma melhor didática e metodologia para a melhor transmissão e construção de conhecimento em dança. Poder construir conhecimento com ética e responsabilidade, agregando aos meus conhecimentos novos conceitos e métodos que foram oferecidos no curso. (SILVA, UFPB).

Thiago reconheceu fragilidades em seu conhecimento metodológico e didático para o ensino de dança e buscou na graduação uma forma de suprir essas necessidades, para se tornar um profissional mais qualificado para o trabalho para o qual havia sido contratado. O estudante demonstra ter consciência sobre a importância de se formar para atuar em uma sala

de aula e por isso buscou se especializar. “A responsabilidade do professor, de que às vezes não nos damos conta, é sempre grande. A natureza mesma de sua prática eminentemente formadora, sublinha a maneira como a realiza.” (FREIRE, 1996, p. 27). Devido à falta de consciência da responsabilidade que é ser professor(a) e à informalidade de muitos espaços de ensino de dança, por vezes observa-se pessoas que não tiveram uma formação adequada para o ensino ministrando aulas. Alguns praticantes que possuem essa consciência compreendem que a licenciatura em Dança é o espaço capaz de formar adequadamente o professor de dança. Além disso, praticantes que já atuam como professores ao ingressarem na graduação terão a oportunidade de se formar, melhorar sua didática, conhecer metodologias e ampliar as possibilidades do ensino de dança. As aulas ministradas por esses profissionais podem ser transformadas na graduação ao entrar em contato com conhecimentos pedagógicos, metodológicos, anatômicos, entre outros.

Alguns estudantes buscam a graduação justamente por terem se tornado professores, assim a escolha se deu “devido já estar lecionando a mais de 10 [anos] e achar que seria uma forma de valorização e reconhecimento dos anos dedicados a arte das Danças Urbanas” (Santos, UFRJ). Esse estudante ingressou na graduação aos 31 anos, buscando o reconhecimento de sua dedicação ao ensino dessa dança através do diploma, ou seja, ainda que ele ministrasse aulas por uma década, sentiu a necessidade de realizar uma formação superior para ser reconhecido. Assim, somente a titulação poderia validar sua atuação como professor de Danças Urbanas devido ao capital simbólico que seria adquirido durante sua formação.

Semelhante ao relato de Rodrigues (UFU) que buscou na graduação em Dança uma forma de legitimação de seu fazer:

Devido o contexto onde eu iniciei na Dança (Frutal-MG) os contratantes de dançarins e bailarins ou grupos de dança dos diversos estilos ao fazer uma proposta de remuneração por uma apresentação de dança insistiam em me remunerar menos ou pedir um trabalho voluntário e muita das vezes a justificativa era que eu e/ou o grupo que eu trabalhava era "amador" e que nós não tínhamos viajado para o exterior ou feito cursos com profissionais renomados como um outro coreógrafo de uma modalidade clássica, mesmo o meu trabalho enquanto Dançarino e coreógrafo fosse bom tanto quanto o do outro profissional. Surgiu em mim uma vontade e a necessidade de ter algo que desse ao meu trabalho de Dançarino e Coreógrafo o peso que uma viagem ao exterior e/ou um curso com um profissional renomado poderia me dar. Quando descobri a graduação em Dança não exitei em me candidatar a uma vaga em um curso superior, se bacharelado ou licenciatura não era importante, legitimando meu trabalho e me possibilitando receber como um "profissional" era o importante.

Rodrigues apresenta o modo como se dá a legitimação e as hierarquias em seu contexto, em que os agentes se dividem em amadores e profissionais. Assim, possuem melhores posições no campo os agentes considerados profissionais devido a maior quantidade de capital simbólico, que nesse caso é adquirido a partir de viagens ao exterior e ao fazer cursos com profissionais renomados. Contudo, a problemática se apresenta, pois não há um único espaço de formação que legitima o fazer do agente e o define como amador ou profissional, assim há de se recorrer a maneiras alternativas para essa definição. Como são os próprios agentes que legitimam uns aos outros o tipo de experiência que o agente possui o legitima como profissional, por isso os agentes que praticam há muitos anos possuem melhores posições no campo. Devido aos critérios ainda flutuantes de legitimação no campo, viagens para o exterior e cursos com outros profissionais renomados passam a qualificar aquele agente como um profissional devido ao capital simbólico que adquiriu nessas ações. Assim, a aquisição de capital simbólico está diretamente ligada ao capital econômico do praticante, e, ainda que atue com alta qualidade técnica, talvez não seja considerado e remunerado como profissional.

Como o estudante relata, ele já possuía prática de dança, já trabalhava na área, mas sentia que era visto como amador por não possuir cursos ou formação superior. Ainda que o estudante afirme que possuía as mesmas competências, qualidade técnica e trabalhasse com dança ele era visto como amador, pois não possuía conhecimentos específicos que o concedessem capital simbólico perante os agentes que determinam os modos de funcionamento do campo. Dessa forma, esse estudante viu a formação superior em Dança como oportunidade de qualificação, de se tornar profissional e de ser reconhecido. E esse reconhecimento está diretamente ligado às remunerações pelo seu trabalho e consequentemente sua dedicação à dança como atividade profissional.

Como é possível perceber nos relatos, a escolha pela graduação em Dança se dá a partir das experiências que esses praticantes já possuem e a partir de um olhar para o futuro, para o modo como o curso contribuirá para sua formação profissional e como auxiliará na busca por trabalho. Dentre as respostas os principais motivos citados são: ser praticante de dança, aprofundar o conhecimento, entrar para o mercado de trabalho de dança, ser professor(a), se tornar professor(a), se profissionalizar, se qualificar, trabalhar com dança e ser reconhecido profissionalmente.

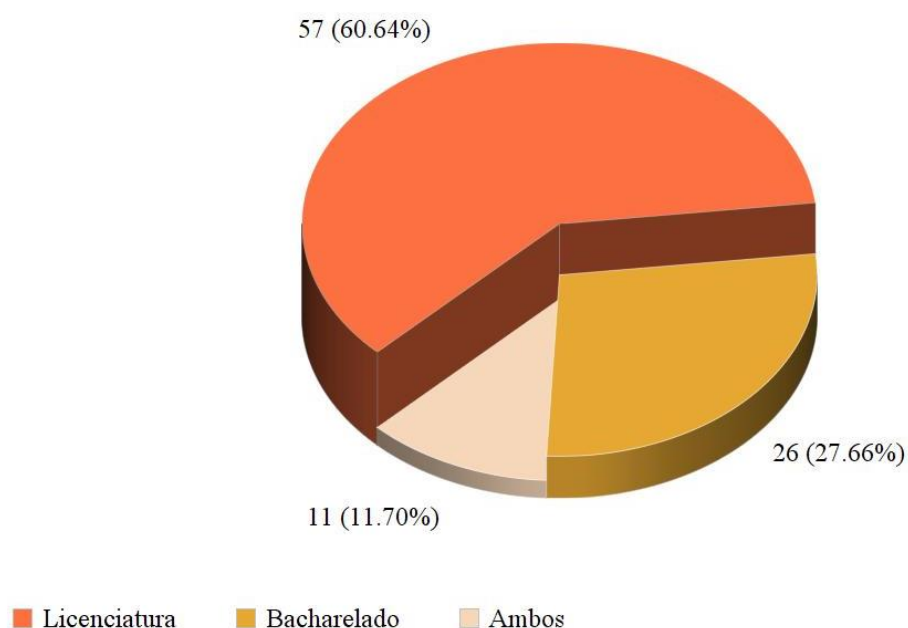
Os relatos apontam para um diagnóstico do modo como o campo funciona, em que a falta de um espaço de formação legítimo de aquisição de capital faz com que as formas de validação no campo se deem de maneira muito ampla a partir das vivências de cada agente.



Isso é problemático, pois não há um modo de quantificar as experiências de uma pessoa, ainda mais considerando que há funções diversas ligadas ao profissional da dança que pode ser dançarino(a), professor(a), produtor(a), coreógrafo(a), entre outras. Por se tratar de um campo emergente as formas de validação dos agentes ainda são variáveis. Também se percebe, como já mencionado, que a aquisição de capital simbólico está diretamente ligada ao capital econômico do agente. Pois, se o capital simbólico é medido pelas experiências que o praticante possui, quanto melhores suas condições econômicas, maiores serão suas facilidades para ampliar seu capital simbólico. A partir dos relatos, observa-se na busca pela graduação um modo de validar e legitimar o profissional do campo.

Como mencionado anteriormente, o praticante que deseja se graduar em Dança possui as seguintes opções: licenciatura, bacharelado ou tecnológico. Não há nenhum praticante mapeado que curse o tecnológico. Dos 95 praticantes, 57 cursam licenciatura, 26 cursam bacharelado, 11 cursam ambos e 1 pessoa não respondeu. A quantidade de praticantes distribuídos entre os cursos de licenciatura e bacharelado segue no gráfico abaixo.

Gráfico 13 – Tipos de curso de graduação dos praticantes de Danças Urbanas nas graduações em Dança no Brasil de 2007 a 2017.



Fonte: a autora.

A licenciatura tem maior incidência no mesmo sentido em que é o tipo de curso de Dança mais ofertado no país. Das 35 instituições superiores, 22 ofertam apenas licenciatura;

10 ofertam licenciatura e bacharelado; 2 ofertam apenas bacharelado; e 1 oferta apenas tecnológico.

No intuito de compreender os motivadores para a formação superior em Dança e as pretensões profissionais após a conclusão da graduação interessa saber também a opção dos praticantes em cursar licenciatura, bacharelado ou ambos. Nos casos em que a instituição oferta apenas um curso não há opção, mas quando há, os motivos pelos quais os praticantes optam por um ou outro curso nos informam sobre suas perspectivas profissionais. As razões mais citadas por cursar licenciatura é a busca pela docência, seja para iniciá-la ou dar continuidade ao trabalho que já desenvolve. Nascimento (UFSM) afirma ter feito essa escolha “pela vontade de atuar como professora na área da Dança”, mesma justificativa de Oliveira (UFG): “pretendo ser uma professora na área da dança”. Essas estudantes desejam se tornar professoras de dança e buscaram uma formação formal para isso, em contraponto ao que ocorre tradicionalmente nos contextos de Danças Urbanas em que os praticantes se tornam professores em espaços informais como academias e grupos. Como mencionado anteriormente, a busca por uma formação docente adequada demonstra consciência da responsabilidade que é a atuação no espaço de ensino, por isso a importância de adquirir capital simbólico para tal atuação.

Em outros casos, a escolha se deu justamente devido ao praticante já atuar como professor, como Santos (UFRJ) que buscou a licenciatura “devido a já ministrar aulas regulares nas comunidades próxima a minha residência”; no mesmo sentido, Silva (UFPB) afirma que a escolha ocorreu “pois eu já dou aula faz um tempo e quis me profissionalizar mais”. Esses estudantes já atuam como professores de dança, passaram por outros caminhos formativos, mas no decorrer de sua prática sentiram a necessidade de adquirir capital simbólico para atuarem de modo mais qualificado no trabalho que desenvolvem.

A licenciatura pode aprimorar os saberes do praticante, como exemplo de Balduino (IFB) que optou pela graduação “porque já danço a muitos anos e queria me aprofundar nas abordagens de ensino da dança”. Como é o caso do Silva (UFBA) que escolheu o curso “a partir da minha experiência como professor dos cursos livres de danças urbanas na Fundação Cultural do Estado da Bahia”. Muitas vezes os praticantes constroem suas experiências em espaços informais de ensino e a partir dessas vivências passam a atuar como professores de dança. Dessa forma, buscam na graduação elementos para complementar seus conhecimentos e se formar de modo adequado para atuação docente.

Silva (UFPB) relata como a licenciatura alterou sua atuação como professor:

A apropriação de conceitos e métodos auxilia primeiramente por se tratar de licenciatura no meu caso, a melhor construir conhecimento de uma forma ética e responsável, uma relação de respeito e seriedade com meus alunos, estamos tratando de educação e a gama de conhecimento oferecida no curso só vem a auxiliar enriquecer e me dar propriedade para melhor oferecer algo aos meus alunos. Todo curso foi, e sempre será uma imensa contribuição no momento que eu me abrio para relacionar meu conhecimento com os conceitos oferecidos, fazendo com que eu construa algo próprio através disso uma mistura minha que facilite nas minhas práticas e na construção e transmissão de conhecimento.

É possível perceber que a graduação em Dança transformou sua atuação docente em uma série de aspectos partindo de um posicionamento consciente da grande responsabilidade que é lecionar. Também se nota que essa contribuição só foi possível, porque ele esteve aberto e se engajou em articular os conhecimentos do curso com sua prática em Danças Urbanas. Isso demonstra a importância da autonomia do estudante apontada por Freire (1996) na busca pela construção de seus conhecimentos e em seu engajamento em optar pelas ferramentas que teve acesso, e no modo como irá aplicá-las em sua prática.

O interesse pela realização de concursos para atuar como professor no ensino formal também é um motivador na escolha da licenciatura. Como Melo (UFBA) que optou pela “licenciatura, pois abrange mais as minhas áreas de interesse, como lecionar. E para fins concursivos, na área da dança e das artes, o currículo de licenciatura tem melhor projeção”. Devido aos interesses desse estudante a licenciatura ampliará seu capital simbólico e facilitará o alcance dos objetivos desejados.

Para o exercício da profissão de professor na educação básica é necessário a titulação de licenciado, assim se o praticante tem interesse em atuar em espaços formais de ensino deverá se qualificar. Além disso, alguns praticantes veem na licenciatura “mais opções para o mercado de trabalho” (GONÇALVES, UFSM). Mas isso também é algo apontado como motivo pela escolha do bacharelado, como afirma Ribeiro (UFU), “(...) acredito que cursando bacharelado existem mais opções para trabalhar com Dança”. Percebe-se assim que o argumento de mais opções no mercado de trabalho para a escolha pelo tipo de curso é mencionado por um estudante de bacharelado e um de licenciatura, dependendo assim dos caminhos que cada um pretende seguir.

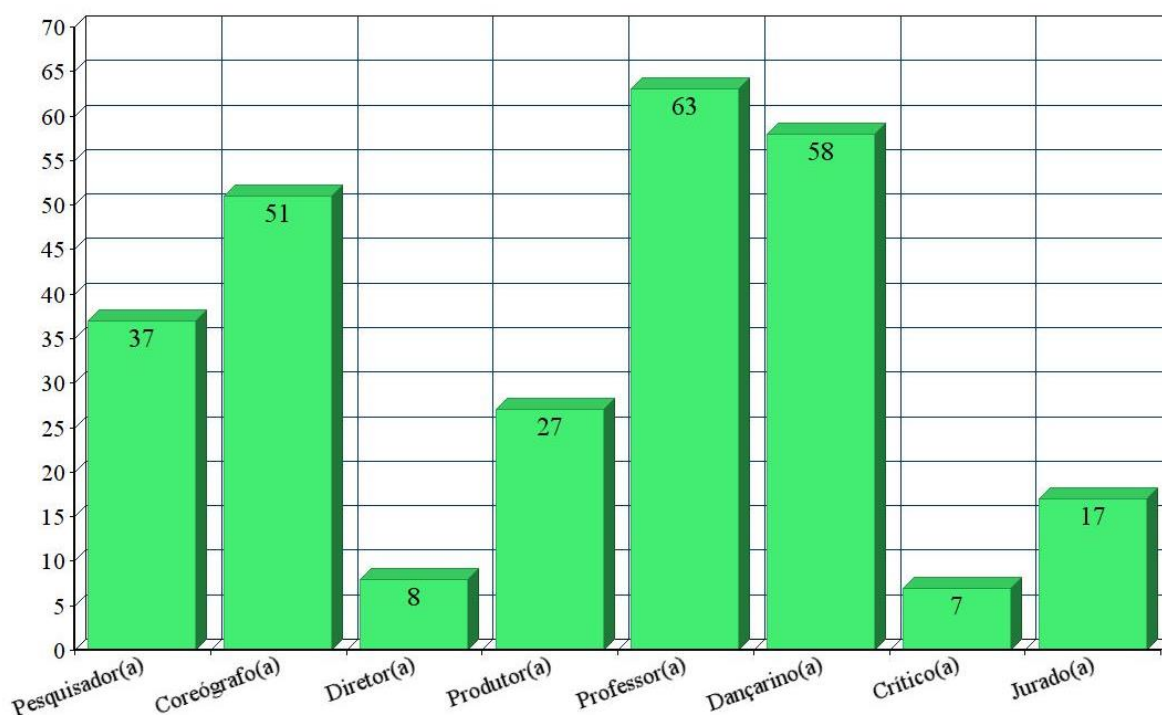
As diversas possibilidades que o curso de bacharelado oferece é um atrativo para alguns praticantes, pois “me identifico mais como intérprete/coreógrafa do que professora de dança” (MOURÃO, UFRJ). Para Cordeiro (UFRJ), o bacharelado possibilita o “aprofundamento nas questões artísticas, teóricas e práticas, além de mais variações de oportunidade de estudos na área das Artes”. Silva (UFRJ), em outro caso, afirma: “curso

bacharelado por ter a linha de pesquisa que mais se alinhou com o que quero trabalhar”. Como os relatos apontam, a escolha pelo bacharelado se dá por um desejo em estar na cena, realizando criações como intérprete e coreógrafo, ou como pesquisador, entre outras possibilidades.

Em algumas instituições que ofertam licenciatura e bacharelado, os praticantes podem optar por cursar ambos. Perego (Unicamp) acredita que realizar as duas formações “seja o melhor para o mercado”, assim como Farias (Unicamp), que escolheu “fazer as duas modalidades para ampliar o leque de possibilidades de trabalho”. Essas praticantes poderão atuar como professoras, dançarinas, coreógrafas, diretoras, produtoras, entre outras formas de atuação que os diplomas de bacharel e licenciado possibilitam. De fato, possuir ambas as graduações poderá ampliar o capital simbólico do praticante que poderá atuar em diferentes esferas do campo e em diferentes campos.

Ao analisar a formação dos praticantes nas graduações em Dança interessa saber como eles atuam ou pretendem atuar profissionalmente após a conclusão do curso. Trata-se de uma pergunta dissertativa, porém foram sugeridas algumas opções de resposta, são elas: coreógrafo(a), dançarino(a), produtor(a), professor(a), crítico(a), pesquisador(a) e jurado(a).

Gráfico 14 – Pretensão de atuação profissional dos praticantes de Danças Urbanas em formação nas graduações em Dança no Brasil de 2007 a 2017.



Fonte: a autora.

As possibilidades de atuação profissional citadas nas respostas são as sugeridas como exemplo com acréscimo da função de diretor(a). A resposta mais recorrente foi a de professor(a), como Nascimento (UFSM) que afirma que ao concluir a graduação pretende “pensar em novas metodologias de ensino para as Danças Urbanas e novas formas de criação na área que sejam inovadoras e inclusivas”. Essa estudante tem o intuito de concluir a graduação e desenvolver novos modos de se ensinar e criar Danças Urbanas, auxiliando na consolidação do campo e das técnicas de Danças Urbanas. Este é um exemplo de como essa formação pode transformar o campo de Danças Urbanas por meio da capacitação de seus agentes.

Tavares, formada pela UFRJ desde 2014, relata como atua profissionalmente:

Trabalho como educadora, (...) dirijo um grupo de dança contemporânea formada por mulheres de 55 a 77 anos, onde também aplico na preparação cênica elementos de tônus do corpo que se relaciona com a minha vivência com a dança, trabalho em escola particular com a iniciação em dança para crianças e desenvolvo aulas com elementos das danças urbanas.

As aulas que essa profissional ministra não são de Danças Urbanas, mas ela aplica princípios e elementos das técnicas no ensino de dança para crianças e idosos. Percebe-se que mesmo que ela seja uma praticante de Danças Urbanas, não se restringe apenas ao seu ensino, e é aberta para trabalhar com outros tipos de dança. Sua formação em uma graduação em Dança foi fundamental para que ela pudesse trabalhar com outros tipos de dança e ainda assim aplicar os conteúdos relacionados às Danças Urbanas.

Praticantes que já possuem vasta experiência em dança e já atuam profissionalmente ao ingressar no curso possuem uma visão mais objetiva em relação à atuação profissional. Como é o caso de Rodrigues (Univercidade):

Eu comecei a dançar no ano 2000 e fui ingressar na universidade somente em 2008. Nesse período eu tive oportunidade de fazer muitas coisas: dei aulas em escolas de dança, participei de grupos amadores e companhias profissionais, fui convidado para festivais como professor e/ou jurado, produzi eventos, viajei o mundo dançando e só depois dediquei tempo à universidade. Quando me formei, já tinha interesses muito distintos da grande maioria dos dançarinos que saem da universidade buscando novas oportunidades. Curiosamente, depois da graduação parei de dar aulas (mesmo tendo me formado como educador), me concentrei em criação e voltei a viajar.

Diferentemente da maioria dos praticantes que ingressa na graduação logo após concluírem o ensino médio, Rodrigues dedicou um período de sua vida a diferentes experiências profissionais e somente depois disso buscou o ensino superior em Dança. Ao

concluir o curso seu objetivo não era o de ingressar no mercado de trabalho, pois ele já estava inserido, assim pôde optar por quais caminhos seguir a partir das diferentes experiências que teve dentro e fora da graduação.

Vários praticantes afirmam desejar atuar em duas ou mais funções, como Melo (UFBA):

Me interesse por muita coisa, mas com certeza os principais se permeiam em: dançarino, intérprete, criador, coreógrafo, professor, pesquisador, diretor, produtor, jurado e o que mais eu puder fazer com a dança. Como eu mesmo realizo as minhas produções, administrativas e artísticas, acabo fazendo de tudo um pouco, o que me proporciona também passear por áreas de interesse e trabalho também.

O estudante aponta o desejo de atuar em diversas funções, com o intuito de conhecer as ferramentas necessárias para a execução de cada fazer específico. Devido a sua experiência em executar diversas funções em seus trabalhos, ele adquiriu um conhecimento básico sobre os elementos necessários para executá-los. Esses conhecimentos podem facilitar a criação e concepção de suas obras que partem de uma consciência da viabilidade do que se deseja. Também demonstra que esse agente possui capital simbólico diverso e pode atuar em diferentes áreas do campo de Danças Urbanas e de outros.

Com atuação múltipla, Vieira (UFPel) relata:

Tendo em vista que já atuo como coreógrafo, dançarino, produtor, professor, pesquisador, jurado, etc nos espaços não acadêmicos a cerca de 17 anos, não pretendo deixar esta vivência de lado, mas tenho o objetivo de, paralelamente a esta vivência artística, seguir na investida de uma carreira docente fazendo mestrado e doutorado e assim posteriormente atuar como professor em uma universidade.

O estudante também relata o desejo pela multiplicidade de atuação, tendo como foco seguir carreira acadêmica para atuar como professor na universidade, objetivo este que só poderá ser atingido por meio da formação superior. Como é possível observar neste e nos relatos anteriores, a multiplicidade de atuação é comum antes, durante e após a graduação. Essa é uma característica do campo que exige um profissional que domine diferentes funções para conseguir se manter financeiramente de dança. É possível perceber que muitos pretendem continuar nas funções que já executam e buscam se abrir para novas, assim para esses praticantes a graduação em Dança amplia as suas possibilidades de atuação.

Meu plano inicial é de me manter como bailarino e me fomentar como pesquisador. Mesmo exercendo no momento a função de professor, tem mais a ver com uma questão de necessidade do que de interesse pessoal. Ocasionalmente já desempenhei a função de jurado e essa é sim uma função que teria interesse em desempenhar. Quanto a Produção e Coreografar não excludo essas possibilidades ocasionalmente, mas não seriam focos pra agora,

da mesma forma que possivelmente poderia a vir considerar futuramente a Crítica. (MAGALHÃES, UFG).

Magalhães também relata uma série de funções que já desempenha e pretende desempenhar, destacando que atualmente trabalha como professor, mas não por interesse e sim por necessidade. Muitos profissionais do campo se mantêm financeiramente através do ensino de dança, dentre as possibilidades de atuação na área essa é a função em que há mais oferta de trabalhos formais. Dessa forma, alguns profissionais que não têm interesse em ministrar aulas o fazem para se manter financeiramente de dança.

Rodrigues (IFB) afirma: “pretendo continuar pesquisando maneiras de atuar tanto como coreógrafo quanto bailarino quanto produtor. Sempre permutando elementos e verificando novas possibilidades de atuação no cenário, que é extremamente mutável.” A instabilidade do campo de Danças Urbanas faz com que o profissional precise se adaptar constantemente a essa mudança, assim possuir conhecimentos sobre diferentes funções pode ser um diferencial para atuação no mercado. Na graduação em Dança o praticante entra em contato com diferentes tipos de conhecimento, dentre eles as diferentes funções que podem ser executadas na dança, logo o praticante pode optar em quais funções deseja atuar e buscar formações específicas como aulas, cursos, palestras etc.

Os dados apontam um interesse maior para as funções de professor(a), dançarino(a) e coreógrafo(a) que de fato são mais reconhecidas no meio da dança. A multiplicidade de tarefas apontadas nos relatos pode ser por um desejo de possuir conhecimentos sobre áreas diversas, mas também evidencia um campo que exige um profissional múltiplo. Isso faz com que profissionais que dominem mais de uma função sejam mais cotados. Assim, desempenhar diversas funções nem sempre é por um desejo, mas por uma exigência para se manter no mercado.

Existem poucos dados sobre o mercado trabalho em dança e ainda se trata de um cenário que se altera constantemente.

Quando se trata do trabalho em dança verifica-se que esta prática: trabalho sem vínculo, má remuneração e instabilidade financeira, se acentua principalmente nas atividades que estão relacionados ao mercado de trabalho sazonal como, coreógrafos, intérpretes de grupos independentes, bandas, produtores e diretores artísticos. (CONTREIRAS, 2012, p. 65).

O autor aponta um mercado caracterizado pela instabilidade em que a maioria dos trabalhos são pontuais sem uma periodicidade definida e sem vínculo trabalhista com o contratado, ou seja, também não há direitos trabalhistas dos quais esse profissional possa usufruir. Essas características do mercado exigem do profissional maior organização e

planejamento para conseguir se manter financeiramente sem a garantia de quando será contratado e possuirá remuneração. Contudo, essas práticas existem devido à uma desvalorização da dança enquanto profissão, por isso a importância dos agentes do campo de Danças Urbanas se organizarem na busca pela sua qualificação e assim alterarem este cenário. Como dito anteriormente, por não existir um espaço formal de formação em Danças Urbanas, os critérios para considerar alguém profissional variam, isso faz com que este campo seja visto quase sempre como amador.

É importante destacar que:

A formação do profissional de dança pode acontecer em vários espaços: academias, projetos sociais, ONGs e cursos profissionalizantes. A necessidade de trabalhar e a informalidade contribuem para que a educação formal universitária deixe de ser anterior ao exercício da atividade profissional. Contudo, a diversidade que se apresenta hoje no mercado de trabalho da área de dança necessita cada vez mais de profissionais qualificados para exercer e gerir sua profissão e carreira. Na área de dança, encontramos profissionais atuando sem formação universitária, porém as incertezas do mercado induzem os profissionais a uma formação mais sólida e ampla, preparando-o para enfrentar as exigências do processo produtivo e profissional. (CONTREIRAS, 2012, p. 14).

O autor discorre sobre a formação do profissional de dança de modo geral, e a formação em Danças Urbanas segue no mesmo sentido podendo ocorrer em diversos espaços. Por essa formação ocorrer, em sua maioria, em espaços informais por vezes, ela não oferece qualificação suficiente para que os praticantes possam atuar de forma ampla no mercado. Com o aumento das graduações em Dança nas últimas décadas tem-se um espaço de formação profissional que oferece qualificação e conseqüentemente, melhores ofertas de trabalho.

É importante destacar que os praticantes buscam a formação superior em Dança com o intuito de expandir seus conhecimentos, ampliar sua visão sobre dança, se qualificar, e conseqüentemente, aumentar seu capital simbólico. Isso parte de uma constatação do modo inconsistente com que o campo opera e que sua alteração se dará apenas com a qualificação e o aumento do capital simbólico de seus agentes, melhorando suas posições no campo. Os relatos também apontam o desejo de uma atuação múltipla e que a graduação fornece os elementos necessários para essa formação.



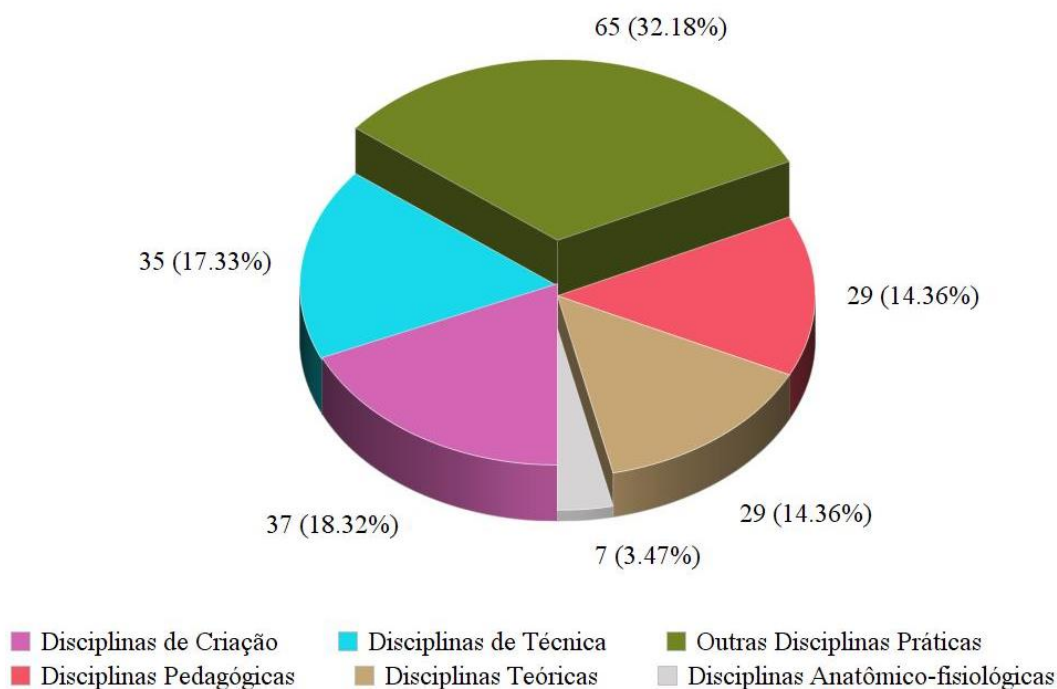
### **3.2 Articulação das Danças Urbanas com as disciplinas dos cursos de graduação em Dança**

Após o ingresso no curso, caso o estudante deseje buscar conhecimentos para aplicar em sua prática em Danças Urbanas, é importante que ele articule sua experiência com as disciplinas do curso. Pois, ao entrar em contato com os conteúdos ministrados nas disciplinas poderá encontrar elementos para ampliar e modificar sua atuação em Danças Urbanas.

Dos 95 praticantes mapeados, 92 afirmam conseguir articular a experiência prévia em Danças Urbanas com as disciplinas ofertadas no curso e apenas 3 afirmam que não. Essa articulação com as disciplinas pode se dar de diferentes formas: 1) trazendo a prática de Danças Urbanas para a sala de aula da graduação, utilizando elementos, movimentos e princípios como possibilidade de aprendizado na disciplina; 2) na sua prática individual, em que o estudante utiliza os conteúdos das disciplinas para desenvolvimento de trabalhos práticos e teóricos; 3) coletivamente, aplicando em seu grupo os conhecimentos construídos nas disciplinas ou nas aulas que os praticantes ministram. Essa relação pode se dar de diferentes formas dentro e/ou fora do curso, de modo que modifique a prática do estudante nos espaços em que atua.

Com o intuito de compreender mais profundamente como pode se dar a relação das Danças Urbanas com as disciplinas, o questionário solicita que o praticante informe as disciplinas em que essa articulação é possível de se estabelecer. Inúmeras disciplinas foram citadas, mas como cada curso possui uma matriz curricular diferente não seria proveitoso citar cada uma delas. Assim, optou-se por agrupar as disciplinas em categorias com a intenção de apontar em quais tipos de disciplinas em diferentes cursos essa relação se estabelece com maior recorrência. O gráfico abaixo apresenta os tipos de disciplina em que os praticantes conseguem articular sua experiência em Danças Urbanas.

Gráfico 15 – Tipos de disciplina em que os praticantes de Danças Urbanas conseguem estabelecer relação nas graduações em Dança no Brasil de 2007 a 2017.



Fonte: a autora.

Em muitos relatos nota-se que os praticantes percebem que a busca de conexão deve ser uma iniciativa de cada estudante, como aponta Aguiar (UFG): “percebo que em todas as disciplinas (...) é possível encontrar elementos que possam potencializar seu trabalho, que possam ser diretamente ou indiretamente relacionados as danças urbanas, basta olhar com interesse e estar atento”. Assim, caso o praticante deseje utilizar os conteúdos do curso para aprimorar sua prática é preciso que esteja ativo na busca por elementos que lhe serão úteis. Pois, como relata a estudante, em todas as disciplinas de seu curso é possível estabelecer essa relação. No mesmo sentido, Silva (UFPB) diz:

Em todas as disciplinas consigo observar e estabelecer conexão. Entendo que se apropriar de novos conceitos e se aprofundar em alguns já conhecidos, enriquece sua prática em dança, e sua forma de lecionar. Danças populares, metodologia do ensino da dança, estágios e todas as outras disciplinas tiveram uma importância e uma hiper conexão comigo e minhas práticas em danças urbanas, tudo foi enriquecedor das mais diversas formas.

O discente percebeu em seu curso elementos que enriqueceram seu aprendizado e aprofundaram os conhecimentos que ele já possuía tanto como dançarino quanto como professor. Cita disciplinas práticas, teóricas e pedagógicas como exemplos que auxiliaram em seu processo formativo. Do mesmo modo, quando questionado se consegue estabelecer relação com as disciplinas, Vieira (UFPel) responde:

Na maior parte das disciplinas sim, pois disciplinas que abordam criação, teoria, historiografia e pedagogia trazem conceitos que se fazem aplicáveis e relacionáveis tendo as Danças Urbanas como conteúdo principal. Ou seja, conceitos históricos, estratégicos e pedagógicos normalmente trazem uma filosofia de pensamento, o que possivelmente se faz presente no cenário das Danças Urbanas. Até mesmo em algumas disciplinas de técnicas e gêneros específicos como balé clássico e/ou dança contemporânea também é possível tal relação. Seja em alguma dinâmica de movimentação, técnica e estratégia de criação e composição, ou até mesmo fundamentos de outros gêneros, consigo facilmente relacionar com as Danças Urbanas de modo geral.

Como o estudante aponta, ele identificou aspectos teóricos e conceituais nas disciplinas que se relacionam com a prática de Danças Urbanas. Além disso, aponta que mesmo em disciplinas que visam o ensino de técnicas codificadas muito diferentes de Danças Urbanas, é possível retirar algum elemento que sirva para sua prática específica. Isso demonstra que ainda que a graduação em Dança não ensine Danças Urbanas, é possível buscar elementos para aplicar em sua prática. Outro relato que segue nesse sentido é o de Walther (UFRGS):

É possível relacionar quase todas as disciplinas com as Danças Urbanas. Nas disciplinas de criação temos total liberdade para criar dentro da linguagem de nosso interesse. Nas pedagógicas também temos liberdade de trabalhar as Danças Urbanas e sua prática é debatida em diversas disciplinas teóricas. Ainda não existe uma disciplina específica para ela, mas o movimento para incluí-la está presente.

A estudante cita diferentes tipos de disciplinas nas quais é possível estabelecer conexão demonstrando uma abertura para o tipo de dança no curso ao ponto de desejarem criar uma disciplina específica de Danças Urbanas. O que já ocorreu na UFPel: “o curso sempre foi super receptivo ao gênero, chegando ao ponto de alterar o currículo para incluir um laboratório específico.” (DUARTE, UFPel). A inclusão de uma disciplina de Danças Urbanas é uma ação importante, pois demonstra que há demanda no curso pelo conhecimento desse tipo de dança, possibilitando que os praticantes desenvolvam sua prática e os demais possam conhecê-la.

Contudo, ressalto que essa deva ser uma disciplina optativa em que apenas os alunos interessados se matriculem, pois discordo da inclusão de disciplinas obrigatórias de técnicas específicas, como já ocorre em inúmeros cursos reforçando a ideia de que existem técnicas que são fundamentais para todas as danças. Eu parto de um pensamento de que não há técnicas superiores em relação umas às outras e nem de que existam técnicas que possam ser entendidas como base para todas as danças. Compreendo que cada dança possui sua especificidade e que o seu aprendizado se dará apenas por ela mesma. Dessa forma, os cursos de Dança não devem ter como objetivo o ensino de técnicas de dança, isso as academias de

dança já fazem. Os cursos devem ser democráticos e estar abertos à estudantes com diferentes práticas ensinando conteúdos sobre dança de forma ampla que poderão ser aplicados pelos estudantes em suas práticas específicas.

As disciplinas pedagógicas foram citadas pelos estudantes como possibilidades de se estabelecer relação, por diversos motivos, um exemplo é que essas disciplinas permitem “identificar a partir da minha preparação corporal diversas maneiras para exercer a preparação corporal em outro corpo” (FERREIRA, UAM). Nascimento (UFSM) consegue “relacionar com as disciplinas de práticas educativas, didática, estágio (levando para os alunos meus conhecimentos)”. A licenciatura, por se tratar de um ensino formal possui diretrizes nacionais que devem ser seguidas para preparar o discente para atuar como professor a partir de discussões sobre educação, aprendizado de metodologias, técnicas de ensino, entre outras. Além dos processos avaliativos das disciplinas e o estágio obrigatório em que o estudante ministrará aulas em um espaço externo à universidade sob a supervisão de um professor. Como os relatos apontam, os estudantes conseguem estabelecer relação com as disciplinas pedagógicas tendo a oportunidade de testar suas propostas didático-pedagógicas e metodologias aplicando esses conhecimentos nas aulas de Danças Urbanas que ministram.

Silva (UFBA) relata que “em todas as disciplinas eu consegui relacionar com a minha prática, pois percebi que a UFBA oferece um estudo que tem como base o corpo e movimento, as técnicas específicas de dança vem de cada discente, e ele é quem leva para estudo nos encontros”. O estudante justifica que é possível estabelecer conexão devido às disciplinas terem como fundamento o corpo e o movimento, de modo mais amplo abrangendo alunos com diferentes vivências. Essa facilidade de conexão talvez se dê porque no currículo da UFBA:

Não há componentes de técnicas. Trata-se de estudos do corpo, daí vai de cada professor. Mas sempre tem uma abordagem a percepção corporal de forma abrangente, nunca metodista ou tecnista, o que tornava-se uma experiência plural e significativa. Os componentes de criação sempre foram os mais abertos, sendo possível de tudo. Busquei trazer as minhas referências sempre e sempre abraçaram as ideias e orientaram-me de forma proveitosa. (MELO, UFBA).

O fato de os componentes curriculares não serem disciplinas e sim módulos com ementas amplas que não visam o ensino de determinada técnica ou método de dança facilitou, de acordo com esses praticantes, a inclusão de suas vivências em sala de aula e a percepção de maiores possibilidades de conexão. Ainda de acordo com os praticantes, outro fator que facilita essa abertura é que “os componentes bem como os professores possuem uma certa abertura para diálogos da dança urbana, da dança popular e das danças afro-brasileiras. É

tanto que recentemente que foram contratados professores especializados em danças regionais brasileiras e indígenas” (MELO, UFBA). Como os relatos apontam, a abertura dos professores às propostas dos alunos é relevante para que seja possível estabelecer algum tipo de diálogo e para que o estudante traga suas vivências para a sala de aula, bem como a presença de docentes que tenham conhecimentos em práticas populares facilita a aproximação dos alunos com essas vivências.

Tavares (UFRJ) afirma que é possível estabelecer relação com as disciplinas, mas

Este é um esforço que cada pesquisador direciona para sua prática em dança. A formação na UFRJ é em contemporâneo, abrindo o estudo no sistema criado por Helenita Sá Earp, onde pode ser aplicado em qualquer modalidade se este for o objetivo da criação artística, da sua dança, da obra a ser criada.

De acordo com Tavares, é necessário, portanto, um movimento de via dupla entre a disciplina/professor e o estudante, ambos precisam estar abertos e oferecer possibilidades de conexão entre as práticas. Vale lembrar que as disciplinas em cada curso são diferentes, assim como os modos de ministrá-las, e elas são ministradas para estudantes com diferentes experiências em dança. Deste modo, uma postura ativa de autonomia do estudante pode ser crucial na busca pela articulação entre sua experiência em Danças Urbanas com as disciplinas do curso.

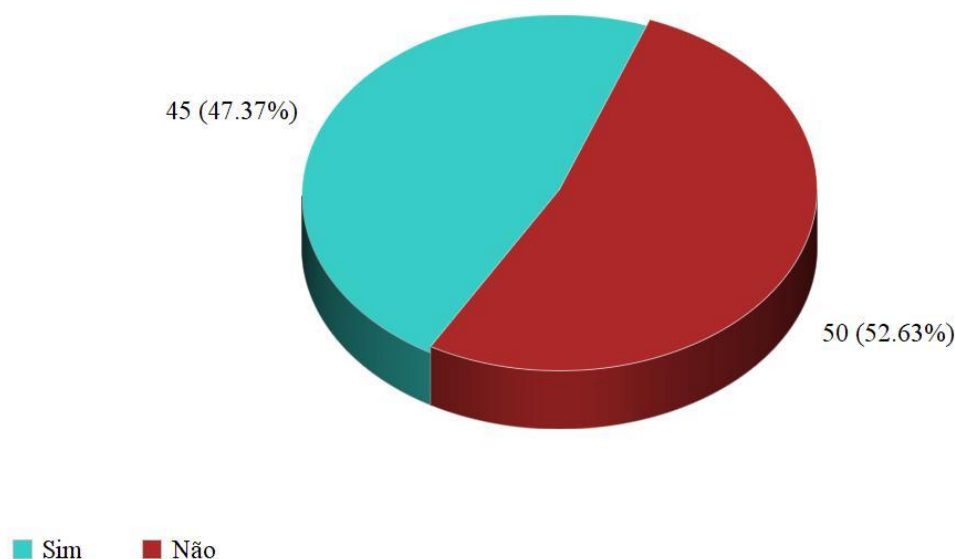
É preciso, sobretudo, e aí já vai um destes saberes indispensáveis, que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção. (FREIRE, 1996, p.12).

O pensamento de Paulo Freire vê o professor de modo horizontal na relação com o estudante, dividindo a responsabilidade sobre a construção do conhecimento entre ambos, e entendendo que esse é um processo construtivo em que o professor não irá depositar o conhecimento no estudante. Como os relatos apontam é possível de se estabelecer relação com as disciplinas, mas essa conexão se dá na maioria das vezes por um esforço do estudante em trazer sua prática para a sala de aula buscando as conexões. Pensamento que vai ao encontro de Paulo Freire que compreende o estudante como protagonista de sua formação, mantendo uma postura ativa em seu processo de formação ao invés de aguardar passivamente que o professor deposite o conhecimento. O aprendizado é um processo que exige engajamento, responsabilidade e interesse em uma relação com o professor e com o ambiente. Assim o que a graduação pode oferecer de mais valioso ao estudante é justamente a autonomia para que ele possa optar por quais conhecimentos deseja construir e de que modo.

Os relatos apontam a possibilidade de diálogo entre vários tipos de disciplinas e a prática de Danças Urbanas. Isso demonstra que muitos praticantes estão utilizando os conhecimentos construídos no curso para o desenvolvimento das Danças Urbanas e que os cursos têm se mostrado receptivos a esse tipo de dança. Assim, não só o praticante ganha a oportunidade de trazer seu conhecimento para a graduação, mas o professor, as disciplinas, o curso e os colegas ganham na possibilidade de troca que se apresenta.

Ao considerar a carência de pesquisas sobre Danças Urbanas e a graduação como um potente espaço para isso, uma das questões do questionário pergunta se o praticante realiza ou já realizou pesquisa sobre Danças Urbanas. O resultado segue no gráfico abaixo.

Gráfico 16 – Quantidade de praticantes de Danças Urbanas das graduações em Dança no Brasil de 2007 a 2017 que pesquisam Danças Urbanas durante o curso.



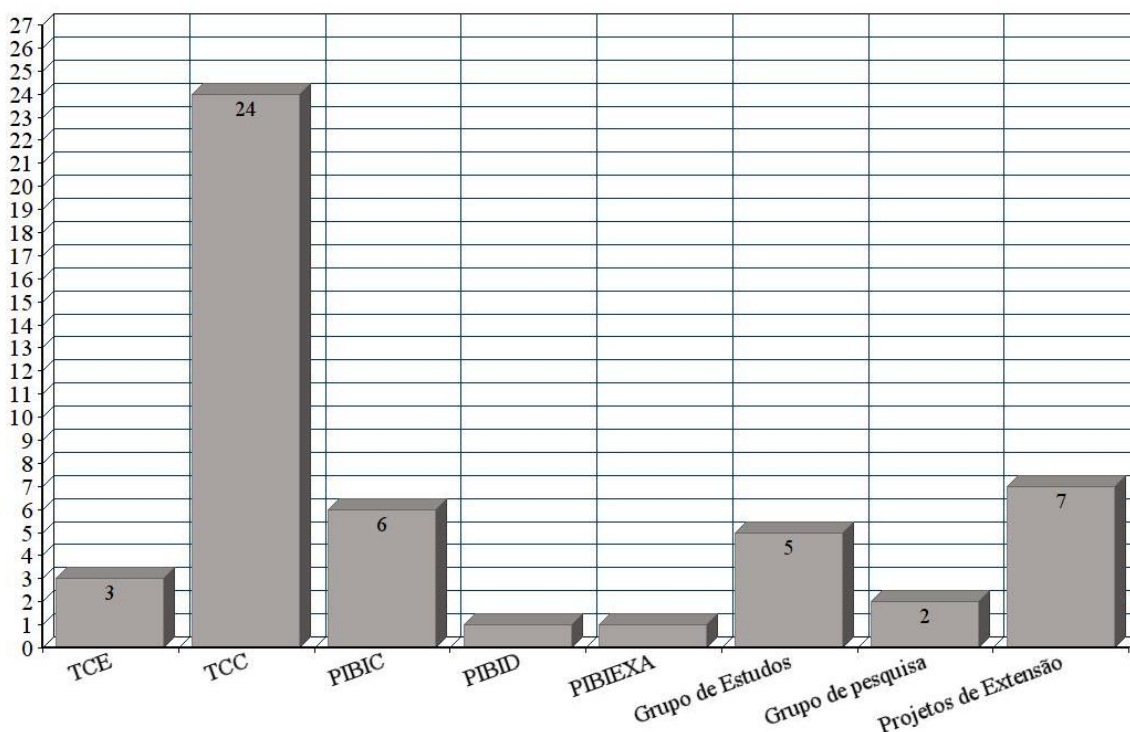
Fonte: a autora.

Como o gráfico aponta, quase metade dos praticantes mapeados desenvolvem algum tipo de pesquisa ou participam de espaços de estudo de Danças Urbanas. Esse dado demonstra que atualmente há pelo menos 45 graduados ou graduandos pesquisando Danças Urbanas e, em breve, haverá mais pesquisas sobre esse tipo de dança, e dessas, as que estiverem disponíveis para estudo poderão contribuir para construção de conhecimento sobre Danças Urbanas. A pesquisa específica em Danças Urbanas é importante, pois ela produz conhecimento no espaço mais válido socialmente para isso, além de registrar, apontar problemas, criar reflexões, sistematizar e definir o campo. Assim, o conhecimento sobre

Danças Urbanas, que muitas vezes se centra em poucas pessoas devido aos poucos meios de disseminação da informação, pode se ampliar e chegar a quaisquer interessados. Criam-se materiais e referências para que novas pesquisas sejam feitas auxiliando na consolidação do campo.

Os alunos que afirmam realizar pesquisa também deveriam responder em qual projeto ou atividade tal pesquisa é realizada, para que seja possível observar não só os tipos de pesquisa formais (Iniciação Científica e TCC), mas também a existência de espaços em que outros tipos de pesquisa e estudos possam ser desenvolvidos, tais como: projetos de extensão, grupos de estudo, etc. O gráfico abaixo apresenta os espaços e tipos de pesquisas que foram ou estão sendo desenvolvidos.

Gráfico 17 – Tipos de pesquisa e espaços de estudo dos praticantes de Danças Urbanas nas graduações em Dança no Brasil de 2007 a 2017.



Fonte: a autora.

Entre as respostas, há pesquisas científicas como o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), e espaços de desenvolvimento de estudos como grupos de estudos, grupo de pesquisa e projetos de extensão. A experiência que os praticantes adquirem nesses espaços de estudo também é importante em seu processo formativo, pois possibilita construir conhecimentos sobre esse

tema. Ainda que não haja um produto científico, esses espaços visam o estudo específico desta temática e assim aumentarão o capital simbólico dos agentes que terão mais propriedade para atuar no campo.

O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), o mais citado nas respostas, é um trabalho acadêmico obrigatório para a conclusão da graduação e pode ter diferentes formatos. Um exemplo de TCC em Danças Urbanas é o de Rodrigues (Univercidade).

O objeto de pesquisa do meu TCC foi minha experiência como arte-educador do projeto PCP - Programa de Criança Petrobras, no qual trabalhei de 2009 a 2011. Esse projeto acontecia na sede da REDES - Redes de Desenvolvimento da Maré, na comunidade Nova Holanda, onde eu ensinava dança para um grupo de jovens praticantes de breakdance. O tema central do TCC foi relacionar, histórica, social e pedagogicamente, o contexto REDES na favela da Maré, o Hip Hop como prática de dança e como sistema sócio-cultural e certas premissas da arte-educação.

Neste caso é possível observar um praticante que buscou no curso elementos para o desenvolvimento de sua prática e ao concluí-lo teve como tema de TCC um projeto social no qual trabalhava. Isso é significativo, pois por meio dessa pesquisa ele pôde analisar seu próprio contexto e produzir um trabalho acadêmico sobre uma ação social periférica, dando visibilidade e validade para as ações desenvolvidas naquele espaço. Assim, a pesquisa não só deu visibilidade para este projeto, levando-o para conhecimento de mais pessoas, como também apresentou dados sobre a alteração de seu contexto por meio de aulas de dança.

Outro exemplo de TCC sobre o ensino de Danças Urbanas é o de Santos (UFRJ):

Meu TCC é uma reflexão e criação de metodologia de aula mesclando os ensinamentos do curso de licenciatura para uma aula regular de Breaking, melhorando questões de ensino para uma melhor visualização do praticante para a sua própria prática e através desse olhar valorizar o conhecimento adquirido, para que essa valorização seja ampliada para o macro na relação com Breaking ajudando a diminuir a marginalização da Dança em si.

Neste caso o praticante utilizou seu trabalho final para a criação de uma metodologia de ensino de uma técnica de Danças Urbanas, interesse esse que surgiu justamente por cursar uma licenciatura. Este estudante, que já ministrava aulas há mais de 10 anos antes de ingressar na graduação, buscou na licenciatura o reconhecimento de seu fazer e durante sua formação desenvolveu uma metodologia de ensino. Esse é um bom exemplo de um praticante que manteve seus interesses ao entrar na graduação e na sua conclusão pôde dar uma devolutiva ao seu local de origem trazendo reconhecimento e validade para o que desenvolve. A construção dessa metodologia se deu após longos anos de ensino aliado aos conhecimentos específicos que obteve durante a graduação.



A possibilidade de pesquisa que a graduação oferece é importante, pois permite que assuntos fundamentais para o desenvolvimento e sistematização da prática sejam estudados. Assuntos que auxiliam na formação do campo de Danças Urbanas, na consolidação e no reconhecimento dessa prática, como é o caso do TCC de Albuquerque (UESB), cujo tema são “as produções científicas sobre Danças Urbanas nos cursos de Dança da Bahia”. A partir deste trabalho já é possível observar quais os assuntos relacionados às Danças Urbanas estão sendo pesquisados na Bahia, apontando um panorama da pesquisa sobre essa temática em um estado. Caso outros pesquisadores realizem esse levantamento em outros estados será possível observar o desenvolvimento da pesquisa sobre Danças Urbanas no Brasil e como esses estudos promoveram o conhecimento sobre essa temática.

Outro tipo de pesquisa citado foi o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), mencionado nos relatos a seguir: “participo atualmente do projeto do PIBIC ‘Mestres e saberes’ que é pra relacionar a dança do cavalo marinho com minha vivência do breaking” (VALENÇA, UFPB), em outro caso: “no Bacharelado eu fiz iniciação científica onde estudei sobre videodança no contexto das danças urbanas” (SILVA, UFBA). São duas pesquisas sobre Danças Urbanas, mas com focos diferentes, uma relaciona esse tipo de dança com outra prática de dança popular; e outra, com vídeodança. O PIBIC é um programa de iniciação à pesquisa em que um projeto é desenvolvido e a temática escolhida deve ter relação direta com a pesquisa do orientador. Essa obrigatoriedade de se estabelecer relação incentiva a criação de conexões entre as Danças Urbanas e outras temáticas. Assim, a pesquisa não se limita apenas ao universo das Danças Urbanas, mas também busca criar pontes com outros universos, encontrando assim relações que não se apresentariam sem o estudo.

Os projetos de extensão aparecem como o segundo mais citado, como relata Silva (UFBA): “após a inserção de mais algumas pessoas das danças urbanas no curso passamos a organizar um treino coletivo de danças urbanas na universidade, aberto à comunidade. O treino acontecia todos os sábados pela tarde onde se reuniam alguns bboys e bgirls para praticar”. Esse tipo de atividade é importante, pois visa a relação do curso com a comunidade externa, muitas vezes trazendo as pessoas da comunidade para dentro do curso. Como o relato aponta, foi possível criar um espaço de estudo de uma prática periférica na graduação, utilizando não só o espaço físico, mas criando um ambiente de estudo coletivo de Danças Urbanas.

Outros possíveis espaços para o desenvolvimento de estudos com essa temática são os grupos de estudos e grupos de pesquisa. No ano de 2015, durante minha graduação em Dança

na UFU criei o GEDU (Grupo de Estudos em Danças Urbanas), que visa estudar as Danças Urbanas nesse contexto de modo prático e teórico, já que naquele período haviam poucas informações sobre o assunto em Uberlândia. O GEDU foi o primeiro espaço de estudo coletivo sobre as Danças Urbanas na cidade, nós estudávamos independentemente sem a orientação de professores através de filmes, vídeos, tutoriais e com o conhecimento que cada um possuía. O grupo era formado em sua maioria por alunos do curso de Dança, mas a comunidade externa também era frequente nos encontros. Do mesmo modo, Ribeiro (UFC) relata: “posso um grupo de estudo em danças urbanas que faz parte da bolsa que eu tenho (Cultura Hip-Hop, a Movimentação Urbana)”. Assim, em pelo menos duas instituições existem grupos de estudos que têm como objetivo pesquisar as Danças Urbanas dentro da universidade.

Semelhante à organização dos grupos de estudos há um coletivo independente alocado na UFRJ “chamado PUC (Pesquisa Urbana Criativa), que visa pesquisar e compartilhar sobre as danças urbanas, visto que é uma parte em falta na universidade” (SILVA, UFRJ). A construção desses espaços de estudo coletivo possibilita que os praticantes estabeleçam conexões entre o conhecimento da graduação com o conhecimento específico em Danças Urbanas, fazendo isso de modo coletivo, trocando entre si diferentes experiências. Esse espaço é muito importante, pois oportuniza que os estudantes pesquisem e se organizem de modo autônomo independente da presença de um professor. Essa experiência faz com que os estudantes possam desenvolver a disciplina de estudar para além das obrigações dos componentes curriculares, mas a partir de seus próprios desejos, o que o auxiliará em seu processo de autonomia para construção do conhecimento como apontado por Freire (1996).

Outro fator importante a ser mencionado é se o professor orientador das pesquisas possui conhecimento em Danças Urbanas. Entre os 22 estudantes que responderam essa pergunta, 18 afirmam que não, e 4 afirmaram que sim. Não ter professores com experiência,

(...) pode ser ruim, se considerarmos que alguns alunos que entraram nas universidades nos cursos de danças motivados pelo contato com o hip hop, por exemplo, podem mudar o foco de suas pesquisas, pela falta de professores com informação sobre danças urbanas para orientá-los. Os professores orientam a partir das referências teóricas e da vivência que eles têm, e é aí que o foco pode mudar, ou seja, estes alunos podem decidir se dedicar a outras danças ou outras manifestações artísticas, já que não encontram ressonância nos professores. (LAKKA, 2016).

Assim, a inexistência de professores com conhecimento em Danças Urbanas pode diminuir a quantidade de estudos com esse tema visto que algumas pesquisas precisam ter vínculo com a do orientador. Caso o orientador não possua experiência no tema, sua

orientação poderá ser mais limitada em relação à pesquisa desenvolvida pelo estudante, por vezes fragilizando o estudo e deixando o praticante desamparado. Como ocorreu com Silva (UFBA):

No processo de escrita do meu Trabalho de Conclusão de Estágio foi onde encontrei maior dificuldade considerando que a minha orientadora não tinha nenhuma afinidade com as danças urbanas e então eu me senti em um processo absolutamente solitário e desorientador, apesar da dificuldade consegui concluir o trabalho, mas acredito que tive prejuízos relativo aos estudos neste processo.

O relato evidencia uma situação em que a estudante se sentiu desamparada durante a pesquisa por não ter um orientador com conhecimentos sobre a temática deixando quase toda a responsabilidade e desenvolvimento do estudo para ela. Este fator pode fragilizar o estudo devido à falta de referências sobre essa temática.

A pesquisa é um momento importante na vida acadêmica do estudante, obrigatório ao menos na conclusão do curso, que exige grande engajamento e dedicação. A partir de minha vivência no TCC, e atualmente no mestrado, compreendi que o processo de pesquisa é incerto, é como construir um quebra-cabeças e somente com tempo e estudo algumas pistas vão surgindo, possibilitando trilhar o caminho da pesquisa. Entender e saber respeitar o tempo do estudo envolve maturidade e confiança, algo que poucos estudantes possuem na graduação, possivelmente esses atributos se tornarão mais evidentes somente na pós-graduação. Isso se agrava em pesquisas pioneiras muito comuns na dança devido ao recente campo acadêmico, em que as referências são escassas, exigindo mais confiança e principalmente, orientação.

Contudo, a ausência de professores com experiência em Danças Urbanas não deve ser um impedimento para a pesquisa do tema. Ainda que o orientador não possua conhecimento sobre essa dança, caso ele deseje e se interesse poderá contribuir muito com o estudo. Ter um orientador com experiência no tema pode ser mais produtivo devido ao conhecimento do processo histórico, das referências, e do cenário de Danças Urbanas, possibilitando com que ele oriente com mais precisão o assunto que o estudante deseja abordar. Ainda que existam esses entraves precisamos continuar a pesquisar para construir referências e cada vez mais embasar pesquisas futuras. Além de nos qualificarmos para, caso seja do interesse do praticante, ocupar o espaço da universidade não só como estudante, mas também como professor.

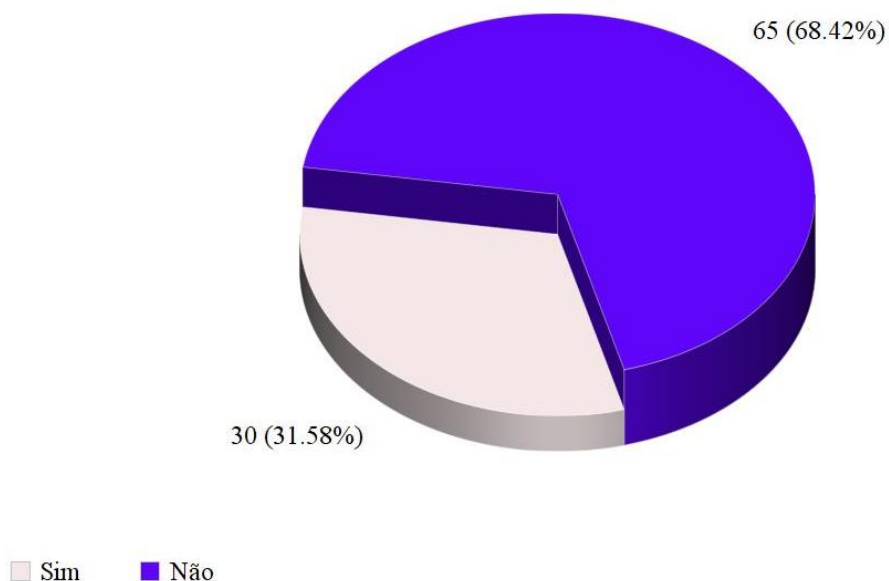
A pesquisa em Danças Urbanas é importante para este campo, pois ela é uma oportunidade de observação e análise do próprio campo. As pesquisas validam o

conhecimento que já existe e novos saberes são criados, novas reflexões a partir de novas perspectivas. Dados sobre o campo são produzidos e a partir dos dados é possível definir e delimitar o campo. Assim, as informações não partem de achismos ou de experiências individuais, mas a partir da pesquisa de cada uma dessas individualidades e diferentes contextos é possível observar o campo de Danças Urbanas em sua dimensão. Além disso, essa possibilidade de produção de conhecimento pode alterar o modo como os praticantes veem a graduação, passando a vê-la como um espaço de propulsão do conhecimento em Danças Urbanas.

### **3.3 Discriminação com praticantes de Danças Urbanas dentro e fora do curso**

O próximo assunto abordado é como o estudante percebe sua recepção no curso como praticante de Danças Urbanas, se já sofreu algum tipo de discriminação ou preconceito durante sua formação devido a sua prática. Essa questão obteve relatos diversos sobre o modo como os praticantes são percebidos nos cursos em que estão inseridos. Com a intenção de que os praticantes se sintam mais à vontade para relatarem suas experiências, suas identidades são preservadas e apresenta-se como referência apenas a instituição a qual o praticante está vinculado.

Gráfico 18 – Quantidade de praticantes de Danças Urbanas que já sofreu ou não algum tipo de preconceito/discriminação nas graduações em Dança no Brasil de 2007 a 2017 por serem praticantes de Danças Urbanas.



Fonte: a autora.

Como é possível observar no gráfico acima, 65 praticantes não sofreram preconceito ou discriminação no curso em que estão inseridos, e 30, sim. A maioria dos praticantes teve boa recepção nos cursos em que ingressou. Um estudante da Unespar, relata que “os professores são bem interessados nos corpos que os praticantes de Danças Urbanas tem, e os alunos também gostam bastante. Não vejo nenhum preconceito com os praticantes”. Um estudante da UFBA também afirma que:

Em todo processo do curso fui bem apoiado pelos professores, e me ajudaram muito na construção dos meus trabalhos. Os professores que tive contato achavam incrível as pessoas que faziam danças urbanas. acredito que em salvador as danças urbanas está bem aceita pelos espaços artísticos e acadêmico.

Nos dois relatos os praticantes de diferentes instituições afirmam serem bem aceitos e existir até um interesse por parte dos professores para a qualidade de movimento que essas técnicas proporcionam. Além disso, o praticante da UFBA percebe que essa boa recepção para com os praticantes de Danças Urbanas não se restringe à instituição, mas se estende à cidade de Salvador. Um estudante da UFRGS, afirma que “as Danças Urbanas sempre foram muito bem recebidas no meu curso. Apesar de não haver nenhum professor da área, os demais incluem, da maneira que podem, as Danças Urbanas nos debates e conteúdos de suas disciplinas”. Em alguns cursos a recepção é muito boa, despertando o interesse de professores

e alunos para esse novo tipo de dança que adentra esse espaço, possibilitando um ambiente mais propício para os praticantes. Ainda que não haja professor específico, é possível que o curso seja aberto a essa prática, pois como relatos anteriores apontam as conexões podem se dar em diferentes tipos de disciplinas.

Um estudante da UFRJ percebe que “existem ambos os lados, professores que querem fazer você abandonar esse tipo de movimentação e aderir a outros conceitos e os professores, que são bem poucos, que se maravilham com a movimentação das danças urbanas e te fazem seguir em frente” (UFRJ). Em um curso pode haver docentes que apoiam as Danças Urbanas e estimulam que os alunos a desenvolvam dentro e fora do curso; e outros que não. Dessa forma, em uma mesma graduação pode haver percepções diferentes sobre a recepção de acordo com cada professor e cada estudante.

Na UFG, “somos bem recebidos pelos professores coordenadores e etc, entre os colegas as vezes existe um preconceito sim por não acharem que seja uma dança digna do ambiente acadêmico (...)”. Por vezes há um pensamento de que a graduação em Dança é um espaço de formação apenas para determinadas técnicas de dança, dessa forma algumas pessoas desmerecem as Danças Urbanas por acreditarem que elas não deveriam estar naquele espaço. Também é importante considerar que o curso não é formado apenas por docentes, mas também por discentes, técnicos e demais servidores, assim a discriminação pode vir de diferentes pessoas.

Um estudante da UFRN afirma que já sofreu preconceito “por ter o jeito urbano de ser, mais emponderado, e por esse motivo sempre discutir de forma sadia com os doutores, para eles era estranhos pois os demais alunos sempre ouviam e se conformavam, nunca questionavam o que eles falavam”. Alguns praticantes por já possuírem uma atuação consolidada na área sem a necessidade de uma formação superior, por vezes veem os professores de maneira horizontal e não como pessoas em um nível hierárquico superior. Desse modo, se sentem à vontade para questionar e debater no mesmo nível que os professores, algo que talvez não seja comum para os demais estudantes, bem como para os professores.

Como Paulo Freire (1996, p.15) afirma: “Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos.” Assim, a curiosidade é o principal elemento para a criatividade do estudante, movendo-o na busca pelo conhecimento. Considero que os questionamentos são sempre frutíferos, pois oportunizam que repensemos nossas opiniões e ideias preconcebidas. Os professores deveriam ver de modo positivo o engajamento e

interesse dos praticantes no estudo, pois “a autoridade coerentemente democrática está convicta de que a disciplina verdadeira não existe na estagnação, no silêncio dos silenciados, mas no alvoreço dos inquietos, na dúvida que instiga, na esperança que desperta.” (FREIRE, 1996, p. 36). É no interesse, na curiosidade e na busca incessante pelo saber que os conhecimentos se constroem.

Um estudante da UFPel relata sua experiência:

Não houve diferenciação por ser ou não das Danças Urbanas com relação a receptividade. Mas houve alguns casos ao decorrer do curso referente aos professores e especificamente a professora titular da disciplina de "Laboratório de Danças Urbanas" que demonstraram certa petulância e uma pitada de desconforto por ministrarem uma disciplina ao qual um "mero aluno" teria mais conhecimento e vivência na área, e eles, por sua vez, adotaram uma postura de "detentores do saber" e uma abordagem de quem valoriza apenas o conteúdo publicado, como se dissessem "se está no livro, então é verdade" e o saber popular que permeia o cenário das Danças Urbanas que ainda não foi escrito/publicado academicamente, não tem a mesma legitimidade na opinião dos mesmos. Ainda mais quando vindo de um "aluno", mesmo que este seja da área e tenha vivência/experiência a mais tempo do que eles lecionam.

Até então, essa instituição é a única que possui uma disciplina específica de Danças Urbanas, algo positivo, pois demonstra o interesse dos estudantes e do corpo docente por essa dança. Contudo, ao se considerar que apenas recentemente os praticantes têm ingressado no ensino superior, independentemente do curso, haverá poucos ou quase nenhum praticante com qualificação necessária para assumir esse cargo, fazendo com que pessoas com outros tipos de técnicas assumam a condução da disciplina. Além disso, há uma problemática que é a imposição da superioridade do professor sobre os alunos, apontando como válido apenas os conhecimentos publicados, algo contraditório para técnicas de dança que se veem presentes nesse espaço de formação há poucos anos. Assim, ainda não houve tempo suficiente para que os praticantes possam pesquisar e publicar sobre Danças Urbanas. A inclusão de uma disciplina específica de Danças Urbanas é algo positivo para a *classe*, porém devido à recente adesão dos praticantes ao ambiente acadêmico, talvez existam poucos profissionais qualificados para assumirem o cargo.

Em outro caso:

Eu não passei por nenhuma experiência de preconceito direto, mas sentia dificuldade nas disciplinas de criação (mais especificamente) pois boa parte dos professores não entendiam os códigos de movimentos das danças urbanas e sempre tentavam enquadrar em uma estética mais próxima do universo da dança contemporânea acadêmica. Saliento que o que mais me incomodava neste período era o discurso de que os dançarinos urbanos deveriam se aproximar mais do universo acadêmico, mas não havia o

movimento dos docentes na perspectiva de conhecer a cultura Hip-Hop ou as Danças Urbanas. (ESTUDANTE, UFBA)

O pensamento de que as Danças Urbanas devem se aproximar do conteúdo do curso sem o movimento dos professores em conhecerem a cultura urbana dificulta a concretização do diálogo. Não que os professores precisem dominar esse conteúdo, mas saberem que se trata de um conjunto de técnicas ligadas à Cultura Hip Hop já pode ajudar a criar uma proximidade entre o fazer dos alunos com o curso, as disciplinas e os professores.

O próximo relato apresenta uma série de acontecimentos discriminatórios sofridos por uma estudante da Unicamp.

Vestimenta, músicas, movimentações, teorias, tudo que fosse relacionado à danças urbanas era vetado, ou era gentilmente modificado com orientações como: abaixe seu tônus, use menos força, faça as coisas mais leves, mais fluidos. As indicações sempre levavam as características das danças urbanas a sumirem e virarem um contemporâneo comum que se apropria de uma dança existente. Em uma aula ao questionar sobre essas coisas eu ouvi a professora dizer para mim na frente de todos: essa universidade é para contemporâneo, se você não quer dançar isso para que você está aqui? Fico me perguntando, eu não entrei num curso de DANÇA?!?!?! Meu solo do TCC era de danças urbanas e foi vetado 1 dia antes da apresentação pela mesma professora. Em uma apresentação no 2º ano da faculdade, além de ter meu solo totalmente alterado para um contemporâneo que se apropria de danças urbanas, e não de danças urbanas que se apropria do contemporâneo, eu tive que tirar o tênis para me apresentar, porque a estética não era boa. (ESTUDANTE, UNICAMP)

A estudante relata uma série de situações discriminatórias que sofreu ao longo do curso. A afirmação dessa professora é completamente excludente ao dizer que pelo curso ser contemporâneo todas as outras danças estão excluídas desse espaço e se um praticante de Danças Urbanas deseja ocupar esse espaço, ele deve mudar seu tipo de dança. Parece haver um equívoco ao entender Dança Contemporânea como uma técnica de dança e não como um pensamento sobre dança. Se tratarmos a Dança Contemporânea como técnica ela passa a ser tão excludente quanto as demais. Ao considerarmos a Dança Contemporânea como um modo de abordagem da dança, qualquer dança pode se apropriar dela para criar. A partir do relato da estudante, é possível perceber que ela teve várias tentativas de trazer as Danças Urbanas para o curso e criar diálogos entre os dois espaços, mas em suas tentativas seus trabalhos foram vetados e alterados.

Ações como a dos professores que vetam esses trabalhos, estimulam o pensamento de que as Danças Urbanas são danças inferiores às demais, pois como afirma um estudante da UFG, “o que mais sofri foi ter que escutar que o que eu fazia não era dança (ouvi isso de uma professora), que era dancinha de boate, que dançar é muito mais que aquilo. E que eu



precisava me dedicar a uma dança mais ‘elitizada’”. Nesse caso, há um menosprezo pelo tipo de dança dos praticantes e uma inferiorização em relação a outras danças que seriam realmente técnicas de dança as quais ele deveria se dedicar. Infelizmente, esse não é um caso isolado.

Logo que transferi o curso, fui convidada a dar uma palestra aos alunos sobre como é um curso de Dança na instituição pública, com isso me pediram para contar a minha história de dança, da qual as Danças Urbanas predominam na minha bagagem corporal. Com isso, fui provocada de forma preconceituosa de forma que as Danças Urbanas não poderiam ser consideradas como arte ou "dança de verdade", já que para a pessoa somente as danças elitistas europeias devem ser consideradas como uma dança que possui história. (ESTUDANTE, UAM)

Questionar a validade das Danças Urbanas enquanto técnicas de dança e enquanto arte é um dos preconceitos sofridos por estudantes em algumas instituições. Isso deslegitima a prática do estudante e o rebaixa perante seus colegas, essas atitudes criam um ambiente hostil para o praticante que deseja realizar uma formação superior.

Não é possível respeito aos educandos, à sua dignidade, a seu ser formando-se, à sua identidade fazendo-se, se não se levam em consideração as condições em que eles vêm existindo, se não se reconhece a importância dos “conhecimentos de experiência feitos” com que chegam à escola. O respeito devido à dignidade do educando não me permite subestimar, pior ainda, zombar do saber que ele traz consigo para a escola.” (FREIRE, 1996, p. 26).

A ideia de Freire apresentada no contexto da escola pode também ser aplicada ao contexto do ensino superior em que a relação educador e educando se mantém. Como o autor afirma, é preciso respeitar e sobretudo reconhecer a importância dos conhecimentos e experiências que o educando já possui. Ao considerar que todos os conhecimentos são válidos, e que nenhum saber é superior ao outro, não há como desprezar os conhecimentos que o educando possui, pois eles são tão importantes quanto os do professor.

Um outro tipo de discriminação que ocorre é descrito por um estudante do IFB:

Em algumas disciplinas práticas os professores relacionam a falta de flexibilidade dos alunos a esse estilo de dança, e isso chateia alguns, pois se sentem expostos de maneira indevida. Outra questão corriqueira é o fato dos professores nos incentivarem a “sair da caixa”, a até mesmo a negar o que já aprendemos durante nossa vivência na dança em prol do novo que está sendo aprendido. (ESTUDANTE, IFB).

Quando um professor relaciona a falta de flexibilidade à prática de Danças Urbanas, ele expõe os alunos de modo indevido diante de seus colegas, novamente inferiorizando esta prática. Para execução de que tipo de dança é necessário flexibilidade? Que tipo de flexibilidade? Possuir flexibilidade é algo fundamental para se graduar em Dança? Vejo esse pensamento como no mínimo preconceituoso e seletivo. As Danças Urbanas também exigem

flexibilidade, talvez não seja a mesma que outros tipos de dança exigem, mas porque isso a faz menor? Os relatos que denunciam preconceitos evidenciam a ideia de que apenas praticantes de determinados tipos de dança devem se graduar e/ou procurar essa formação.

Além disso, existe uma tendência em induzir que o estudante saia da zona de conforto assim, “alguns professores dizem que estou na nossa zona de conforto quando tento introduzir as experiências que tenho na dança urbana nos trabalhos. Mesmo não estando nada confortável.” (ESTUDANTE, UFRJ). Há um pensamento de que ao trazer as vivências para a sala de aula, o praticante está apenas fazendo o que já faz de modo confortável; contudo, dançar Danças Urbanas em um espaço que se demonstra restrito à determinados modos de dançar pode ser bastante desconfortável. É preciso ponderar os relatos considerando que às vezes os professores dizem isso com o intuito de estimular que os praticantes busquem outros caminhos para além dos que já estão habituados a seguir. Contudo, depende muito do modo como esses estímulos são propostos, pois eles podem incentivar que os estudantes busquem novas possibilidades, mas também podem gerar uma sensação de que precisam negar as informações corporais que possuem para assimilar o novo.

Muitos achavam que quando elaborava uma pesquisa que tivesse tal linguagem, que estava fazendo isso por ser cômodo ou como eles sempre diziam “Zona de conforto”, porém para um adepto das DU estar em uma faculdade pesquisando e reafirmando a sua identidade já é sair da Zona de conforto. (ESTUDANTE, UFRJ).

Fazer Danças Urbanas em uma graduação não é estar em sua “zona de conforto”, porque é um ambiente muito diferente dessa prática, com códigos e linguagens estranhas à maioria dos praticantes. Contudo, apenas reproduzir dentro da universidade o que já se faz fora não é dialogar com o curso e para isso não é necessário estar em uma formação superior. Desse modo, caso o praticante deseje, ele deverá trazer suas referências, mas também estar aberto às propostas do curso e encontrar possibilidades de relacioná-las.

Muitas vezes,

(...) a questão de ser da “Rua” já lhe coloca no lugar pejorativo e assim o julgamento se faz a critério de cada um acham um lugar de menos valia... É reflete como menos capaz e por aí vai... Não entendem que vindo de periferia a dificuldade para fazer a graduação grita pelo abismo Social em que vivemos. (ESTUDANTE, UFRJ)

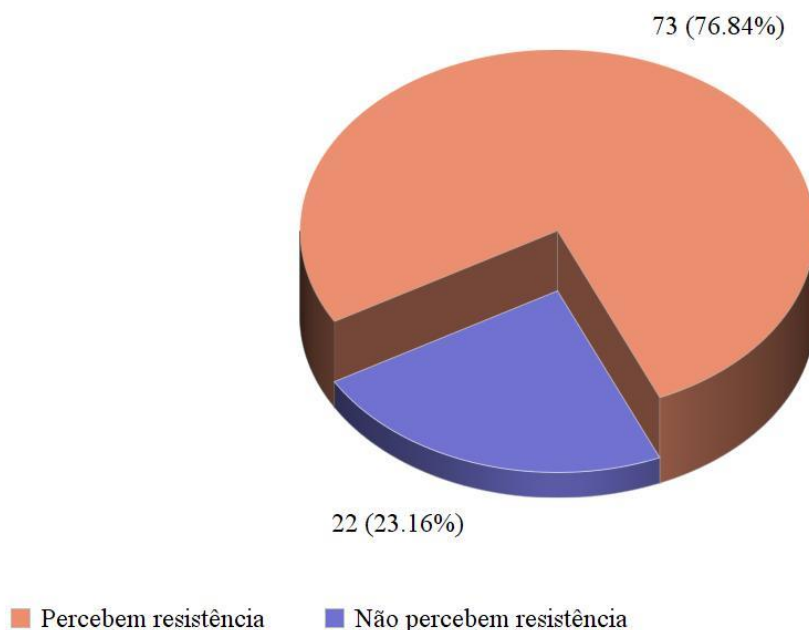
Trago este último relato para fechar a discussão sobre o preconceito e a discriminação com uma informação crucial sobre o praticante: para muitos que vem da periferia realizar uma graduação em Dança é algo extremamente complexo. Como apresentado no capítulo anterior, 22% dos praticantes mapeados possui baixa renda e depende da assistência estudantil para se

manter no curso. O ingresso na formação superior no Brasil ainda é limitado e existem inúmeros entraves para que estudantes de origem periférica ingressem no ensino superior, permaneçam e concluam sua formação. Por vezes, os professores menosprezam a vivência dos estudantes sem considerar os inúmeros desafios cotidianos pelos quais eles passam para se graduar em Dança. Como discutido anteriormente, a aquisição de capital simbólico está diretamente ligada ao capital econômico que o agente possui, assim agentes com menor poder aquisitivo possuem menores chances de ampliar seu capital simbólico.

Considero esses relatos fundamentais para expor diferentes percepções sobre os modos de recepção do praticante. Casos em que os cursos se demonstram abertos à prática e buscam inseri-la cada vez mais nas atividades curriculares e extracurriculares, e casos em que há discriminação e inferiorização dessa prática de dança perante outras. Ser um praticante de Danças Urbanas e estar em uma graduação que rejeita o seu tipo de prática, sendo forçado a se enquadrar, para permanecer naquele espaço, é bastante desafiador. Há que se comemorar os professores que estimulam os estudantes a trazer suas vivências para dentro da sala de aula, independentemente do tipo, e questionar os professores que se aproveitam de sua posição para impor regras e hierarquias entre as danças.

Algumas pessoas se posicionam contrárias à entrada das Danças Urbanas na universidade com a justificativa de que isso poderá acabar com a Cultura Hip Hop. Percebo essa resistência em meu contexto e por isso considere relevante questionar se isso também ocorre em outros locais. Assim, uma das questões pergunta se o praticante já sentiu algum tipo de resistência por parte dos praticantes do seu contexto em relação a sua entrada na universidade. O resultado das respostas segue no gráfico abaixo.

Gráfico 19 – Quantidade de praticantes de Danças Urbanas nas graduações em Dança no Brasil de 2007 a 2017 que percebem que os praticantes de fora da graduação expressam resistência à entrada das Danças Urbanas na universidade.



Fonte: a autora.

Como é possível observar no gráfico, 73 praticantes já sentiram algum tipo de resistência de seus colegas devido à entrada na graduação em Dança, e 22, afirmam que não, pelo contrário, tiveram apoio de seus colegas para realizar uma formação superior em Dança. Um exemplo desse apoio é observado no relato de Silva (IFB), que percebe em seu contexto “um interesse mútuo entre os amigos”, o mesmo ocorre com Nascimento (UFES), que não sentiu “nenhuma resistência, acharam muito legal eu ter entrado na universidade para estudar Dança”. Contudo, a grande maioria dos estudantes percebe que os praticantes de seu contexto sentem algum tipo de resistência em relação à entrada das Danças Urbanas em graduações em Dança. Uma das razões pela qual isso ocorre é devido ao desconhecimento do que é um curso superior em Dança.

Por acreditarem que a Dança que se faz dentro da faculdade não é a mesma que se faz na rua/studios de Dança; Por não ser a raiz que as Danças Urbanas tem, por acharem que não vale a pena, por acharem que não é verdade o que se faz dentro da faculdade e por não compreenderem o que está sendo feito lá dentro. (GIEHL, UNESPAR).

O desconhecimento sobre o que é uma graduação em Dança e o que é ensinado nesse ambiente formativo favorece uma visão equivocada sobre essa formação. Os tipos de dança ensinados nas disciplinas práticas do curso também motivam essa resistência, pois os

praticantes “as vezes tem um pensamento pequeno que o curso seja voltado para danças clássicas” (Venâncio, UFU) e por isso não se interessam. Além disso, “muitos temiam entrar na escola de dança por acreditar que seriam persuadidos a praticar dança contemporânea e parar de dançar as danças urbanas” (SILVA, UFBA).

Em outros casos, conhecer o curso pode ser uma razão para a resistência. Às vezes, os praticantes

(...) se interessam, gostariam de fazer e tem curiosidade e empolgação sobre o assunto. Porém, quando descobrem como se dá o curso e qual tratamento que a danças urbanas, como inúmeras outras, recebem na graduação, desistem, acham um absurdo e sentem-se indignados. Optam por educação física. (PEREGO, Unicamp).

Desse modo, o perfil do curso, os tipos de disciplinas ofertadas e como as diferentes práticas de dança são tratadas no curso são aspectos que influenciam no interesse por esse espaço formativo. Graduações que possuem práticas muito diferentes das Danças Urbanas tendem a ser menos interessantes para os praticantes, influenciando na opção por uma formação superior em outro curso. Assim, “(...) talvez a resistência maior seja optar em cursar Ed. Física para trabalhar com a dança mesmo existindo um curso específico da área na região” (DUARTE, UFPel). Essa escolha talvez se dê, pois, ao optar pela Educação Física, o praticante terá mais possibilidades de atuação no mercado devido ao curso abranger atividades físicas e esportivas, porém os conhecimentos sobre dança se restringem apenas à disciplinas pontuais. Dessa forma, o praticante poderá atuar em um mercado mais amplo, porém terá construído poucos conhecimentos sobre sua principal área de interesse, a dança.

Outro aspecto mencionado como desestimulador é o fato de o curso não explorar “a técnica das danças urbanas e com isso se torna menos atrativa ao praticante da mesma, que não conseguirá continuar praticando-a com a mesma intensidade quanto antes da faculdade (eu não consegui)” (FARIAS, Unicamp). Isso pode ser um problema para dançarinos que precisam praticar com grande frequência devido às competições e apresentações. Assim, existe um receio de que “para estudar terei de parar de dançar’ e nessa idéia ninguém queria” (SCHMIDT, UFG), além de existir “uma visão de que a entrada na universidade ‘congela’ um pouco o dançarino” (FALCÃO, UFPE). Os relatos apontam um pensamento de que a entrada na graduação atrapalhará a prática de Danças Urbanas, de que estudar e dançar são coisas excludentes. Assim, é importante que o praticante tenha clareza sobre seus objetivos para conciliar a faculdade com sua prática, ou optar pelo que é mais pertinente.

Além da graduação exigir muita dedicação, ela é uma formação longa, desmotivando ainda mais alguns praticantes, pois eles:

Não pensam que a faculdade irá somar com o "Viver" a Dança, refletir os fazeres e as perspectivas, mas penso que isso é do imediatismo em que vivemos querem o resultado pra ontem e fazer 4 a 5 Anos de faculdade é perder tempo, prefere se dançar o hj, o agora, o sinal, o Trem, a Rua mas não conseguem enxergar que podem acessar os teatros e demais espaços e ocupá-los, consumir agora, dançar o agora! (SANTOS, UFRJ).

Como o estudante diz, a maioria dos praticantes desejam resultados a curto prazo, algo que a graduação não oferece, pois são vários anos de formação, justamente para se ter resultados mais consistentes. Também devido ao desconhecimento sobre o que é uma graduação em Dança os praticantes não conseguem ter uma visão a longo prazo sobre as inúmeras contribuições que terão em uma formação como essa. O desejo é de apenas dançar, com isso muitos não querem ler, estudar e dedicar tempo em outras atividades que também serão agregadas a sua dança. Há um pensamento de que se deve apenas treinar e todo o resto atrapalha o desenvolvimento técnico, se não há uma conexão explícita e direta muitos praticantes consideram uma perda de tempo.

É preciso considerar que no curso o estudante entrará em contato com outras informações teóricas e práticas sobre dança que demandarão dedicação. Isso não significa que não esteja aprendendo sobre Danças Urbanas por não estar praticando-a, é preciso lembrar que existem inúmeros modos de se fazer dança. Se trata de uma dedicação durante um período na busca por sua qualificação para posteriormente melhorar sua atuação como profissional no campo. É preciso considerar que apenas praticar Danças Urbanas não quer dizer que alguém fará disso sua profissão, são necessárias outras competências para essa atuação, competências essas que poderão ser adquiridas na graduação, que inclusive já foram mencionadas em diversos relatos.

Outro aspecto a se considerar é que:

Dentro da universidade se nao for estabelecido de forma pessoal uma conexao entre a vivencia, e todo o mundo academico e os conceitos do curso, isso dificultara ainda mais a instiga das pessoas de danças urbanas para ingressarem na faculdade. Alem do fator economico, posso dizer por experiencia propria que a conexao entre vida e curso, universidad, e o fator principal para a resitencia dos dançarinos urbanos ingressarem na universidade. (SILVA, UFPB).

Como Silva aponta, é importante buscar uma relação entre a vida pessoal e a universidade para que seja possível se conectar com esse novo ambiente. Como afirmado anteriormente esse é um espaço oposto a prática periférica, dessa forma o praticante pode não se reconhecer nesse espaço, dificultando ainda mais a sua permanência. Além disso, nem todo praticante pode se dedicar a uma graduação, isso se agrava com a necessidade de uma

remuneração fixa para se sustentar. Ainda que atualmente existam programas de cotas para ingresso e bolsas assistenciais, elas podem não ser suficientes para manter o estudante na instituição até a conclusão de sua formação. Como apontado no gráfico 10 (página 39), 22% dos praticantes mapeados nesta pesquisa possuem bolsa de assistência estudantil, demonstrando que são de baixa renda e que o fator econômico pode ser um impedimento para que mais praticantes busquem essa formação. Pois, ele poderá ter dificuldades em conciliar sua vida com os estudos, permanecendo muitas vezes no que ele já tem experiência do que em um novo ambiente. Novamente, a aquisição de capital simbólico se vê atrelada ao capital econômico do agente.

Outro aspecto citado é a incerteza em relação ao retorno financeiro de se trabalhar com dança, pois “(...)muitos questionam o futuro logo após a graduação, em relação a renda como profissional atuante na área de dança” (COSTA, UFU) e “falam que por eu fazer faculdade de dança vou ser pobre” (SANTOS, UFRJ). Esse receio possui fundamento, pois, como foi apontado anteriormente o mercado de trabalho em dança ainda está em processo de construção e muitos profissionais trabalham na informalidade. Contudo, como apontado nos relatos a busca pela formação superior em Dança tem também como com o objetivo ampliar as qualificações do agente e dessa forma, a possibilidade de atuar em funções para além das que atua.

Alguns praticantes não veem “a necessidade da universidade já que a dança de rua não é ensinada lá dentro, questionam o mercado de trabalho como que para trabalhar em escola de dança não precisa necessariamente de um certificado, e que vou empobrecer em termos das práticas urbanas” (SIMÕES, UFRJ) até porque “(...)se quisessem dançar, não precisavam passar pela graduação” (MAGNESI, Unicamp). Por não saberem o que se aprende em uma graduação e não precisarem dessa formação para atuar com Danças Urbanas nos espaços informais alguns praticantes julgam que no curso não há nenhum conhecimento que lhes será útil, pois eles já atuam com o que desejam sem a necessidade dessa formação.

Assim,

A maioria não pensa em fazer faculdade, principalmente de dança. Um dos motivos é que a maioria quer prática e a licenciatura não traz esse tipo de prática, ela é mais voltada ao cuidado com o corpo e sua construção social e política. Um outro motivo é que a dança é muito pouco valorizada. Se em "nenhum " projeto ou academia é necessário a formação acadêmica em dança para dar aula por quê fazer? (MARTINS, UFMG).

De fato, se não há a necessidade de uma qualificação para dançar ou para dar aulas qual seria a necessidade dessa formação? Na última parte deste capítulo apresento os relatos

dos estudantes sobre as diversas formas pelas quais a graduação em Dança contribuiu para a formação do praticante de Danças Urbanas. Além disso, não precisar de um diploma para atuar em uma função não quer dizer que se esteja apto para executá-la. Não é preciso ser licenciado para o ensino em espaços informais, já em espaços formais esse é um pré-requisito. Também é importante lembrar que a graduação não se trata apenas de um diploma, todos os estudantes que cumprirem com os requisitos do curso obterão um diploma ao concluí-lo, porém as experiências que cada um vive durante sua formação são únicas.

O medo de não ser aceito no novo ambiente também é um dos motivos de resistência dos praticantes, como exemplo, “já ouvi relatos de pessoas que diziam ter receio de não ser aceitos e que acreditavam não ser necessário, ou até mesmo apropriado, ter formação acadêmica para trabalhar com Danças Urbanas” (WALTHER, UFRGS). Alguns praticantes não veem a universidade como um espaço deles, “(...) como se nao merecessem a universidade, ou mesmo desvalorizarem a universidade como um lugar que nao possa ser deles tambem. Um espaço dos selecionados. O que realmente é” (LEITE, Unicamp). Esse receio em não ser aceito se transforma em preconceito que estimula opiniões como a de que não é apropriado para um praticante se formar em Dança. Isso reforça o pensamento de que a universidade é um espaço apenas para determinados tipos de práticas e pessoas, contudo se não ocuparmos esse espaço como nosso por direito ele permanecerá formando apenas pessoas da elite.

A resistência em relação à graduação em Dança pode se apresentar em discriminação com os praticantes que escolheram esse caminho formativo. De tal modo, “as vezes me aparenta que por estar na universidade a minha vivência de rua é meio que menosprezada por praticantes que n estão na universidade” (VALENÇA, UFPB), “é como se a gente tivesse se rendido sabe? Se divide entre os "undergrounds" e os "universitários" sendo que o que pesquisamos é pra fortalecer pra ocupar espaços que merece ser ocupados (...)” (SILVA, UFPB). Como se ao ingressar na faculdade sua prática perdesse a validade perante os praticantes de seu contexto. Isso promove uma segregação entre praticantes que estão cursando Dança e praticantes contrários à essa inserção que não percebem a possibilidade de fortalecimento do campo a partir da formação e qualificação de seus agentes.

Quando questionado sobre perceber preconceito em seus colegas de fora da graduação, Magalhães (UFG) responde:

Sim, em relação a mudança da minha didática e/ou tratamento em relação às situações de dança. Pela crítica sobre os "porque&praquês" ter sido uma crescente em relação ao cenário de dança em que me envolvo, a fala foi de que eu estaria ficando "metido", "virou playboy", "tá chato"... O incômodo e



o olhar como se por estar tentando entender os sistemas de dança, a culpa pelo elitismo envolvido no sistema acabou sendo atribuída também a minha figura, ainda que minimamente.

A ideia de que a universidade é um espaço da elite é tão presente que até quem deseja estar nesse espaço passa a ser criticado e questionado pela sua escolha. Assim, buscar uma formação superior torna-se muitas vezes sinônimo de se render, se elitizar e perder o contato com o que é periférico e marginal. Contudo, muitos dos praticantes estão lá justamente para levar a periferia para esse espaço, realizando apresentações, batalhas, eventos, pesquisas, trazendo as Danças Urbanas para esse espaço.

O preconceito às vezes se apresenta:

Menosprezando o que eu digo sobre a Dança em que fazemos, quando criamos um trabalho que dramaturgicamente esta incoerente e tento alerla-los ha um ar de deboche como se eu quisesse ser o intelectual da dança. Quando me apresento e digo que faço uma graduação em Dança em uma Universidade ha um incomodo, todXs ficam medindo as palavras para falar de dança achando que eu vou corrigi-lXs ou que eu sei mais que alguém, ou até mesmo a cobrança de eu ter que saber tudo sobre dança por estar no ensino superior. (RODRIGUES, UFU).

Ao entrar na graduação seu conhecimento se amplia e com isso há a impressão de que a pessoa sabe mais, não quer dizer que seja melhor ou pior, apenas que há coisas que são aprendidas apenas na graduação justamente por ela ser uma formação aprofundada e específica. Não quer dizer que esse conhecimento seja superior, quer dizer que a pessoa está estudando e se aprofundando naquele assunto. Assim, como os estudantes apontam em seus relatos a busca pela graduação tem o intuito de ampliar seus conhecimentos, levando as Danças Urbanas para dentro da universidade e trazendo os conteúdos do curso para o seu contexto.

Uma das falas mais recorrentes para justificar o preconceito é a de que as Danças Urbanas são da “rua” e por isso o ambiente elitizado da universidade nada tem a agregar. Desse modo, “alguns praticantes, professores de estúdios, e principalmente os B-Boys sempre nos dizem que o Hip-hop é da rua e que é perda de tempo e desnecessário fazer uma graduação em dança” (SILVEIRA, UERGS), “pois a maior delas é a rua, da onde a cultura Hip Hop surgiu” (NUNES, UFRJ). Esse pensamento “(...) influencia comentários locais do tipo ‘hip-hop vai nascer e morrer na rua’” (RIBEIRO, UFC). A ideia de que as Danças Urbanas são da rua e devem permanecer nela é um modo limitado de compreender essa dança, pois ela pode ocupar inúmeros espaços para além dos lugares onde suas técnicas surgiram.

A entrada de praticantes nos cursos auxilia na quebra dessa resistência, pois “(...) depois que expliquei o que fazia lá eles começaram a ter novos olhares principalmente depois que começaram a ir e assistir os trabalhos na universidade” (SILVA, UFRN). Assim, ao verem os trabalhos, os praticantes podem se aproximar do curso e conhecer esse espaço de formação.

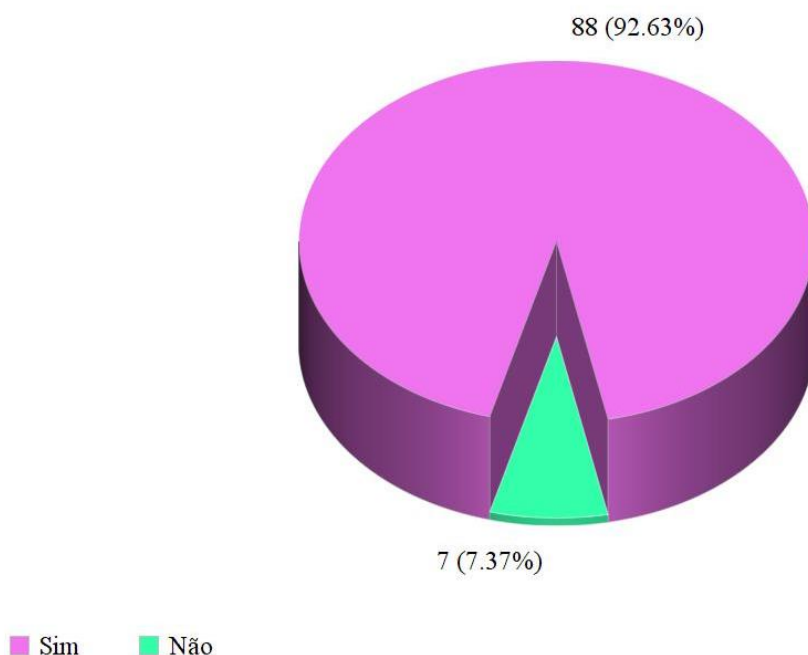
Esta visão de parte dos praticantes demonstra uma resistência aos praticantes que buscam aprimorar seu capital simbólico. Pois, os praticantes que buscam esse meio de formação adquirem um tipo de capital específico e de forma mais rápida, assim eles poderão alterar as hierarquias do campo e a forma como as relações se estabelecem. Isso pode ser um risco para praticantes que desejam manter as posições da mesma forma e talvez essa possa ser uma das causas dessa resistência.

Percebe-se que esse cenário vem se alterando e muitos praticantes têm considerado a graduação como uma possibilidade de formação para o praticante. Como o preconceito surge primeiramente devido a um desconhecimento sobre o que é uma graduação em Dança, o importante é informar os praticantes, apontando os aspectos positivos e negativos dessa inserção, pois sua escolha em realizar ou não essa formação será a partir da realidade e não a partir de ideias preconcebidas. Ainda que os questionamentos sobre essa formação sejam válidos ela auxiliará na consolidação do campo por meio da ampliação do capital simbólico dos agentes.

### **3.4 Como a graduação em Dança pode contribuir para a formação de praticantes de Danças Urbanas**

O problema central dessa pesquisa é observar de que maneira tem ocorrido a formação de praticantes de Danças Urbanas em cursos de graduação em Dança no Brasil. Assim, busca-se compreender se a graduação em Dança contribui ou não para a formação específica de praticantes de Danças Urbanas. Apesar de muitos dos relatos apontarem para esta questão, essa foi uma pergunta específica do questionário aplicado: “na sua opinião, a graduação em Dança contribui ou não contribuiu para a sua formação profissional em Danças Urbanas? Se sim, de que maneira? Se não, por quê?” Considero relevante essa pergunta ser específica pois, apesar de parecer óbvia a contribuição, afinal é uma formação em dança, é importante compreender se os praticantes percebem essa contribuição específica. A partir dos dados é possível afirmar que sim, como é possível observar no gráfico abaixo.

Gráfico 20 – Percepção da contribuição da graduação em Dança para praticantes de Danças Urbanas nas graduações em Dança no Brasil de 2007 a 2017.



Fonte: a autora.

A grande maioria dos estudantes, 88, afirma que a graduação em Dança contribui para a formação do praticante de Danças Urbanas. Entretanto, 7 pessoas afirmam que a graduação não contribui, pois “eu já estava envolvido com as danças urbanas antes da graduação” (DIAS, UFG); desse modo a “minha vivência colaborou para minha formação e informação” (SILVA, UFPB) e também “porque essa é umas das técnicas de dança que não possui disciplina dentro do curso. Então não tive nenhum contato com a mesma dentro da Universidade” (ABREU, UFG). Devido ao fato de não haverem disciplinas específicas de Danças Urbanas nos cursos desses estudantes e pelo conhecimento que possuem ser anterior à essa formação, esses praticantes não veem contribuição da graduação em Dança para sua formação profissional em Danças Urbanas.

Uma estudante afirma que o curso não contribui especificamente para as Danças Urbanas, entretanto afirma que “(...) a graduação em dança me fez olhar de uma maneira melhor para os caminhos que podemos seguir em relação a profissão, e não só para as danças urbanas, mas para todos os estilos de dança que temos” (SANTOS, UFU). No mesmo sentido, outra estudante afirma: “acredito que a graduação contribui numa formação como profissional, porém não especificamente em nenhum tipo de Dança” (ALBUQUERQUE, UESB). Como os relatos consideram que a graduação contribui para a formação do profissional de dança, independentemente do tipo, é possível afirmar que ela também

contribui para o praticante de Danças Urbanas. Pois os relatos demonstram que a graduação contribui para a formação profissional em dança sem ser em alguma técnica específica.

Para Costa (UFU), o curso contribui

De várias maneiras, porém acho que a mais marcante é consciência corporal e o cuidado com corpo para evitar lesões, pois nas danças urbanas vejo a importância de profissionalização dos praticantes para que se desenvolvam metodologias de ensino para a conscientização das movimentações de forma que os próprios dançarinos aprendam a respeitar os limites do seu corpo.

O relato acima aponta o processo de tomada de consciência do próprio corpo por parte do estudante como a principal contribuição da graduação. Esse é um aspecto fundamental justamente pelo modo como as Danças Urbanas foram e ainda são disseminadas, por meio do autodidatismo ou por pessoas que não possuem um conhecimento aprofundado sobre o próprio corpo. É muito comum em muitas técnicas de Danças Urbanas os praticantes se machucarem para conseguirem realizar determinado movimento.

É sabido que as lesões causadas pela prática das Danças Urbanas são frequentes e que sua gravidade varia conforme o estilo praticado; o conhecimento e o entendimento das estruturas corporais desenvolvido durante um curso de graduação auxiliam os praticantes da área a prevenir tais lesões e incentiva uma prática mais consciente e saudável. (WALTHER, UFRGS).

Devido à informalidade do mercado de trabalho e o fato de não ser necessário nenhum tipo de qualificação para ministrar aulas de Danças Urbanas muitas pessoas não têm consciência da responsabilidade que é o ensino de dança e acabam por lesionar outras por falta de conhecimento específico. Assim, muitas vezes pessoas que não tem conhecimento profissional e não estão aptas para lecionar atuam nessas funções provocando lesões em seus alunos, por isso a importância de se obter formação adequada para dar aulas de dança. Algo também comum é o aprendizado autodidata, sem o auxílio de um professor e sem metodologias específicas, nesses casos os riscos de lesões são ainda mais altos, assim cabe ao praticante conhecer o próprio corpo e compreender seus limites. A consciência sobre o próprio corpo auxilia não só na prevenção de lesões, mas agiliza o processo de aprendizagem do praticante que conhece seu corpo e sabe como treinar de modo consciente de acordo com seus objetivos.

Um dos aspectos em que a formação mais contribui, de acordo com os praticantes, é na descoberta de novas possibilidades como profissional de dança. Para Nunes (UFRJ), a graduação contribuiu “para me tornar uma profissional melhor, achar meu caminho e conhecer diferentes técnicas e pontos de vista que agregaram muito na minha dança”. Para

essa estudante a graduação veio como uma forma de qualificar a profissão que ela já exerce e com isso conhecer novos caminhos a seguir.

Essa formação pode ampliar a visão do praticante, fazendo com que ele passe “a enxergar coisas novas dentro da mesma dança com outros olhos, e isso é importante para a preservação e evolução da Dança, do meu corpo e do meu estudo” (GIEHL, UNESPAR). A graduação é considerada uma possibilidade de conhecer um mundo que vai para além do contexto em que o praticante vive, ampliando a visão que ele possui sobre dança, lhe apresentando novos saberes e conhecimentos. Além disso, a possibilidade de convivência com dançarinos de outras técnicas é uma experiência muito rica no sentido de ter a possibilidade de conhecer o universo do outro.

Ao entrar em contato com esse “novo” mundo, o praticante é estimulado a desenvolver um senso crítico em relação ao seu entorno, pois o curso “nos faz enxergar a dança sob novas óticas, e abre nossa mente para outros pontos de vista que nos fazem crescer muito, agrega demais ao nosso conhecimento. Nos faz sair do senso comum, nos torna mais críticos, nos faz ler e estudar a fundo os ‘porquês’” (POLONI, IFB). Além da possibilidade de

Explorar vários métodos, me conscientizando em outros aspectos e mantendo esse constante estado interrogatório, responsável por facilitar os processos de criação, repensar, questionar, etc. São outras possibilidades, mediados em um ambiente acadêmico, e por isso há inúmeras vantagens (PEREIRA, UFPE).

Ao ampliar a visão que o praticante tem sobre dança, o contexto da graduação incentiva que se desenvolva uma maior criticidade em relação ao mundo, pois ele percebe que os conhecimentos que possui são uma parcela da realidade e não a realidade por completo. Assim, o praticante cultiva um pensamento mais crítico em relação ao contexto em que está inserido, questionando, perguntando e duvidando sobre o que o cerca. Considero esse um dos maiores ganhos ao se realizar uma formação superior em Dança, pois a dúvida e o questionamento estimulam a curiosidade e a busca pelo conhecimento, como afirma Paulo Freire (1996). Assim, o estudante que estiver ativo em seu processo de formação e aproveitar o espaço do curso para buscar conhecimentos que sejam específicos de sua prática poderão auxiliar na consolidação do campo realizando pesquisas, reunindo pessoas, criando projetos etc.

É exatamente neste sentido que ensinar não se esgota no “tratamento” do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível. E essas condições implicam ou exigem a presença de educadores e de educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes. Faz parte das condições em que aprender criticamente é possível a pressuposição

por parte dos educandos de que o educador já teve ou continua tendo experiência da produção de certos saberes e que estes não podem a eles, os educandos, ser simplesmente transferidos. Pelo contrário, nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. (FREIRE, 1996, p. 13).

Assim, é fundamental que o estudante se mantenha ativo em seu processo de formação e busque aprender criticamente, não apenas aguardando que o professor transfira o conhecimento para ele. No decorrer do processo de aprendizagem o educando vai se transformando a partir das experiências que adquire nesse espaço de formação. Dessa forma, o processo de aprendizagem não depende apenas do professor, mas principalmente do estado ativo e interrogatório do estudante, em sua vontade incessante de aprender cada vez mais, pois são os questionamentos e as dúvidas que o movem na busca pelo conhecimento.

O interesse pela pesquisa e a oportunidade de desenvolvimento de determinado estudo também são aspectos que contribuem para a formação dos praticantes. Por exemplo, “a pesquisa histórica é de grande valia para que a prática das Danças Urbanas não perca seu fundamento e o meio acadêmico incentiva que tais pesquisas sejam feitas com seriedade e qualidade” (WALTHER, UFRGS). A pesquisa em Danças Urbanas é bastante recente, por isso existem poucos materiais sobre sua história, menos ainda no Brasil, por isso a importância de seu registro.

Alguns relatos apontam que a graduação contribuiu não só em um aspecto, mas em vários. Desse modo, essa formação

Tem me trazido muitas questões e as discussões sobre a arte em geral me fez entender um pouco mais sobre os contextos sociais e histórico das danças urbanas. As aulas práticas ajudam a enxergar possibilidades de criação coreográfica e inclusive de sequências para minha própria dança, além de ajudar a criar aulas de distintas formas. (VALENÇA, UFPB).

O curso de Dança auxiliou essa estudante a compreender o contexto no qual as Danças Urbanas estão inseridas, forneceu ferramentas para sua atuação docente, além de ampliar sua visão para os diversos modos de se criar dança. Assim, durante seu percurso formativo, a estudante entrou em contato com diversos tipos de conhecimento que auxiliaram sua prática específica em vários aspectos. No mesmo sentido, essa formação

Me deu mais opções de administrar melhor as minhas turmas, novas didáticas, descobrir novos métodos, desperta uma nova ótica para com os educandos nas escolas. Me faz ser mais pesquisador sobre determinados assuntos. Me apresentou muitos pesquisadores e pensadores em dança que contribuem bastante. Me deu um leque de possibilidades para com a minha dança, que rumos posso tomar e aonde posso levar minha arte. (SILVA, UFRN).

Semelhante ao relato anterior, esse estudante também entrou em contato com ferramentas metodológicas que auxiliaram e modificaram seu trabalho como professor ampliando sua didática ao conhecer novas metodologias de ensino. Para ele, uma grande contribuição foi conhecer pessoas que são referências na dança, que talvez ele não conheceria se não estivesse nesse espaço. Conhecer as pessoas que criaram e desenvolveram a dança ao longo dos anos é fundamental para que se compreenda o percurso histórico que a dança teve até chegarmos nas dramaturgias e estéticas existentes atualmente. Conhecer referências é fundamental para entender a história e como as pessoas puderam criar movimentos, técnicas de dança, discussões e conceitos que criam e transformam a dança.

Para Silva (UFBA) a formação superior em dança ampliou suas possibilidades de atuação profissional em dança.

A graduação em dança contribuiu significativamente para o meu desenvolvimento profissional pois me instrumentalizou para a minha atuação e ampliou as minhas possibilidades de inserção no mercado cultural. Também contribuiu para que construísse uma prática mais consciente e me apresentou caminhos para que continuasse pesquisando e praticando com maior autonomia. Através dos conteúdos estudados e das oportunidades de intercâmbio com outras áreas de conhecimento foi possível que eu alcançasse estes resultados positivos, citados acima. A universidade não me ensinou nada sobre Danças Urbanas mas as relações que eu estabelecia entre os demais conhecimentos adquiridos foi o que agregou a minha formação enquanto profissional das danças urbanas.

Como a estudante relata, a formação em Dança contribuiu de diversos modos, desde a pesquisa, o intercâmbio com outras áreas até a qualificação de sua prática profissional. Além de se inserir no mercado ao ampliar seus caminhos profissionais a estudante pôde ter mais autonomia para escolher de que modo atuará profissionalmente. Ainda que o curso não tenha tratado especificamente sobre Danças Urbanas, a praticante utilizou os conteúdos do curso em sua prática específica.

Tavares (UFRJ) percebe que a formação superior em Dança,

Contribuiu para a ampliação do conhecimento. Mas ainda considero o diálogo com o espaço urbana no fazer em dança, a melhor forma de aprendizagem com as danças urbanas. Nem a graduação, nem mesmo uma escola de dança ou aulas regulares de alguma modalidade considerada danças urbanas DARÁ conta de formar...penso que a formação é contínua, e ela vai se dando no próprio habitar (como se habita) os espaços no compromisso com a dança, uma atitude para além de modalidades e estilos específicos, pré codificado como; "Isto é danças urbanas".

Como a estudante aponta a formação do praticante não se dá apenas na graduação em Dança ou em apenas determinado espaço, essa formação deve ser contínua e se dar em espaços específicos de acordo com o objetivo de cada praticante.

Em relação às Danças Urbanas na universidade, é preciso estar atento, pois:

Ainda sinto que a universidade dá um direcionamento de pensamento "dela". As linguagens estão sendo inseridas em abrangência por agora e precisamos também ficar atentos a não colonializações de pensamentos acadêmicos para desconstituir o meio. Também, são ambientes diferentes e devemos tratá-los diferentes também. Prefiro agregá-los, o que acarreta também na transformação da nossa dança, do nosso corpo, da nossa mente. A formação ela atua justamente no nosso fazer. Tive uma abrangência de conhecimento teórico e como pesquisador para as danças muito bacana. E a arte, as universidades artísticas são abertas. Estejamos nelas para promover nossas histórias. (MELO, UFBA).

Como o relato aponta, os espaços de formação são diferentes e é preciso compreender as especificidades de cada ambiente. É pertinente aproveitarmos o espaço da graduação para a formação do profissional de Danças Urbanas que tem se ampliado cada vez mais, buscando transformar esse espaço a partir de nossas práticas periféricas. A partir dos relatos percebe-se que é importante manter uma postura ativa nesse processo com o objetivo de ampliar os conhecimentos sobre Danças Urbanas e também levar esses conhecimentos para dentro do curso.

Rodrigues (Univercidade), ressalta:

Nenhuma dança deveria ser considerada menos ou mais apropriada para a universidade, da mesma forma que nenhuma dança deve se render passivamente aos endurecimentos que a academia pode trazer, tampouco somente se acomodar nas mitologias sedutoras das tradições populares. As danças de rua produzem tipos de conhecimentos (em formas e condições muito potentes) que não só podem como devem atravessar os sistemas e métodos acadêmicos, e vice-versa. A produção de conhecimentos, seja na associação de moradores do bairro ou na universidade, deveria ser sempre um processo dialógico e, como diálogo a noção contribuição depende do outro, do diferente.

Ao levar nossas práticas para a universidade, é preciso estar atento aos enrijecimentos que esse ambiente pode causar e buscar sempre o diálogo entre as diferentes práticas. Utilizando a universidade como propulsor do conhecimento periférico no intuito de tornar esse espaço mais democrático e acessível. Por isso é fundamental estar sempre aberto à troca em prol da construção do conhecimento.

Este capítulo traz a análise de como a formação superior em Dança tem sido uma opção para praticantes de Danças Urbanas. Os motivos pelos quais os praticantes optam por uma formação superior em Dança são diversos, desde já ser praticante de dança, aprofundar o conhecimento, ampliar a visão sobre o campo, busca por qualificação, entrar no mercado de trabalho, busca por reconhecimento, iniciar na docência, entre outros. Assim, os praticantes



buscam a graduação tendo um olhar para o passado a partir das práticas que já possuem e um olhar para o futuro, para os caminhos profissionais que pretendem seguir.

Dos 95 praticantes, 57 cursam licenciatura, 26, bacharelado, e 11, ambos os cursos. Isso demonstra uma predominância da licenciatura, curso mais ofertado no país. Sobre a atuação profissional que deseja exercer após a conclusão da graduação são predominantes as funções de professor, dançarino e coreógrafo. Também se percebe que muitos desejam continuar a desempenhar funções nas quais já trabalham e um desejo por atuar em múltiplas funções. Ressalto a importância de se realizar futuramente pesquisas para avaliar o campo de atuação dos praticantes de Danças Urbanas egressos dos cursos. Como esta pesquisa apontou atualmente há 17 praticantes graduados e espera-se que nos próximos 4 anos os demais também se graduem.

96% dos praticantes afirma conseguir articular a experiência de Danças Urbanas em diferentes tipos de disciplina ofertadas nos cursos, com predominância das disciplinas práticas e de criação. A abertura do professor e os tipos de disciplinas são determinantes para estabelecer relação com a prática de Danças Urbanas. Como alguns relatos apontam as conexões com as disciplinas se dão muitas vezes por um esforço do estudante em buscar essa relação. Assim, o estudante possui autonomia para buscar os conhecimentos do curso que agregarão em sua prática de Danças Urbanas. Dos 95 praticantes, 45 realizam pesquisa sobre Danças Urbanas ou fazem parte de espaços de estudos, o tipo de pesquisa mais citado foi a de TCC e o de estudo foram os projetos de extensão.

Alguns relatos evidenciam estudantes que sofreram discriminação no curso por serem praticantes de Danças Urbanas, fazendo com que trabalhos fossem alterados ou vetados, e até uma descriminalização das Danças Urbanas enquanto conjunto de técnicas de dança. Apesar disso, a maior parte dos praticantes relata não ter sofrido qualquer discriminação. Também foi possível observar uma grande resistência de praticantes externos sobre a entrada das Danças Urbanas na universidade. Os argumentos partem de um desconhecimento sobre o que seria uma graduação em Dança, medo de diminuir a prática de Danças Urbanas, receio de não serem aceitos nesse novo espaço, incerteza em relação ao retorno financeiro, por não ser necessário uma formação superior para ministrar aulas em espaços informais de ensino e argumentos de que as Danças Urbanas são da “rua” e que devem permanecer na “rua”.

Foi possível observar neste capítulo que a graduação em Dança pode auxiliar de diversos modos a formação específica do praticante de Danças Urbanas. Assim, responde ao problema desta pesquisa que é: de que maneira tem ocorrido a formação de praticantes de Danças Urbanas em cursos de graduação em Dança no Brasil? Apontando as razões que os

levam a buscar essa formação, como pretendem atuar após a conclusão da graduação, como articulam o conhecimento que já possuem com o curso, se realizam pesquisa, os preconceitos e discriminações sofridos dentro do curso e dos praticantes que estão fora dele e os diversos modos pelos quais a graduação em Dança pode contribuir para essa formação.

Destaca-se a importância do pensamento de Paulo Freire sobre a autonomia do estudante, buscando manter uma postura ativa em seu processo de formação, buscando por si mesmo as conexões com sua prática. Como os relatos apontam, esses praticantes conseguem aproveitar mais as possibilidades que o curso oferece para sua prática individual, diferentemente do estudante que se mantém de modo passivo aguardando que o curso supra suas necessidades. Talvez o que de melhor a universidade dê seja a autonomia para o estudante ter acesso aos mais diversos conteúdos e optar pelo desejo de se aprofundar.

Os relatos apontam para diversos modos de contribuição da graduação para os praticantes. Há relatos de praticantes que aproveitam o espaço da universidade para estudar e pesquisar o contexto de Danças Urbanas em que atuam. Também há relatos que apontam como as práticas desses praticantes foram alterados durante essa formação e como eles levaram os conhecimentos que foram construídos na graduação para fora desse espaço. Além disso, a qualificação desses profissionais auxilia no reconhecimento do conjunto de técnicas como prática profissional e o volume de profissionais graduados alterarão o campo que se define e se qualifica. Assim, a graduação se apresenta como um potente espaço de formação de praticantes de Danças Urbanas na ampliação de seu capital simbólico de forma rápida e aprofundada possibilitando que esse profissional possa atuar em funções diversas na área da dança. Além disso, com o aumento do capital simbólico dos praticantes suas posições no campo se alteram, bem como o modo como as hierarquias se estabelecem.

A busca por esse espaço de formação demonstra um desejo por parte dos praticantes em ampliar suas frentes de atuação e disseminar as Danças Urbanas. De acordo com os relatos, esse espaço também se apresenta receptivo a esse tipo de dança e a maioria dos cursos busca incluir cada vez mais os praticantes. É importante ressaltar que a graduação não ensina Danças Urbanas, a não ser naquelas que possuem disciplinas específicas, mas ela disponibiliza conhecimentos diversos que podem ser aplicados a essas técnicas. Ela capacita o estudante para atuar com dança e a partir de seu desejo aplicar os conhecimentos que construiu no curso em sua prática específica.

A entrada na graduação amplia as possibilidades de atuação profissional dos praticantes, pois em seus relatos afirmam desejar atuar em múltiplas funções e, com isso demonstram que sentem que a graduação os capacitará para tal atuação. Também é possível

perceber que os praticantes estão aproveitando as oportunidades que esse espaço oferece pesquisando, criando espaços de estudo, relacionando sua prática com as disciplinas, buscando diminuir o preconceito dos praticantes que estão fora da graduação etc.

Como é possível observar nos relatos, a graduação contribui de diversas formas para os praticantes de Danças Urbanas, que já concluíram o curso e para aqueles outros que ainda estão se formando. As contribuições apontadas pelos estudantes demonstram o quanto de capital adquiriram ao entrar nesse espaço de formação, as diversas frentes nas quais ampliaram seus conhecimentos e puderam atuar de forma mais consolidada. Ao considerar que as formas de atuação se efetivem, a quantidade de profissionais qualificados no campo se ampliará e com isso o campo se beneficiará, pois seus agentes terão maior capital simbólico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa realizou um levantamento de praticantes de Danças Urbanas que sejam graduados ou graduandos em Dança de 2007 a 2017 com o objetivo de analisar de que maneira esse pode ser um espaço de formação para esses praticantes. O levantamento permitiu estabelecer o perfil dos praticantes que optam por esse tipo de formação, as razões que os levam a buscar essa formação, como pretendem atuar profissionalmente após a conclusão da graduação, relações possíveis de se estabelecer com as disciplinas do curso e as contribuições dessa formação para o profissional de Danças Urbanas. A discussão se dá pela compreensão de Danças Urbanas como um campo emergente, a partir do conceito do sociólogo Pierre Bourdieu e de como o campo poderá se alterar a partir da capacitação e do aumento de capital simbólico de seus agentes. Observa-se a relação dos praticantes com o espaço de ensino da graduação a partir da ideia de pedagogia da autonomia do educador Paulo Freire.

Devido ao modo como as técnicas de Danças Urbanas surgiram, em contextos periféricos, elas foram subjugadas durante muitos anos, marginalizadas, estereotipadas, vistas como técnicas de dança inferiores às demais. Ao considerar esse contexto, o fato de os praticantes dessas técnicas buscarem o espaço formal da universidade demonstra uma alteração nos modos de se fazer Danças Urbanas. Até então, a formação se dava apenas de modo informal, em grupos, projetos sociais, igrejas, festivais, academias, entre outros, sem parâmetros preestabelecidos de ensino, assim cada espaço opta por como essa formação ocorre. Atualmente, surge uma nova geração de praticantes, aliada ao crescimento das graduações em Dança no Brasil, que opta por uma nova possibilidade de formação na busca pela profissionalização, e, conseqüentemente, uma possível desmarginalização desta dança.

Como foi discutido nesta dissertação, de acordo com o conceito de campo de Bourdieu (1989), as Danças Urbanas são um campo emergente e os praticantes que buscam a formação superior em Dança formam uma *classe* dentro desse campo. Devido à especificidade dessa formação e a partir dos relatos observa-se que a graduação aprimora os saberes dos agentes, aumenta seu capital simbólico, altera o modo como os agentes se situam no campo, a forma como as hierarquias se estabelecem e possibilita com que os agentes ocupem posições de destaque no campo. Anteriormente, apenas com muitos anos de prática e atuação no campo é que o agente adquiria capital, agora com a possibilidade da formação superior em Dança em um período de 4 anos um agente pode ampliar seu capital simbólico e ocupar uma posição de destaque no campo, auxiliando em sua consolidação

Como os relatos apontam, a graduação em Dança é uma formação que altera o fazer do agente a partir dos saberes práticos, teóricos e pedagógicos que constrói durante o curso. Assim, os saberes dos praticantes são ampliados e transformados pelos aprendizados do curso, a partir do conhecimento sobre o corpo, aumento da consciência corporal, aquisição de um senso crítico sobre o que o cerca, entendimento do contexto histórico, ampliação de suas criações em diferentes direções, discussão sobre assuntos diversos sobre arte, intercâmbio com outras áreas de conhecimento, entre outras ações que poderão modificar o fazer do praticante. Além disso, há a possibilidade de participar de grupos de estudo, de pesquisa, projetos de extensão, realizar eventos, entre outras ações que a graduação permite e estimula, possibilitando com que pessoas se reúnam para estudar temas que as interessam.

A graduação também é um espaço fundamental para quem deseja ser professor de dança, pois a licenciatura é o espaço de formação que visa a preparação do praticante para trabalhar em sala de aula. Ainda que os praticantes adquiram experiências como alunos e atuem como professores, a formação adequada se dá apenas em um curso de licenciatura por abordar os conhecimentos necessários para atuação docente. Ao aprender didáticas e métodos de ensino, além de poderem atuar como professores nos estágios obrigatórios com a supervisão de um professor.

Outro aspecto importante que a graduação possibilita é o acesso à pesquisa sobre o tema. As Danças Urbanas já produzem conhecimentos práticos e teóricos em diversos aspectos, contudo a pesquisa acadêmica permite uma análise aprofundada ao organizar e relacionar determinadas informações que muitas vezes se encontram dispersas. A pesquisa sobre Danças Urbanas permite com que se produza conhecimento sobre o assunto, pesquise e compreenda questões pertinentes em relação ao campo, promovendo sua consolidação. Ainda que existam discussões sobre determinados assuntos no campo, em uma pesquisa acadêmica existe um rigor científico a ser seguido, parte-se de um problema, criam-se objetivos, utilizam-se conceitos, testa-se uma hipótese a partir de procedimentos metodológicos sob orientação de um professor. E em alguns tipos de pesquisa, o resultado deve ser apresentado de forma pública a uma banca de pesquisadores qualificados que deverão avaliar o trabalho desenvolvido pelo estudante. Assim, existe um rigor que deve ser seguido para que aquele estudo seja válido e reconhecido academicamente. Existem outras formas de produção de conhecimento no campo, contudo destaco a pesquisa devido ao seu rigor na elaboração de um produto científico com referências levantando discussões que talvez não fossem levantadas dessa maneira em outros espaços. Como exemplo os praticantes que afirmaram realizar

pesquisas sobre metodologia do ensino de Danças Urbanas, essa metodologia servirá ao próprio campo que carece de sistematização e organização de suas informações.

O fazer do praticante se transforma, pois como os relatos apontam a graduação proporciona uma visão ampla do mercado de trabalho em dança, apresenta novas possibilidades de atuação profissional, algumas até desconhecidas pelos praticantes. Assim, essa formação qualifica o agente para atuação no mercado de trabalho em dança, seja para quem já atua ou para quem pretende iniciar trabalhos profissionais. A partir da ampliação do capital do agente, proporcionada por essa formação, as possibilidades de trabalhos formais se ampliam, assim como a oportunidade de se trabalhar em determinados espaços que exigem formação superior. Dessa forma, o objetivo de muitos estudantes ao entrar na graduação é ter acesso à trabalhos formais e obter melhores remunerações pelo trabalho em dança. Como os relatos apontam, muitos praticantes buscam uma atuação múltipla no mercado de trabalho em dança e percebem que a graduação os capacita para realizar diferentes funções.

As perspectivas profissionais dos praticantes após concluírem o curso se relacionam com o campo onde irão atuar futuramente. Agentes mais qualificados possuirão maior capital simbólico e com isso poderão ampliar sua atuação no campo em diversos sentidos, tais como: a possibilidade de construir espaços de ensino, estar em espaços de representação política, registrar a história, sistematizar as técnicas, criar metodologias de ensino etc. A qualificação dos profissionais por meio da aquisição de capital simbólico também permitirá com que eles possam ocupar espaços formais de ensino como escolas, faculdades e universidades. O modo como esses professores ensinarão se dará principalmente a partir de suas referências pessoais, construídas dentro e fora do curso, assim poderão disseminar a prática das Danças Urbanas.

A busca dos agentes por aquisição de capital simbólico aponta para uma visão das Danças Urbanas também como uma prática profissional buscando a ampliação dos espaços de formação e atuação. Com a ampliação desses espaços, pessoas que praticam essas técnicas de dança de modo informal e amador terão a oportunidade de se formar para serem profissionais da dança. Assim, pessoas que se interessam pela dança não precisarão abandoná-la para conseguir um emprego, trabalhar com dança passa a ser uma realidade não só de quem teve sorte, mas de quem deseja e trabalha para que isso aconteça. Que a dança não seja uma profissão apenas dos selecionados, escolhidos, da elite, mas que a dança e suas inúmeras técnicas possam ser o trabalho de quem desejar.

Outra questão levantada no estudo foi que a quantidade de capital econômico é determinante na busca por aquisição de capital simbólico. Agentes com maior poder aquisitivo possuem mais acesso à espaços de ensino e conseguem ampliar seus conhecimentos

de forma mais rápida. Assim, a busca pela aquisição de capital simbólico na formação superior também é por um desejo de se obter capital econômico através de empregos formais e trabalhos melhores remunerados.

Infelizmente a dança ainda não é amplamente reconhecida como prática profissional, prova disso é a instabilidade da profissão, as baixas remunerações, falta de contratos fixos, direitos trabalhistas e leis que protegem esse profissional. Ainda é muito comum que a dança não seja vista como um trabalho e que se solicite serviços sem remuneração. Principalmente por sermos regulamentados por uma lei de 1978 que não possui atualizações. Assim, a busca dos praticantes por se qualificarem aponta para um desejo de profissionalização do campo. Profissionais mais qualificados poderão exigir remunerações adequadas, valorização da profissão, espaços de formação diversa, sistematização das técnicas, estabilidade, qualidade de empregos e direitos trabalhistas. A dança já se organiza pela valorização da sua profissão há longos anos, contudo ainda há muito a ser feito. É um trabalho duro, lento, e muitas vezes há retrocessos.

No sentido do pensamento de Paulo Freire que defende a autonomia do estudante na busca pelo conhecimento, o que a graduação em Dança pode oferecer de mais proveitoso é ser esse espaço de autonomia para que o estudante busque o que mais lhe interessa. Por isso, como os relatos apontam, a importância de se buscar o conhecimento e não apenas aguardar passivamente que o professor o deposite. Assim, os praticantes que desejam ter uma atuação múltipla, também deverão buscar uma formação múltipla que atenda às necessidades dos caminhos que desejam seguir.

Esse trabalho é uma chamada de atenção para os agentes das Danças Urbanas e da Cultura Hip Hop, algumas técnicas de dança já se organizaram e conquistaram seu espaço. Cabe a nós, mais uma vez, nos organizarmos e buscarmos o nosso. A entrada dos praticantes nas graduações em Dança demonstra uma mobilização e um interesse desses praticantes pela formação e pela busca das Danças Urbanas como prática profissional. Como os dados apontam, essa formação têm sido escolhida, em sua maioria, por jovens, jovens esses que sairão na frente, pois já possuem uma visão a longo prazo, já estão se capacitando para atuar no mercado. Deixo como provocação que realizem pesquisas futuramente com o intuito de observar de que modo os egressos dos cursos estão atuando no mercado de trabalho em dança, e, desse modo, observar efetivamente as alterações provocadas por eles no campo a partir da ampliação de seu capital.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Daniella de. **Sobre treinamentos técnicos de dança como coleções de artefatos cognitivos**. 2008. 119f. Dissertação (Mestrado em Dança) – Escola de Dança, Programa de Pós-graduação em Dança, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

ALVES, Ana Paula Almeida. Mulheres na dança do movimento hip hop: a construção do sujeito reflexivo a partir de uma nova pedagogia de gênero. **Revista Gênero**, Niterói, v. 10, n. 1, 2009. Disponível em: <http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/35>. Acesso em: 25 março 2018.

ALVES, Ana Paula Almeida. Mulheres no break: a dança do movimento hip hop numa comunidade pobre da cidade do Rio de Janeiro. **Fazendo gênero 8 - corpo, violência e poder**. Florianópolis, 2008. Disponível em: [http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST43/Alves\\_Votre\\_43.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST43/Alves_Votre_43.pdf). Acesso em: 05 maio 2019.

AQUINO, Rita Ferreira de. **A constituição do campo acadêmico da dança no Brasil**. 2008. 145f. Dissertação (Mestrado em Dança) – Escola de Dança, Programa de Pós-graduação em Dança, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Lisboa: Difel, 1989. 314p.

BRANCO, A. L. C.; BONTEMPO G. C.; SARAIVA A. C. L. C.; AMARAL S. C. S. O processo de escolha por um curso superior após a “Lei de cotas” e o ENEM/SISU: o caso dos cursos de licenciatura da UFV campus Viçosa. **REBES – Revista Brasileira de Ensino Superior**, Viçosa, v. 2, n.1. 2016. Disponível em: <https://seer.imed.edu.br/index.php/REBES/article/view/1213>. Acesso em: 02 maio 2019. <https://doi.org/10.18256/2447-3944/rebes.v2n1p21-33>

BRASIL. Ministério da Educação. **Instituições de Ensino Superior Cadastradas**. Disponível em: <http://emec.mec.gov.br/>. Acesso em: 27 janeiro 2018.

CONTREIRAS, Clarice Nunes Muniz. **Mercado de trabalho e perfil profissional: egressos da Escola de Dança/ UFBA**. 2002. 80f. Dissertação (Mestrado em Dança) – Escola de Dança, Programa de Pós-graduação em Dança, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Tradução de Luciana de Oliveira da Rocha. Porto Alegre: Artmed, 2007. 248 p.

SANTOS, Vanessa G. **Danças Urbanas no Brasil: terminologias, festivais e profissionalização**. 2016. 142 f. Monografia (Graduação em Dança) - Instituto de Artes, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016.

GUARATO, Rafael. **Dança de rua: corpos para além do movimento** (Uberlândia – 1970-2007). Uberlândia: EDUFU, 2008. 238 p. <https://doi.org/10.14393/EDUFU-978-85-7078-205-2>



LAKKA, Vanilton. **As danças urbanas nas universidades brasileiras**. 25 jan. 2016. Disponível em: <http://idanca.net/as-dancas-urbanas-nas-universidades-brasileiras>. Acesso em: 25 janeiro 2018.

LEAL, Sérgio José de Machado. **Acorda hip-hop! : despertando um movimento em transformação**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007. 458 p.

MOLINA, Alexandre José. **(Im)pertinências Curriculares nas Licenciaturas em Dança no Brasil**. 2008.131f. Dissertação (Mestrado em Dança) – Escola de Dança, Programa de Pós-graduação em Dança, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

PARANHOS, R. *et al.* Uma introdução aos métodos mistos. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 18, n. 42, 2016. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-45222016000200384&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222016000200384&lng=en&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 02 maio 2019. <https://doi.org/10.1590/15174522-018004221>

PIMENTEL, Spensy. **O livro vermelho do hip hop**. São Paulo, 1999. Disponível em: <[http://www.bocadaforte.com.br/acervo/site/?url=biblioteca\\_detalhes.php&id=12](http://www.bocadaforte.com.br/acervo/site/?url=biblioteca_detalhes.php&id=12)>. Acesso em: 15 abril 2016.

RIBEIRO, Ana Cristina; CARDOSO, Ricardo. **Dança de rua**. Campinas, SP: Átomo, 2011. 144 p.

SANTOS, Éderson Costa dos. **Um jeito masculino de dançar: pensando a produção das masculinidades de dançarinos de hip hop**. 2009. 124 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

SILVA, Ana Cristina Ribeiro. **Dança de Rua: do ser competitivo ao artista da cena**. 2014. 297f. Dissertação (Mestrado em Artes da Cena) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

VIEIRA, Marcílio de Souza. **A Dança em Cena: reflexões para o ensino superior de dança**. **Dança**, Salvador, v.4, n. 1, 2015. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistadanca/article/view/15084>. Acesso em: 25 março 2018.

YOSHINAGA, Gilberto. **Nelson Triunfo: do sertão ao hip-hop**. São Paulo: LiteraRUA, 2014. 368 p.

## **APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO DO LEVANTAMENTO DOS PRATICANTES DE DANÇAS URBANAS GRADUADOS OU GRADUANDOS EM DANÇA NO BRASIL**

1. Nome Completo:
2. Email:
3. Idade:
4. Sexo: ( ) feminino ( ) masculino \_\_\_\_ Outro
5. Cidade e estado onde nasceu?
6. Cidade e estado onde vive?
7. Há quanto tempo pratica dança?
8. Em qual instituição você cursa ou cursou Dança?
9. Em que ano ingressou?
10. De qual processo seletivo você participou para ingressar na graduação?
11. Havia a exigência de certificação em habilidade específica: ( ) sim ( ) não
12. Você já concluiu a graduação? Se sim, em que ano?
13. Caso ainda esteja cursando, em que período você está?
14. Você cursa ou cursou licenciatura e/ou bacharelado? Como se deu sua escolha?
15. Você possui alguma bolsa de assistência estudantil, de pesquisa ou de extensão? Se sim, quais e em que projetos?
16. Por que você decidiu realizar uma formação universitária em dança?
17. Há algum professor na graduação que tenha conhecimento e/ou experiência em Danças Urbanas? Se sim, cite o nome.
18. Nas disciplinas você consegue relacionar a sua prática em Danças Urbanas e os conteúdos ministrados? Se sim, em quais tipos de disciplinas é possível estabelecer essa conexão? (Disciplinas de técnica, criação, teoria, estágio pedagógicas, outras)
19. Você ou outros estudantes do curso já produziram algum evento ou ação de Danças Urbanas no curso? Se sim, descreva brevemente a atividade.
20. Você realiza alguma pesquisa (iniciação científica, TCC, grupo de estudos, grupo de pesquisa) ou projeto de extensão relacionado às Danças Urbanas na universidade? Se sim, qual é o projeto ou atividade? O professor orientador possui algum conhecimento em Danças Urbanas?
21. Como você percebe a recepção de seu curso com os praticantes de Danças Urbanas? Você sofreu algum tipo de preconceito ou discriminação durante o curso por ser das Danças Urbanas? Poderia relatar algum exemplo? Observação: sua identidade será preservada!
22. Você mantém algum tipo de prática em Danças Urbanas fora da universidade? De que tipo (aula, grupo, treino, competição, outros)? Com que frequência?
23. Você já sentiu algum tipo de resistência dos praticantes do seu contexto fora da universidade em relação a entrada na universidade? Se sim, de que maneira?
24. Como você atua ou pretende atuar profissionalmente na área da Dança (coreógrafo(a), dançarino(a), produtor(a), professor(a), crítico(a), pesquisador(a), jurado(a) etc.)?
25. Na sua opinião, a graduação em Dança contribui ou contribuiu para a sua formação profissional em Danças Urbanas? Se sim, de que maneira? Se não, por quê?

## APÊNDICE B – GRADUAÇÕES EM DANÇA NO BRASIL

FONTE: <http://emec.mec.gov.br/>

<b>Região Norte</b>			
<i>Amazonas</i>	Universidade do Estado do Amazonas - UEA	Manaus	Licenciatura e Bacharelado
<i>Pará</i>	Universidade Federal do Pará - UFPA	Belém	Licenciatura
<b>Região Nordeste</b>			
<i>Ceará</i>	Universidade Federal do Ceará - UFC	Fortaleza	Licenciatura e Bacharelado
<i>Rio Grande do Norte</i>	Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN	Natal	Licenciatura
<i>Paraíba</i>	Universidade Federal da Paraíba - UFPB	João Pessoa	Licenciatura
<i>Pernambuco</i>	Universidade Federal de Pernambuco - UFPE	Recife	Licenciatura
<i>Alagoas</i>	Universidade Federal de Alagoas - UFAL	Maceió	Licenciatura
<i>Sergipe</i>	Universidade Federal de Sergipe - UFS	Laranjeiras	Licenciatura
<i>Bahia</i>	Universidade Federal da Bahia - UFBA	Salvador	Licenciatura (2) e Bacharelado
	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB	Jequié	Licenciatura
<b>Região Centro-Oeste</b>			
<i>Distrito Federal</i>	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília - IFB	Brasília	Licenciatura
<i>Goiás</i>	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - IFG	Aparecida de Goiânia	Licenciatura
	Universidade Federal de Goiás - UFG	Goiânia	Licenciatura
<b>Região Sudeste</b>			
<i>Minas Gerais</i>	Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG	Belo Horizonte	Licenciatura
	Universidade Federal de Uberlândia - UFU	Uberlândia	Bacharelado
	Universidade Federal de Viçosa - UFV	Viçosa	Licenciatura e Bacharelado
<i>Rio de Janeiro</i>	Faculdade Angel Vianna - FAV	Rio de Janeiro	Licenciatura e Bacharelado
	Universidade Cândido Mendes - UCAM	Rio de Janeiro	Licenciatura
	Universidade Estácio de Sá - UNESA	Rio de Janeiro	Licenciatura

	Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ	Rio de Janeiro	Licenciatura e Bacharelado (2, sendo um em Teoria da Dança)
<i>São Paulo</i>	Centro Universitário Metrocamp Wyden - UniMetrocamp Wyden	Campinas	Bacharelado
	Centro Universitário Sant'Anna – UNISANT'ANNA	São Paulo	Licenciatura
	Faculdade de São Caetano do Sul	São Caetano do Sul	Licenciatura
	Faculdade Paulista de Arte - FPA	São Paulo	Licenciatura
	Universidade Anhembi Morumbi	São Paulo	Licenciatura e Bacharelado
	Universidade de Sorocaba - UNISO	Sorocaba	Licenciatura
	Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP	Campinas	Licenciatura (2) e Bacharelado (2)
<b>Sul</b>			
<i>Paraná</i>	Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR	Curitiba	Licenciatura e Bacharelado
<i>Santa Catarina</i>	Faculdade Pinhalzinho - HORUS	Pinhalzinho	Licenciatura
	Universidade Regional de Blumenau	Blumenau	Licenciatura
<i>Rio Grande do Sul</i>	Universidade de Caxias do Sul - UCS	Caxias do Sul	Tecnológico
	Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS	Montenegro	Licenciatura
	Universidade Federal de Pelotas - UFPel	Pelotas	Licenciatura (2)
	Universidade Federal de Santa Maria - UFSM	Santa Maria	Licenciatura e Bacharelado
	Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS	Porto Alegre	Licenciatura